ANTONIO CABRAL

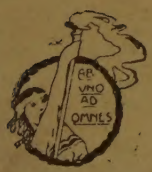
UNIV. OF ARIZONA
869.3 C34Z C11 mn
Cabral, Antonio/Camillo e Eca de Queiroz
3 9001 03979 6019

Camillo

e

Eça de Queiroz

CARTAS INÉDITAS DE CAMILLO
—OS PLAGIOS DE EÇA



COIMBRA EDITORA, L.DA
ANTIGA CASA FRANÇA &
ARMÉNIO — COIMBRA, 1924

CAMILLO E EÇA DE QUEIROZ

OBRAS DO AUCTOR

Ó Fabia que fôste Fabia!... Peça em 3 actos e 6 quadros, em verso, representada pelo curso do 5.º anno juridico de 1885 a 1886.

Na terra da amendoa doce. Farça em 1 acto. — 1894.

Relatorio e propostas de lei sôbre as nossas colonias. — 1909.

Camillo de perfil. Traços e notas. — 1914 (1.ª edição, esgotada).

Eça de Queiroz. A sua vida e a sua obra. — 1916 (1.ª edição, esgotada).

Camillo desconhecido. Erros que se emendam e factos que se aclaram. — 1918.

Eça de Queiroz. A sua vida e a sua obra. — 1920 (2.ª edição, com novo prefacio e notas inéditas).

Terras longinquas. Impressões de viagem. Notas de Historia. — 1921.

Camillo de perfil. Traços e notas. — 1922 (2.ª edição, com novo prefacio e notas inéditas).

Alexandre Cabral. Memorias politicas. Homens e factos do meu tempo. — 1923.

Resposta a uma carta aberta. — 1923.

Camilo e Eça de Queiroz. Cartas inéditas de Camillo. Os plagios de Eça. — 1924.

EM PREPARAÇÃO

As minhas memorias politicas.

Camillo Castello-Branco

ANTONIO CABRAL

CAMILLO

E

EÇA DE QUEIROZ

CARTAS INÉDITAS DE CAMILLO
—OS PLAGIOS DE EÇA

«COIMBRA EDITORA, L.DA»
ANTIGA CASA FRANÇA &
ARMÉNIO — COIMBRA, 1924

UNIVERSITY OF ARIZONA
LIBRARY

Tipografia da
COIMBRA EDITORA, LIMITADA
Avenida do Arnado (Edifício próprio)
1924

869.3
C34Z
C11

A minha prima e cunhada

D. Maria Adelaide Pereira de Vasconcellos
de Sousa e Menezes (Leiria)

PREFACIO

...Arcades ambo:
Et cantare pares et respondere parati.
VIRGILIO — *Bucolicas* (Ecloga VII)

Camillo e Eça de Queiroz. Estes dois nomes, aureolados de luz, interessaram sempre a minha intelligencia e sempre excitaram a minha curiosidade. Exaltaram constantemente o meu enthusiasmo. Apaixonaram-me.

São elles, na moderna literatura portugueza, os meus auctores predilectos. Mas, por serem os mais amados, não se supponha que deixo de enxergar e de reconhecer os seus defeitos.

Volto a occupar-me dos dois grandes escriptores. Tendo eu obtido cópia de

cartas inéditas de Camillo e assistindo-me o direito — talvez obrigando-me o dever — de reforçar as provas dos plagios de Eça, não me absolveria a mim proprio da culpa imperdoavel de deixar na escuridão pedaços de prosa do primeiro e de não documentar com mais clareza os lamentaveis peccadilhos do segundo. Não se extranhe, pois, que, em contrario do meu proposito decidido, eu venha trazer a publico mais um volume sôbre Camillo e Eça de Queiroz. Aquellas razões, alem d'outras, de pouca monta para os que me lerem, mas de muita para mim, levaram-me a escrever as paginas d'este livro.

Camillo foi um desgraçado sem egual! A sua vida inquieta decorreu n'um inferno de dôres e de tormentos. Creio que nem na mocidade, no tempo das illusões douradas, a ventura o bafejou. Se a teve, n'esses dias em que a vida devia ser para elle uma radiosa aurora de esperanças, nem deu por ella, tão rapida passou... Quando se é feliz, só raramente se pensa

no bem que se disfructa ou na causa d'essa felicidade; mas quando a sorte muda e a felicidade se torna em desdita, o pensamento quasi se não aparta da causa da nossa desgraça. É como a saude: se a gozamos, não pensamos n'ella; se a perdemos, só d'ella constantemente nos lembramos.

A felicidade é a saude da alma. Como havia de ser saudavel a alma de Camillo, se a boa fortuna jámais o acalentou? Seria elle feliz na juventude? Se o foi, não pensou na sua ventura fugaz, para só recordar o drama do seu infortunio quando o destino adverso e a doença implacavel lhe fizeram da existencia um martyrio atroz! Com o remedio do tempo, rara é a dôr de que a alma se não consola ou a ferida de que o coração se não cura. Pois, com o dobar do tempo, mais agudas se tornavam as dôres d'alma de Camillo e com mais violencia sangravam as feridas do seu coração.

O seu coração!... A um dos espiritos mais gentis que tenho conhecido, ouvi

dizer, um dia, que se não póde viver sem um coração amigo ao qual confiemos as nossas maguas, as nossas alegrias, as nossas desventuras e as nossas tristezas. É certo. Sem esse coração amigo, a pulsar junto de nós, a vida é um deserto horrivel, em que o nosso ser sossobra, vergado ao peso da solidão e do desconforto. Camillo teria sentido alguma vez latejar perto de si esse coração amigo?...

O de Anna Placido — dir-me-hão.

Anna Placido!... *A mulher da paixão* morreu, logo que a paixão esfriou: está escripto nas paginas finaes d'esse livro admiravel que se intitula *No Bom Jesus do Monte*. Está escripto ainda pela mão nervosa de Camillo em cartas inéditas, que os meus olhos leram e se me afiguram prova deploravel de que essa infeliz mulher o «acorrentou a um cadafalso de supplicios ignominiosos». Qual foi, portanto, o coração amigo que o romancista encontrou junto do seu?

Tal coração nunca existiu. O grande

desgraçado, na sua via dolorosa, no seu caminho de amarguras, nem o consôlo teve d'um coração amigo!

A contrastar a vida de Camillo, agitada e tragica, a de Eça de Queiroz foi serena e placida como um rio que deslisa, manso e límpido, por entre a frescura deliciosa d'uma tranquilla campina. Esse, sim: esse, teve, a par do seu, um coração amigo, que lhe foi doce companhia, e seu confidente e seu amparo e seu refugio. Esse, após os dias alegres da mocidade, em Coimbra, a que se seguiram os annos descuidados do seu viver em Lisboa, sentiu o prazer das viagens, conheceu longinquas terras, satisfez a curiosidade ardente de ver e percorrer novos mundos, até que «a sua vida emfim se aquietou n'um condado rural da Inglaterra» e depois n'esse Paris tão amado, onde o seu espirito brilhante despertou do sonho magico das suas doces illusões...

Illusões que a França lhe dera, illusões que a França lhe roubou.

*

* *

Camillo, á similhança de Balzac, era d'uma fluencia torrencial, d'uma producção espantosa! A opulencia e a belleza da sua linguagem são incomparaveis. Eça, como Flaubert, trabalhava a prosa com a paciencia benedictina d'um joalheiro da Edade-Media. É dominador o encanto do seu estylo. Camillo encarnou em si o genio da nossa lingua, Eça a sua graça e a sua gentileza.

Camillo foi um narrador eximio, Eça um observador perspicaz. Aquelle, era um apaixonado; este, um psychologo. O primeiro, chorava e ria; o segundo, sorria sempre. Ao sarcasmo contundente e mordaz de Camillo, oppunha-se a ironia fina e leve de Eça de Queiroz. Ambos artistas: um amoroso, voluptuoso o outro.

Ambos creadores: um, deu-nos o Calisto Eloy; o outro, legou-nos o Conselheiro Accacio. Para os dois, a belleza era o ideal, a lei suprema, a suprema aspiração. Camillo aperfeiçoou e alindou a lingua portugueza, boleando as locuções, modernizando os archaismos, emprestando sonoridade e elevação á prosa. Eça deu-lhe fórmas novas, malleabilidade, graça e colorido, brilhando no seu estylo musical esmaltes preciosos, que dão relevo e tom á esbelteza e á elegancia das phrases.

Tiveram defeitos? — Sem duvida. Camillo, exaggerado na satira e impetuoso na polemica, mal seguro em muitos pontos de Historia, desceu, por vezes, á banalidade em alguns dos seus romances. A versatilidade das suas opiniões traduz a inconstancia do seu caracter. A sentimentalidade doentia revela-se-lhe na obra irregular e desegual. Eça de Queiroz, um pouco sceptico, amando e cultivando o paradoxo, de limitada erudição, abastar-

dou a lingua portugueza, polvilhando-a de gallicismos, de francezias. Plagiou. Foi um demolidor, que tinha obrigação de indicar os remedios para os males que censurava, e não cumpriu esse dever. Escreveu muitas paginas em que, escusadamente, deixou a moral a escorrer sangue...

Devem attribuir-se á epoca, em que viveram, as imperfeições de que são arguidos os dois grandes escriptores? — Não! A ser verdadeira e plausivel tal justificação, não haveria culpas que podessem ser lançadas á conta dos escriptores, dos philosophos, dos poetas — de todos os que, por qualquer manifestação do talento e até da actividade humana, se distinguiram e sobrelevaram a charra vulgaridade. Das suas pechas, dos vicios que os maculassem, seriam sómente responsaveis a sua epoca, o seu tempo, o seu meio! Sustentar tão errada theoria é diminuir e apoucar os artistas, os homens que, pelo seu valor, se enobreceram

e se notabilizaram. A epoca e o meio podem concorrer, em parte, para os defeitos de quem á Arte se dedica; mas imputar-lhes toda a responsabilidade d'esses defeitos, sem attender á liberdade do artista, é considerar este sem originalidade, sem personalidade propria, incapaz de resistir a pressões ou a suggestões de qualquer natureza.

Não póde ser!

Os defeitos de Camillo e de Eça de Queiroz sobrepujam e apagam o alto valor das brilhantes qualidades dos dois notabilissimos escriptores? — De modo algum! Como em tudo o que é humano, como em tudo o que, na phrase do sombrio personagem de Shakspeare, « se torna em pó e o pó é terra e da terra se fórma a argila », na obra e na acção do auctor do *Amor de perdição* e do *Primo Bazilio*, encontram-se, incontestavelmente, falhas, erros, máculas, imperfeições; mas, em troca de tudo isto, que belleza, que variedade de tons e de côres, que harmonia, que sono-

ridade, que riqueza, que opulencia de estylo! Quanta graça, elevação e magestade em muitas paginas dos livros d'um e d'outro! Nobres conceitos, sãos raciocinios, boa doutrina, lições aproveitaveis, devemol-as, sem duvida, aos dois insignes romancistas.

Mestres na analyse, precisos no commentario, incomparaveis nas caricaturas que tracejavam, humoristas, criticos, phantasistas, Camillo Castello-Branco e Eça de Queiroz souberam altamente honrar as letras do seu paiz.

*

* *

Pouco mais de um anno falta para que um seculo se dóbe sôbre o nascimento de Camillo. Deixará Portugal que esse seculo se feche sem que á memoria do grande escriptor sejam prestadas as

homenagens que lhe são devidas? Terminará esse largo periodo de cem annos sem que n'uma praça de Lisboa se alevante o monumento que perpetue a figura singular, o vulto genial do auctor de tantas paginas maravilhosas?

Quero crer que tal não succederá.

Ainda não ha muito tempo, em França, celebrou-se o centenario de Pasteur, que bem mereceu do seu paiz e de todo o mundo, pelo que fez em favor da humanidade. A cada passo se lêem noticias de cerimonias e festas commemorativas do centenario de homens illustres.

Que faremos nós, que fará a patria de Camillo, no centenario do seu nascimento?...

Eça de Queiroz já tem a sua estatua n'uma praça da capital. Bello monumento, coberto pela sombra leve e carinhosa das folhas espatuladas das palmeiras, que se entrelaçam e cruzam para formar a corôa de gloria que cinge a fronte do inclito

romancista. Fez-se justiça, entregando-se á guarda da Verdade vigilante o busto do auctor primoroso da *Correspondencia de Fradique Mendes*.

E Camillo?...

Não será digno d'um monumento, erecto na terra onde elle nasceu, o gigante que compoz esses poemas em prosa que se intitulam *Novellas do Minho?* Não ganharia direito a uma estatua, levantada por subscripção nacional, o grande escriptor portuguez, que, no justo dizer de Fialho de Almeida, « fez da lingua dura dos *cronicons* um instrumento sonoro, maravilhoso, elastico e vibrante, exprimindo á nossa moda, fazendo chorar, fazendo pensar, fazendo rir... »?

Não! A ingratidão d'um povo não póde ir até ao cumulo de deixar para sempre em aberto a divida que ainda hoje está por pagar ao glorioso auctor de tantos volumes, em que a lingua portugueza canta e ri como nunca outra penna a fez cantar, soluçar e rir em paginas de livros

nossos. E fundida em bronze ou esculpida em marmore, a estatua de Camillo, e posta a ornamentar uma praça, um largo, um jardim da capital, Lisboa poderá orgulhar-se de possuir a dentro dos seus muros os monumentos dos dois mais notaveis romancistas portuguezes.

Lisboa, Janeiro de 1924.

PRIMEIRA PARTE

CAMILLO

CAPITULO I

CAMILLO

> ... admiro sem reserva em V. Ex.ª o ardente Satyrico, neto de Quevedo, que põe ao serviço da sua apaixonada misanthropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular.
>
> EÇA DE QUEIROZ. — *Carta a Camillo Castello Branco.*

Camillo Castello-Branco, em meu parecer, é o maior escriptor portuguez de todos os tempos. Nenhum estylo se avantaja ao seu estylo, não ha graça superior á sua graça, nem condão de fazer chorar que se compare a este seu condão. Camillo — contradição suprema! — foi o Riso, a Gargalhada, e foi, ao mesmo tempo, a Dôr e a Amargura.

Os livros que ácêrca de Camillo se teem escripto, formam já uma avultada bibliotheca. E a cada hora veem ahi á publicidade mais livros, que teem por thema a vida agitada e a

obra vastissima do glorioso romancista. Não é significativa esta insistencia dos «estylistas em se preoccuparem com a sua vida e os seus recursos de Artista», como elle, em carta que escreveu ao illustre conego Senna Freitas, previu que viria a succeder depois da sua morte? Não é esta a prova mais completa e mais evidente de que o genio de Camillo impressiona, como o de nenhum outro escriptor portuguez, a alma sentimental dos que falam e escrevem a lingua harmoniosa que elle tanto engalanou e bruniu?

Teem sido publicadas centenas de cartas de Camillo Castello-Branco. E novas cartas apparecem! A sua obra tem sido esmiuçada, analysada com cuidado, examinada com attenção. A vida tem-lhe sido basculhada febrilmente, em minuciosas investigações, n'uma ancia de se inundarem de luz todos os recantos escuros da existencia do grande e desventurado trabalhador das letras. Que quer isto dizer? Não serão estes factos demonstração cabal de que o auctor do *Amor de perdição* é o mais notavel, o mais singular, o mais interessante dos nossos escriptores? Não provam que elle é o escriptor nacional por excellencia?—Sem duvida! Em Camillo nada ha de estrangeirismo: nem na sua linguagem opulenta e

magnifica, nem nas suas novellas, nem nos seus typos, todos de cunho e molde absolutamente portuguezes.

Comtudo, lances ha na vida de Camillo, apesar de tantos volumes que sôbre ella se teem escripto, que se acham mal esclarecidos, para não dizer que são de todo ignorados. Não conheço vida de escriptor que tão assoalhada tenha sido como a d'elle: pois ainda é mal conhecida! Porquê? — Porque não ha hoje maneira de aclarar alguns factos passados na sua primeira infancia, ou na sua remota mocidade. Succede sempre assim, quando se trata da biographia dos homens illustres: como se não póde prever que elles venham a tornar-se celebres, desprezam-se, deixam-se perder, os elementos esclarecedores do alvorecer da sua existencia. Quando, mais tarde, os biographos pretendem reconstituir a epoca dos principios da vida d'um varão illustre, vêem-se enredados em difficuldades, algumas das quaes insuperaveis.

Examinemos alguns pontos obscuros da biographia de Camillo.

— Quem era a mãe do romancista e qual era o seu verdadeiro nome?

— Qual foi a casa em que nasceu Camillo?

— Quantas vezes veio elle de Traz-os-Montes a Lisboa, na sua mocidade?

— Seria exacto o caso da exhumação do cadaver da Maria do Adro?

— Em que anno e em que baile do Porto explodiu a paixão de Camillo por Anna Placido?

*

* *

Quem era a mãe de Camillo? Como se chamava?

Ha quem presuma que ella era senhora nobre, natural dos Açôres e casada, tendo sido, talvez, raptada por Manoel Joaquim Botelho Castello-Branco, pae do romancista. Tambem ha a supposição de que ella não fôsse nobre, mas sim serventuaria e símples amante de Manoel Botelho.

Quanto ao nome, a meu ver, o verdadeiro era este: Jacintha Rosa do Espirito Santo. Para tal affirmar, fundo-me no assento do obito do pae de Camillo, que publiquei a paginas 21 do meu livro *Camillo desconhecido*. Consta d'esse documento que o fallecido era viuvo de Jacintha Rosa do Espirito Santo. E' certo que no assento do obito da mãe do eminente escriptor se lê que ella se chamava apenas D. Jacintha

Rosa. Mas, certamente, as indicações necessarias para se lavrar este ultimo assento foram dadas pelo pae de Camillo, que tinha interesse, fôsse pelo que fôsse, em occultar o nome exacto da fallecida, e por isso lhe attribuiu apenas o nome proprio, Jacintha, e o sobrenome, Rosa, sem mencionar o appellido. Quando, porem, se finou Manoel Botelho Castello-Branco, quem deu as indicações, indispensaveis para o respectivo assento d'obito, conjecturo que fôsse pessoa que nenhuma conveniencia tinha em esconder o nome da mãe dos filhos do defuncto; e é assim que n'este assento apparece o nome de Jacintha Rosa do Espirito Santo, que eu, pelo motivo que deixo exposto, julgo ser o nome exacto, verdadeiro e completo da mãe de Camillo.

No meu livro *Camillo desconhecido*, escrevi que o insigne romancista «nasceu em Lisboa, a 16 de março de 1825, parecendo não haver duvida que foi na casa do Largo do Carmo, cuja frontaria ostenta uma pobre lapide, bem pouco digna do facto importantissimo que commemora». Este modo de me exprimir traduzia a falta de certeza, que eu tinha, de que fôsse na casa do Largo do Carmo que nasceu Camillo. Se tivesse essa certeza, faria uma affirmação positiva.

A casa que ostenta a desgraciosa lapide — que estava errada, e soffreu emenda depois que, no meu livro *Camillo de perfil*, apontei o erro grosseiro — passou sempre por ser aquella em que nasceu o grande escriptor. O sr. Alberto Pimentel, em nota de paginas 79 do seu livro *A primeira mulher de Camilo*, informa que o romancista sempre lhe affirmára «terem-lhe dito que nasceu na casa do Largo do Carmo, onde vemos hoje a lapide comemorativa».

Surgem, porem, agora, duvidas fundadas, ácêrca do direito que se arroga a casa do Largo do Carmo de exhibir a lastimosa lapide que a condecora e illustra. Parece que á data do nascimento de Camillo, o pae, Manoel Botelho Castello-Branco, residia em uma casa da rua da Rosa. Se tal se provar, mudé-se para esse predio a lapide que elle merece, mas, por Deus! que esse documento de marmore seja menos feio e menos pobre do que aquelle que hoje causa engulhos aos admiradores de Camillo que transitam pelo Largo do Carmo.

Aqui fica este meu requerimento. Espero receber mercê.

No meu livro *Camillo desconhecido*, dou como assente que por tres vezes Camillo veio de Traz-os-Montes a Lisboa, depois que, por morte do pae, para lá foi mandado pelo tutor.

A primeira vez, teria sido em 1837, a segunda em 1840 e a terceira em 1843. A' falta d'outras provas, pelo que toca ás duas primeiras viagens, baseei o meu asserto no que é narrado pelo proprio Camillo no seu livro *No Bom Jesus do Monte* — « 1835 » —, e em dois folhetins, intitulados *Memorias*, por elle publicados no jornal portuense *O Nacional*, de 15 e 16 de janeiro de 1850. A vinda de Camillo a Lisboa em 1843, acha-se amplamente provada pela abertura do seu signal, em 29 de setembro d'esse anno, no cartorio do tabellião Barreto Saldanha, descoberta pelo sr. dr. Custodio José Vieira, como póde ver-se no opusculo d'este devotado camillista, que tem por titulo *Uma carta de Camilo na biblioteca da Ajuda*.

Quando escrevi o meu livro *Camillo desconhecido*, publicado em 1918, ainda não tinha vindo a lume a bella obra do dr. Maximiano Lemos, *Camilo e os médicos*, que só viu a luz publica dois annos depois, em 1920. Impossivel me era, portanto, conhecer a carta dirigida por Camillo a Freitas Fortuna, em 1 de setembro de 1889, exarada pelo dr. Maximiano Lemos a paginas 626 do seu livro. N'essa carta, Camillo escreve, referindo-se aos *Delictos da mocidade:*

«N'essa edade vim para Villa Real para a «companhia de uma tia. O meu amigo conta «um facto que eu devo reconstituir por não «ser bem exacta a historia d'elle como eu a «contei humoristicamente. Quando eu fugia «para Lisboa aos 14 annos de edade, fui man- «dado agarrar por essa minha tia em uma «hospedaria da Serra do Marão e voltei para «Villa Real.....

«Quando fui a Lisboa pedir ao conselho de «familia que me permittisse vender inscripções «para me formar em direito, já eu contava «18 annos.....»

Esta carta é esclarecedora. Desde que a conheço, estou convencido de que o grande escriptor não veio a Lisboa em 1837, nem em 1840, mas sim apenas em 1843, quando tinha dezoito annos.

Vejamos agora o caso da exhumação do cadaver da Maria do Adro.

E' sabido que em Villarinho da Samardã Camillo se travou de amores com uma pobre rapariga, chamada Margarida Maria Dias, mais conhecida por Maria do Adro, por ter residido, durante algum tempo, junto do adro da egreja d'aquella aldeia, em companhia de sua mãe e de sua irmã Marianna. Sahindo de Villarinho

da Samardã, Camillo foi dar, um dia, ao Porto, onde se matriculou na Escola Medica. Succedeu isto em outubro de 1843. Em julho de 1844, fez os seus actos de chimica e de anatomia, e partiu, sem demora, para Villarinho da Samardã, onde recebeu a dolorosa noticia de que a triste Maria do Adro morrêra no mez anterior.

Convidado por seu cunhado, o medico Francisco José d'Azevedo, a preparar um esqueleto, e sabendo que o cadaver que para esse fim deviam desenterrar era o da Maria do Adro, Camillo de prompto se prestou a ser cumplice do crime de profanação de sepultura. Em paginas admiraveis, refere elle a scena tragica da exhumação e conta que o corpo resequido da infeliz rapariga foi lançado n'um cesto e conduzido pelo cunhado e por elle, logo que anoiteceu, para uma mina sêcca, na margem do rio Corgo, que deslisa, manso e sereno no verão, irado e espumante no inverno, pouco abaixo das ultimas casas de Villarinho da Samardã. A' dissecção do cadaver já Camillo não pôde ajudar, porque a febre que d'elle se apossou obrigou-o a recolher-se ao leito, onde esteve oito dias, com a cabeça envolvida em pannos ensopados em vinagre.

Ha quem sopponha que n'estes amores de

Camillo com a Maria do Adro e no desenterro do cadaver da desgraçadinha, entra, em muito, a phantasia do romancista. E' possivel que assim seja. Mas o meu amigo e collega, conselheiro Antonio d'Azevedo Castello-Branco, sobrinho de Camillo e filho de Francisco José d'Azevedo, mais de uma vez me disse que ainda viu, na casa de Villarinho da Samardã, onde nascêra, o craneo da Maria do Adro, e que os ossos da malaventurada foram escondidos debaixo da cama de seu tio e padrinho, P.e Antonio d'Azevedo, que não dera credito ao boato que corrêra na aldeia de que o cadaver fôra desenterrado. Teve, porem, de ceder á evidencia, porque, uma noite, um cão, entrando-lhe no quarto, sem ser presentido, sahiu debaixo do leito com um femur atravessado na bôcca. Padre Antonio viu então os ossos da infeliz, dentro d'um pequeno cesto, e, piedosamente, mandou restituir á sepultura esses ossos, que de lá haviam sido exhumados.

Quando o cadaver da Maria do Adro se achava escondido na mina sêcca da margem do Corgo, dizem-me informações de pessoa da familia Azevedo que um camponez da aldeia foi dar lá com elle, na manhã seguinte á noite em que para ali havia sido levado por Camillo e Francisco José d'Azevedo. Por esse facto, e

tambem pela descoberta que a irmã da Maria do Adro fez, na margem do rio, das ligas e das meias que tinha calçado á fallecida, correu em Villarinho o rumor do desenterramento, que não teve consequencias porque o prestigio do cunhado de Camillo abafou qualquer desejo que podesse ter havido de denunciar ás auctoridades o acto criminoso.

Parece, pois, que não póde haver duvidas de que, tanto os amores de Camillo com a Maria do Adro, como a exhumação do cadaver da infeliz creatura, são factos absolutamente verdadeiros.

Seria no anno de 1850, e n'um baile da Assembleia Portuense, que explodiu a paixão inspirada a Camillo por Anna Placido?

Já, em nota de paginas 91 do meu livro *Camillo desconhecido*, expuz as duvidas que a tal respeito me assaltam.

Que foi n'um baile que a figura gentil de Anna Placido impressionou fundamente a alma e o coração de Camilo, é certo.

> Era n'um baile. Ondulava
> D'ouro e sedas o salão.

Assim começa a poesia de Camillo, *Verdades* (Impressões d'um baile), publicada em

O Nacional de 20 de fevereiro de 1850, não com este titulo, que foi aquelle com que esse trecho poetico foi reproduzido, em 1851, no livro *Inspiraçoens*, mas com este, mais mysterioso, mais enygmatico: — «.....».

Na poesia *Resignação*, impressa no *Obolo ás creanças*, com a dedicatória «A Rachel», pseudonymo dado por Camillo a Anna Placido, tira elle da lyra estes sons:

> Quando eu te vi n'um baile, ó flor aberta ás auras,
> qual donzel medieval, pudibundo córei.

Nas *Scenas innocentes da comedia humana*, capitulo «O tormento da memoria», no romance *Annos de prosa*, referindo-se de novo a Rachel (1), tambem Camillo escreve que foi n'um baile que os seus olhos se prenderam á formosura deslumbrante da mulher que veio a ser o seu tormento.

Mas teria sido em 1850 que esse baile se realizou? E seria na Assembleia Portuense? — Eis o que não está ainda provado.

Em 1850, o Porto festejou o carnaval em

---

(1) No romance *Annos de prosa*, assevera Camillo que fôra quinze annos antes que vira Rachel n'um baile. Ora, esse romance foi publicado em 1863, treze annos, portanto, depois de 1850.

varios bailes, quer nos theatros, quer em casas particulares. O conde do Casal deu um baile —e é de notar que ao abrir do romance de Camillo, *Estrellas propicias*, ha scenas que se desenrolam n'um baile do conde do Casal, na casa do quartel general do Porto. Houve outro baile na Assembleia Portuense e ainda outro em Campanhã, em casa de Alexandre Miller. De todas estas festas entrudescas dão conta os jornaes portuenses d'esse anno de 1850. Em qual d'esses bailes viu e conheceu Camillo Anna Placido?

Em 1850, terça feira de carnaval foi a 12 de fevereiro. Quatro dias depois, a 16, *O Nacional* noticiava que, na vespera, Camillo tinha regressado de Coimbra. Teria, o escriptor, partido para a cidade do Mondego depois de assistir ao baile em que a sua paixão desabrochou, regressando ao Porto no dia 15 de fevereiro? —Não sei.

Parece certo que foi no anno de 1850 que Anna Placido fez nascer no coração de Camillo o amor que o enlouqueceu. Porquê? —Porque, tendo ella casado a 28 de setembro d'esse anno, em Campanhã, com Manoel Pinheiro Alves, logo no principio d'esse anno lectivo Camillo, que desde fins de fevereiro até principios de outubro tinha estado em Lisboa, se

matriculava nas aulas de Theologia do seminario portuense, no intuito de seguir a vida ecclesiastica. E é sabido que era a sua paixão por Anna Placido que o impellia para o sacerdocio. Em uma das *Novellas do Minho*, «Gracejos que matam», escreveu elle, a paginas 76 da primeira edição, aliás, erradamente, pois, quando estudou Theologia, tinha vinte e cinco e vinte e seis annos e não vinte e um:

«Aos vinte e um annos estudara eu theo-«logia, com o proposito de ir missionar entre «os vituperados da loucura da Cruz. Recahi, «propellido pela zombaria do mundo; mas «aprendi a não zombar».

Inclino-me, pois, a crer que foi no anno de 1850 que a paixão por Anna Placido se apossou de Camillo, fazendo-o fugir do Porto para Lisboa e levando-o ás aulas do seminario episcopal. Em que baile explodiu essa paixão? Seria no da Assembleia Portuense? Seria no de Alexandre Miller, em Campanhã, proximo da egreja onde mezes depois Anna Placido viria a casar?

Aqui deixo á curiosidade dos investigadores estas singelas perguntas.

*
* *

Como se vê, ainda ha muitos factos a apurar na vida de Camillo. Ha muitos lances a esclarecer, para que se reconstrua, completa, sem lacunas e sem duvidas, a sua notavel biographia.

Por mim, fiz sempre por aclarar os pontos escuros da aventurosa existencia do romancista. Para isso, não me firmei sómente nas suas indicações, que puz muitas vezes em duvida: ouvi testemunhas coevas do escriptor, folheei jornaes, examinei documentos, rebusquei os registos e archivos publicos, visitei logares a que a sua acção andou presa. Se nos meus livros algumas vezes me fundei em trechos e affirmações de Camillo, foi por não ter outras provas, mais segura documentação dos factos. E fil-o sempre com as devidas reservas, não só porque a phantasia do romancista imaginoso tinha azas de largos vôos, mas porque elle errava frequentemente as datas, não sendo de fé o seu depoimento.

Algum tanto concorri para que a figura de Camillo, a sua obra, as suas loucuras, os seus

amores, os seus soffrimentos, fossem bem conhecidos. Outros farão mais e melhor do que eu: com mais empenho em banhar de luz o seu vultô ingente — não!

Dentro de pouco mais de um anno, fecha-se um seculo sôbre o dia do nascimento do inegualavel estylista. Que vão fazer os seus admiradores? Que vae fazer o paiz, para celebrar condignamente o dia 16 de março de 1925?

Aguardemos...

E' sabido que em Athenas uma rua se rasgava, ladeada de estatuas, em que todos os cidadãos da antiga Hellade podiam ver reprodûzidas as figuras epicas dos seus heroes. Todos aquelles que se afervoravam no amor da patria, ali iam retemperar as suas energias, admirando os blocos de marmore que retratavam as feições dos grandes homens. Ali iam avigorar-se, robustecer a sua fé, os que o dever levava aos perigos e aos trabalhos da guerra, os que dedicadamente amavam e serviam o seu paiz.

Pois, bem! Sigamos o bello exemplo. Entre as estatuas dos homens illustres, que bem mereceram da patria, colloquemos a de Camillo, o creador, entre nós, do romance de paixão e de costumes portuguezes, e alteemol-a de modo que todos a vejam e n'aquella figura macerada

pelo soffrimento possam aprender a amar a bellissima lingua portugueza e a prestar-lhe culto, enfeitando-a de galas e louçanias, como fez sempre, nos seus escriptos, o grande prosador e grande Mestre.

Está ainda em aberto esta divida — vergonha é dizel-o! Tantos monumentos ahi se alevantam, n'esta linda Lisboa, e continúa a notar-se, entre elles, a falta do que, por tantos titulos, é devido a um dos seus filhos mais notaveis! Nem sequer um singelo busto perpetúa as feições de Camillo, contrahidas por um ricto de ironia!

Pois, é tempo. Ao soar a hora do centenario glorioso do auctor de tantas obras valiosas, deve achar-se erecto o seu monumento. Em Lisboa, sua terra? E' este o meu voto. Mas, seja no Minho, seu torrão adoptivo, ou em Traz-os-Montes, onde lhe floriu a mocidade irrequieta, ou no Porto, onde elle viveu tantos annos. — Seja onde fôr. Mas, por Deus! — repito — não se protele, não se demore, o pagamento d'uma divida d'honra, o cumprimento d'uma obrigação sagrada, que não póde, nem deve, por mais tempo continuar sem solução.

CAPITULO II

UMA INJUSTIÇA DE CAMILLO

Foi em 1851.

A alma de Camillo ardia em labaredas de paixão. Anna Placido inspirára ao romancista aquelle amor candente, violento, desvairado, que o havia de approximar do desespero e da loucura. No seu espirito, magoado por dôres incomportaveis, referviam coleras represas, espumava a raiva insoffrida, azedava-se o odio ao mundo, que lhe dava um tal martyrio. Ao mesmo tempo, victima d'aquellas contradições flagrantes em que toda a vida se estorceu, abraçava a Cruz, buscando n'ella o doce lenitivo de que tanto necessitava o seu tormento.

Era o periodo da devoção religiosa de Camillo, o tempo em que elle pensou em se amortalhar para sempre na sotaina escura de sacerdote. O coração, porem, batia-lhe de encontro ao peito, impellindo-o irresistivel-

mente para o caminho escabroso da exaltação, do desvario, da quasi demencia. Allucinado, perdido, a todas as imprudencias se lançava, na esperança louca de se illudir, de esquecer... Em tudo buscava pretexto para se aturdir. Aggredia, com razão ou sem razão; batalhava, com justiça ou contra justiça.

Foi o anno em que, no Theatro de S. João, do Porto, em noite de espectaculo, Camillo derreou, á bordoada, o jornalista Novaes Vieira —o *Novaes dos oculos*. Foi o anno em que o glorioso escriptor se pegou em bulha accêsa com Antonio Ayres de Gouveia, o futuro Bispo de Bethsaida. Foi o anno em que descompoz desabridamente Silva Tullio. Foi, emfim, o anno...

Ora, eu vou contar.

N'uma encosta viçosa da freguesia de Ancêde, das minhas lindas terras de Baião, erguese, emmoldurada em arvores viridentes, uma casa apalaçada, que tem por nome Casa de Esmoriz. Foi seu habitante e proprietario, em annos que não vão distantes, um varão illustre, que á fidalguia da estirpe allançava a do seu espirito esmerado e culto. Chamava-se elle D. Miguel Carlos Soto-Mayor e Azeredo e foi escriptor distincto, avultando entre os volumes que publicou o seu *Marquez*

de Pombal, valioso estudo que fez da figura historica do tigrino e feroz ministro de D. José I. Apaixonado pela poesia e pela musica, deu convivencia ás Musas, especialmente a Polymnia e a Enterpe, que, do Parnaso e do Pindo, lhe bafejavam a inspiração. Fiel e dedicado ao Senhor D. Miguel I, sôbre cuja legitimidade, como Rei de Portugal, escreveu e publicou um livro, nunca para si pretendéu honrarias, que d'ellas não precisava, nem benesses, que do governo liberal não acceitaria.

Desde muito novo, D. Miguel Soto-Mayor cultivou as letras, espalhando por alguns periodicos do Porto, do seu tempo de rapaz, varias producções literarias.

Em 1851, publicava-se na cidade da Virgem uma revista de critica e de literatura, que tinha por titulo *O Pirata*. N'essa revista, D. Miguel Soto-Mayor e Azeredo estampava alguns trechos seus, em prosa e verso. No 13.º numero do II anno — agosto de 1851 —, *O Pirata* dava á publicidade um artigo, intitulado *Litteratura — Despedida d'um Trovador*, firmado com as iniciaes *S. A.* N'esse artigo, que era, como se verá, de D. Miguel Soto-Mayor, espraiava-se o seu auctor na critica da poesia e dos vates da epoca. Depois, despedia-se da cultura dos versos, publicando o seu ultimo

trabalho poetico, intitulado *A minha Patria*. N'esse artigo, não havia uma phrase, uma só palavra, de que se podesse inferir que Soto-Mayor e Azeredo se referia a Camillo Castello-Branco. Eis dois trechos do artigo a que me refiro:

« Longamente se estorceu no pôtro da inveja « a ralé desfavorecida das musas. No seu longo « agonisar achou todavia um meio de vingar-se. « Reunindo as poucas forças, que ainda lhe « restavam, invadio o templo das nove irmans, « e involveu n'uma onda d'improvisados vates, « os poucos que tal titulo com razão mere- « ciam ».

. . . . . .

« O resultado foi, que a gente honesta enver- « gonhou-se de assistir a similhantes especta- « culos. Em quanto cresce o numero dos auto- « res, o dos leitores diminue. No meio de tudo « isto é para admirar-se a coragem barbara dos « nossos trovadores! Quanto mais raros são « os consumidores, mais afan mostram elles « em lançar ao mercado das trovas os seus « generos avariados! Tal ha que tortura, com « uma impassibilidade digna de Nero ou de « Caligula, a paciencia do leitor, recitando-lhe « em seis producções só diversas na combina-

«ção das rhymas, o ridiculo epicedio á morte «das suas crenças!»

Camillo, azedo, irritado, implicativo, sempre prompto a travar-se de razões, vendo uma provocação em cada palavra, um desafio em cada gesto alheio, leu a prosa de D. Miguel Soto-Mayor e Azeredo, e, lêl-a, foi tomar logo como dirigidos a si os dizeres impessoaes, genericos, do artigo de *O Pirata*.

Violento, impulsivo, fogoso, refractario á reflexão e ao sereno pensar, tendo no espirito, em ebulição, a má vontade que lhe fazia ver um inimigo em cada confrade, estou em dizer que em cada homem, carregou a viseira, pôz a penna em riste, e sahiu, furibundo, á estacada... para a qual não fôra chamado a combate.

Imprimia-se então, no Porto, uma revista intitulada *Miscellanea poetica*, onde poetisas e poetas d'esse tempo, entre os quaes Camillo e D. Miguel Soto-Mayor, davam a publico as suas producções. Com que enternecimento leio, ainda hoje, as que ali publicou minha santa Mãe!

Foi no quarto numero do tomo II d'essa revista, de agosto de 1851, que, sem justiça, sem motivo, Camillo exarou a poesia mordaz, que vae ler-se, velando com as seis vogaes do

alphabeto o seu nome de escriptor, já então bem conhecido. Era a consciencia a accusal-o da sua má acção?...

Talvez.

DESABAFO

E com isto não enfado mais a vm.ces
(Parodia ao Snr. S. A., que no «Pirata» se despede do publico).

Sou poeta, e tenho o estro
Que não teve esse maestro
Que escreveu o *Machbet*!
Os meus versos, se versejo
Raios são, porque eu trovejo
Lá do ceo numero sete!

Já não creio nas mulheres,
Que me lançam ás colheres
Agro fel no coração;
N'outro tempo... sim, amei-as,
Como *Verdi* ama as cholchêas
D'uma funebre canção!

Oh que sim! Amei-as munto,
Quando tinham do presunto
De Lamego a rubra côr...
Dei por ellas o cavaco,
Oh se dei!... tornei-me um caco...
(Com licença) um estupôr!

Longo tempo á beira d'agua,
Ran d'amor, chorei a mágoa
Que me deu n'alma p'ra traz...
Ai! baldados meus suspiros,
Quiz então dar-me dous tiros
N'um ouvido.....
.....« Ólá, que faz! »

Foi um brado mavioso
D'um archanjo donairoso,
Que tomava banho então...
Eu, co'a mente desvairada,
Cuidei ver uma pescada
Com vestido de baetão!

Ah! que amor lhe dei nos versos,
Que lhe fiz por hi dispersos
Em jornaes, que ella não leu!
Não me viu a dôr immensa,
(Apesar d'erros d'imprensa)
Que no prelo então gemeu!

Quantas vezes a Revista
Eu pedi ao jornalista
Me deixasse escrevinhar!
E p'ra que? p'ra dizer — Ella!
Silpho! Archanjo! Fada! Estrella!
E o mais, tudo *sem par!*

Os meus versos, tão amados,
Inda hontem criticados
No *Pirata*, oh ceos! os vi!...

Fôste tu, parvo *Azeredo*,
Que de lá, sobre um penedo,
Orneas-te... e ouvi-te aqui!

Mestre-eschola das montanhas,
Trata lá d'essas castanhas,
Da batata, e do feijão;
Não corrijas minhas trovas,
Quando dás sobejas provas
De rebelde á correcção.

Vai guardar as melancias,
Vê se as poças 'stão vazias,
Olha a horta se grelou;
Mas em versos não decidas,
Quando em versos és um *Midas*
Nas orelhas, que ostentou.

A. E. I. O. U. Y.

Como se soube que o auctor de tão extranha, de tão brutal e irreverente composição era Camillo Castello-Branco? — Foi o indice da *Miscellanea poetica* o denunciador. Lá veem enumeradas as poesias que pertencem a Camillo, e, com essas poesias, a que tem o titulo *Desabafo*.

O temperamento batalhador e aspero do romancista levou-o a praticar algumas injustiças. Entre ellas, esta avulta com as de maior tomo!

*
* *

D. Miguel Soto-Mayor não se ficou. O seu desforço é violento.

No 15.° numero de *O Pirata*, de setembro de 1851, replicou elle d'est'arte, com hombridade e com altivez, ao auctor do *Desabafo*.

«*Amigo Director do* PIRATA.

«Não sei que asserção lançada em o meu «artigo publicado em o n.° 13 do seu periodico, «provocou contra mim as iras de um dos «*dignos* collaboradores da *Miscellanea Poe-*«*tica*, a ponto de o obrigar a dar ao publico «mais uma prova de que pertence ao numero «daquelles, que têem só por officio prostituir «a imprensa, e enlamear as paginas do mise-«ravel jornal, que dá cabida aos informes par-«tos da sua crassa estupidez! O pobre homem, «cégo de despeito, estonteou por tal guiza, «que mette dó ao homem mais ferrenho e «insensivel! Depois da *justa desaffronta em* «*defeza*, não sabemos de outro documento,

« que atteste tão mau gosto, e tão descarada e « incorrigivel má-creação.

« Dirigindo-me por este modo ao publico « (e não ao inepto escrevinhador) faremos « uma declaração franca e sincera. — Quando « escreviamos o periodo, que — segundo crê- « mos — tanto magoou o nescio auctor do « « *Desabafo* » tinhamos na mente o Snr. *Af-* « *fonso de Castro* e a sua apouquentadora « *descrença*.

« Não sabemos qual seja o nome, que se « occulta atraz do esquadrão das *vogaes*, como « envergonhado do ridiculo, que o esperava. « Seja porém como fôr, declaramos alto e bom « som, que póde esbravejar, póde insultar como « quizer — que de nós só terá o mais completo « *desprezo*. Ao reptil immundo, que se roja « pela lama, deixá-lo-hemos continuar seu cami- « nho, já que a Providencia lhe não permittio « o poder figurar, n'uma ordem mais elevada, « entre os entes da creação.

« Sirva-se V. mandar publicar estas linhas « no mais proximo numero do seu periodico; « pelo que lhe ficará muito agradecido

SOTO-MAYOR E AZEREDO.

« 25 de Agosto de 1851 ».

Deve notar-se que n'este mesmo numero de *O Pirata*, D. Miguel Soto-Mayor publicava um artigo, intitulado *Cantigas populares*, em que, divagando ácêrca dos cantares do povo, affirmava que estes eram os unicos que lhe agradavam.

Camillo nada respondeu á réplica justiceira de D. Miguel Soto-Mayor; mas, como não perdoava, em um longo folhetim, que se intitula *Um talento esperançoso*, todo referente ao seu antagonista e publicado no roda-pé de *O Nacional*, do Porto, de 27 de setembro de 1851, reforçava os injustos versos do seu *Desabafo*, reportando-se ainda ao artigo de D. Miguel Soto-Mayor, do numero 13.º de *O Pirata*, e á poesia *A minha Patria*, que fechava esse artigo.

Eis alguns periodos, que forrageio no rude folhetim de Camillo:

« Assim definidas e predestinadas estavam « as bossas do snr. Azerêdo, quando o despeito « rancoroso pelos seus irmãos em Appollo, o « instigou a publicar no *Pirata* n.º 13 um artigo, « intitulado — *Despedida de um trovador*.

« O snr. Azerêdo eleva-nos ás regiões ma- « gestosas donde os poetas descem ao *meio das* « *turbas*. Repete-nos a moradia topographica

« do poeta que, valha a verdade, é muito perto « das creaturas angelicas, e pelos modos, muito « longe do resto dos mortaes, sem que, e não « é preciso, se dê ao cansasso de provar- « nos que as creaturas angelicas são mortaes. « Queixa-se de que o *vulgarismo* tenha *arre- « meçado ás faces do poeta accusações mesqui- « nhas*, e de mais a mais o façam (o poeta) « *synonimo de perverso ou mentecapto*. Sobe « de indignação e justa colera contemplando a « pouca vergonha com que a *relé desfavorecida « das musas... reunindo as poucas forças que « ainda lhe restavam, invadiu o templo das « nove irmãs, e involveu n'uma onda de impro- « visados vates os poucos que tal titulo com « razão merecem...*

« Assim com este fôgo, o poeta angustiado « por aquella invasão ás nove irmãs, e zangado « como se fossem delle as invadidas, carrega « por ambos os flancos e pela retaguarda os « desastrados trovadores, e arruma-lhes pela « frente uma carga de epythetos destampados, « tanto a tempo, que os homens debandam em « destroço, e fica o snr. Azerêdo só no campo « recitando a sua poesia — *A minha patria*.

« E' em 10 oitavas de redondilha maior. « O poeta exclama no seu arrobamento pa- « triotico:

« *Patria! Eu amo-te! E' tão funda*
« *Em minh'alma esta affeição!...*
« *Creio em ti!... E' tão jucunda*
« *Esta crença!... E por que não?...*

« A esta pergunta todos respondem que « sim. Quem póde ahi negar que a patria é « precisamente *jucunda*, se tão forçoso era « rimal-a com funda!?

« Diz o pòeta — « *Que venha a terra estrangeira*
« *Esta affeição disputar.*
« *Não póde, não; que és primeira*
« *Para mim! Nem tu tens par;*

« O snr. Azerêdo tem consciencia e probi- « dade litteraria. Não mente quando falla de « si, assim o mau gôsto lhe não mentisse a « elle. Sem dúvida Portugal é a *primeira terra « para elle*, e mais é que o melodioso cantôr « só conhece da sua patria a pessima estrada « de Santa Cruz para o Porto! Que diria o « vate inspirado se tivesse visto, o que tão bem « poetisou só com as simples inspirações do « mappa:

« *...Do Mondego as margens*
« *E o Lima a descer mansinho?*
« *...e as veigas do Minho?*

« Será que os genios transcendentes advi-
« nham as cousas?

« Encantado pelo doudejar das auras em
« noites de estio, e pelo cinto de purpura que
« cinge os horisontes do mar ao decahir do
« dia no seio do outro hemisferio, o poeta des-
« canta enthusiasta:

« *Que noites!... Onde mais bellas?*
« *Que saudoso pôr-do-sol!*
« *Parecem d'ouro as estrellas*
« *E de rosas o arrebol!...*
« *Como a brisa aqui murmura!*
« *Onde, ah! onde é tão sentido*
« *Este canto enternecido*
« *Do suave rouxinol?*

« Aquelle verso — *Onde, ah! onde é...*
« se tivesse *onde ih, onde oh* formava uma
« bonita cadencia de *b-a-ba*, uma gymnas-
« tica de alfabeto, muito de approveitar tal-
« vez para a nova edição da mnemonyca do
« snr. Aragão.

« O nosso poeta — a despedir-se — faz expi-
« rar a sua poesia, supplicando:

« *Patria, patria, ao teu jasigo*
« *Leva-me ao menos comtigo*
« *Como outr'ora ao teu Camões!*

. . . . . .

« S. exc.ª assignava-se *um poeta agonisante*, « e quem nos diz se o imaginoso cantor, por « adiantar jornada, se foi embora e sosinho « sem a sua cara patria?! Não morreu. Vive « ainda para escrever o seu segundo artigo, « inserto no n.º 15 do *Pirata*.

« O snr. Azerêdo não lucta com as *roxas* « *agonias* da morte. Pelo contrario, ouve a « chula da sua terra, com as melhores disposi- « ções para viver largos annos, que do coração « lhe desejamos. O seu artigo é como um « sorriso para a vida em labios alvacentos de « moribundo. Intitula-se — *Cantigas popula-* « *res*. O mimoso prosador disfere estas cinco « linhas de elegante prosa afferidas na melopeia « de *João de Barros*, e *Fr. Luiz de Sousa* « (que me perdoem, pelos tormentos que os « flagellam debaixo da lousa!):

« *Ha muito que me falta a paciencia para* « *lêr poesias! Composição poetica, que se espri-* « *guice por mais de seis quadras, passa intacta* « *das minhas mãos para a classe dos papeis* « *que só tem um prestimo*».

« A ideia associada ao final deste periodo, « é realmente um digno capitolio para a coroa- « ção do snr. Souto Maior e Azeredo. Ha « quem diga que burbulha ahi uma indecencia

« vergonhosa para o escriptor: não ha tal. O « que ha—é um vaticinio mysterioso sobre a « futura estante das obras do sr. Azeredo que « tão bem entrou nos salões da sciencia pela « ante-camara consignada no aromatico arma- « rio, que s. exc.ª dá aos versos que *lhe pas- « sam intactos pelas mãos.*

« Declinando para o estomago do artigo, « que está burguezmente repleto de boas dou- « trinas, o estudioso mancebo exulta refugian- « do-se no seio de Camões, e do seu Virgilio, « e do seu Ovidio, unicos a salval-o da *des- « crença* na *divina arte.* Ainda bem.

. . . . . .

« O elegante prosador neste artigo já não é o « homem agoniado com a relé do artigo anterior.

. . . . . .

« Do n.º 13 ao 15 do *Pirata* o snr. Azeredo « chamou a capitulo as suas faculdades, e jul- « gou irrito, nullo, e de nenhum effeito o ana- « thema que fulminára ao povo, que, para mais « aviltamento do pobresinho, appellidou *relé « negrejada!* Ah! meu fidalgo de Sancta Cruz, « ou lá donde é! — v. exc.ª d'aqui a quatro « annos está contricto de qualquer sandice que « o sangue juvenil lhe faça hoje rebentar do « craneo afogueado! Deus o permitta.

. . . . . .

« *Noutes como esta* nunca as gozei *no recinto* « *d'um theatro escutando as harmonias de Verdi* « *ou de Donizetti* ». Isto é verdade. O snr. Aze- « redo nunca na sua vida, como é publico e « notorio, ouviu harmonias de Verdi ou Doni- « zetti *no recinto d'um theatro;* salvo se já lá « por cima em *Mosteirô* se trauteam cavatinas, « com grande escandalo dos *maestros*, tão « desapiedadamente sacrificados pelo celebre « litterato á viola do *tio João da Jozefa*, e aos « descantes da *tia Antonia da Cancella*.

. . . . . .

« Abstraidas estas pequices que não deslu- « zem as sobejas provas que o esperançoso joven « adduz da sua sensatez litteraria, não faltam ti- « tulos para a sua installação entre os obreiros « que se afadigam na vinha... dos povos, que é « por ventura a da propagação fecunda de sa- « ber, qual o suppomos no espirito cultivissimo « do snr. Azeredo.

« De resto, com taes elementos e pelo mais « que dos citados artigos consta, maldita seja « a mão que fechar a porta da Academia Real « das Sciencias ao snr. D. Miguel Souto-Maior « e Azeredo.

. . . . . .

CAMILLO CASTELLO-BRANCO.

A este verrineiro folhetim de Camillo, tão injusto nos conceitos como na fórma, D. Miguel Soto-Mayor e Azeredo respondeu, com arrogancia e nobreza, no *Pirata*, numero 17.°, de outubro d'esse mesmo anno de 1851.

Intitula-se o seu artigo *Um critico conscienciosо*, e são d'ahi copiados os seguintes trechos:

« Havia soado a hora tremenda do castigo! « Apollo irritado contra mim (perdôe-me o meu « censor estes resaibos de *classiquismo*) envia, « para flagellar-me, uma das *furias!* O mons- « tro sáe do abysmo; e librando-se nas azas « invisiveis, procura com a aguda vista um « corpo, onde encaixar-se para exercer seu « terrivel ministerio. Não esteve perplexa na « escôlha por muito tempo; avistára ao longe « o snr. Camillo Castello Branco; talentoso « escriptor bem conhecido. Não sei que con- « veniencia de *fórmas*, ou talvez a desenvoltura « da sua lingua, convidaram a *furia* a acceitar « um *involucro* tão digno della. O monstro « entrou, apossou-se do snr. Camillo; e o « illustre litterato, agitado por uma mão invi- « sivel, empunha o azorrague, e começa a pro- « fligar-me tão desapiedadamente, que não sei

« quem haja ahi de coração tão empedernido,
« que ainda não julgue sufficientemente cas-
« tigados os meus inconsiderados arrojos poe-
« ticos.

« No meio daquelle barbaro encarniçamento,
« com que o snr. Camillo retalhava as fibras da
« sua victima, o que mais me doía eram os risos
« sarcasticos, com que elle acompanhava cada
« um de seus golpes! Nesses momentos o
« snr. Camillo estava horroroso!... Aquelle
« sorrir satanico a apontar-lhe nos labios, como
« presagio de uma explosão de prazer feroz,
« que se expandia em estridentes e infernaes
« gargalhadas!... Oh! que scena medonha!!...
« Não póde traduzir-se de outra sorte a alegria
« dos demonios, quando lhes cáe entre as gar-
« ras um miseravel condemnado!...

« Mas, ou porque a *furia*, que dominava o
« snr. Camillo, nada entenda da critica judi-
« ciosa, ou porque não quiz perder a occasião
« de flagellar tambem de involta comigo os
« leitores do *Nacional* — o certo é que o talento-
« so escriptor disparatou grandemente!... Con-
« cêda-se-lhe, porém, toda a desculpa; — era
« necessario dar-me o devido castigo, fossem
« quaes fossem os meios, para este fim empre-
« gados.

.....

« A minha flagellação começa por esta tor-
« quezada: « Assim definidas estavam as *bossas*
« do snr. Azeredo, quando o *despeito ranco-*
« *roso*, etc. ».

« Tanta severidade céga-o, snr. Camillo!
« A = *Despedida d'um Trovador* = não foi
« filha de rancoroso despeito; nasceu do *conhe-*
« *cimento* da propria ineptidão para a poesia.
« — Nasceu d'onde devia nascer na alma do
« snr. Camillo um profundo aborrecimento a
« estas criticas descabelladas, com que v. s.ª
« ahi anda sahindo a todos.

« Quem chamou mortaes ás creaturas ange-
« licas?... O periodo do meu artigo é este:
« « Ente privilegiado entre a raça humana (o
« poeta), aproxima-se tanto das creaturas ange-
« licas, quanto dista do resto dos mortaes ».
« — Ora só quem estiver cheio de um *des-*
« *peito rancoroso*, póde achar nestas linhas a
« grande parvoice, que me imputa o meu eru-
« dito censor.

« A este golpe segue-se uma das taes gar-
« galhadas. O snr. Camillo diz assim: « Sem
« duvida Portugal é a *primeira terra* para *elle*,
« e mais é que o melodioso cantor só conhece
« da sua patria a pessima estrada de Santa
« Cruz para o Porto ». Outra sandice, snr. Ca-
« millo!

. . . . . .

« Se eu conheço, ou não, da minha terra « mais que a pessima estrada de Santa Cruz « para o Porto, é uma questão que, elucidada « por v. s.ª e seus dignos informadores, seria « de grande vantagem para a litteratura « portugueza. Não se esqueça disto, snr. Ca- « millo.

« Não contente ainda com este golpe mortal « o illustre critico vai esgaravatar n'uma minha « poesia um verso pouco harmonioso, e expondo « o pobresinho aos olhos do publico, em toda a « sua *nudêz*, apupa-o depois, e faz á custa delle « o seu bocado d'*espirito!* Se eu quizesse ser- « vir-me contra v. s.ª de tão mesquinhas armas, « bem sabe, snr. Camillo, que podia pagar este « golpe com muitos golpes d'egual profundi- « dade. Assim elles não fossem desses, que « jámais prostraram adversario algum.

« O eruditissimo censor, depois de disparar « mais algumas *sarcasticas bombardas*, com « uma graça inimitavel, mas, infelizmente, com « pontaria errada, passa a notar a opposição, « em que está o meu artigo — *Cantigas popu- « lares* — com o outro — *Despedida d'um Tro- « vador*. — A opposição está em que neste « artigo havia eu annunciado a minha morte « como versejador, e naquelle appareço de

« novo *escrevendo em prosa!* Responder a « isto, snr. Camillo, seria duvidar de que « os seus e meus leitores houvessem obtido « uma pequena porção na partilha do senso « commum.

« Eu tinha escripto: Composição poetica, « que se espreguice por mais de seis oitavas, « passa *intacta* das minhas mãos para a classe « dos papeis, que só tem um prestimo. — O « snr. Camillo, affeito desde longo tempo á « immunda linguagem dos arrieiros, descobre « nesta phrase uma indecencia vergonhosa. « Devassando as minhas intenções, interpreta « as minhas palavras como se ellas houvessem « cahido dos bicos da sua penna, e vem ahi « assoalhar-me depois como um discipulo da « sua eschola d'indecencias e torpezas! Enga- « nou-se, snr. Camillo; — não me conte como « seu *adepto;* nem todos tiveram a educação, « que v. s.ª ostenta.

« Quanto á chistosa lembrança da estante, « direi só, que não duvido de que lá vão parar « os meus escriptos; mas terei de certo a satis- « fação de os vêr *fraternisar* alli com os do « snr. Camillo Castello Branco.

« Mas ah! desgraçado de mim, que ahi me « pilha o meu censor n'outra contradicção! « Dissera eu no meu primeiro artigo: « Longo

« tempo se estorceu no potro da inveja a ralé « desfavorecida das musas ». O critico oppõe « estas linhas a outras do segundo artigo e « accrescenta: — « Do n.º 13 ao 15 do *Pirata* « o snr. Azeredo chamou a capitulo as suas « faculdades, e julgou irrito, nullo e de nenhum « effeito o anathema, que fulminára *ao povo*, « que para mais aviltamento do pobresinho « appellidou *relé negrejada* (eu escrevi *negre-* « *gada)* ».

« Então de véras, snr. Camillo, está per- « suadido de que a tal relé negregada é o — « povo portuguez! — Pois engana-se: a relé « desfavorecida das musas, de quem falla o « meu artigo — sou eu, é v. s.ª, e tantos outros, « que por ahi enfeixam rhymas, com grave « escandalo dos ouvidos do publico. O povo « miudo — em seus singelos cantares, mesmo « ao som da viola do tio *João da Josefa*, é « mais *poeta* do que v. s.ª, com todos os « inimitaveis primores de seu alabyrinthado « estilo.

« Continúa o sabio critico: « O snr. Aze- « redo nunca na sua vida, como é publico e « notorio, ouvio harmonias de Verdi ou Doni- « zetti no *recinto de um theatro* ».

« Este era o *xaque* de arromba, se, infe- « lizmente, os informadores do snr. Castello

«Branco ainda desta vez o não enganassem!
«Póde dizer-lhes da minha parte, snr. Camillo
«que MENTIRAM quando lhe affirmaram não
«haver eu jámais escutado n'um theatro har-
«monias dos dous *maestros*. E' outra questão
«transcendente. A litteratura perde muito se
«v. s.ª não põe isto, como lá dizem, em pratos
«limpos.

....

««Abstrahidas estas pequices» e outras
«que não notamos «e que não desluzem as
«sobejas provas, que o esperançoso «critico»
«adduz da sua sensatez litteraria» o *folhetim*
«do snr. Camillo fica sendo um archivo de....
«excellentes rasgos de illustrada critica, filhos
«d'uma *consciencia litteraria* á prova de bom-
«ba! Maldita seja a mão, que se recusar a
«inscrever na lista dos grandes... criticos
«contemporaneos o nome do snr. Camillo
«Castello Branco».

SOTO-MAYOR E AZEREDO.

*

* *

Ao legitimo e severo desaggravo de D. Miguel Soto-Mayor, Camillo nada respondeu. O seu horror aos homens, a sua antropophobia, que o levava a atacar com furia insana os que o contundiam, e até aquelles que nem sequer o beliscavam, não lhe deu forças para ir mais longe na senda tortuosa da injustiça, em que se mettêra. Quedou-se, silencioso, talvez contricto. E o silencio de Camillo foi evidente confissão do seu erro. Elle, que, nas pugnas literarias, era sempre o ultimo a retirar do campo, sobraçando as palmas da victoria, d'esta vez, não proseguiu na contenda indefensavel, dando assim cabal satisfação a um adversario que o não offendêra.

Ante a desafronta briosa de D. Miguel Soto-Mayor, o animo aggressivo de Camillo succumbiu. A consciencia disse-lhe que tinha sido injusto. Calou-se.

Quando um luctador como o grande romancista deixa ao seu contendedor o triumpho, é porque reconhece que foi injusto no arremesso da injuria e do sarcasmo, para os quaes nem

sequer tinha a attenuante da provocação. O acto de Camillo foi iniquo, tendo apenas a diminuir-lhe a gavidade a irritação de animo do inclito escriptor, no qual a paixão desordenada cravára as garras afiadas, levando-o á pratica de excessos imperdoaveis e de imperdoaveis loucuras. A sua pendencia literaria com D. Miguel Soto-Mayor e Azeredo é injustificavel. Devia, pois, findar, como findou, com a victoria do segundo.

Aqui termino eu, tambem, este capitulo, que teve por fim rebater uma injustiça de Camillo, de que foi alvo um patricio meu, por muitos titulos illustre.

CAPITULO III

CAMILLO BATALHADOR

Camillo Castello-Branco e Augusto Soromenho foram amigos e...

— Mas, quem era Augusto Soromenho? — perguntará, com interesse, algum leitor mais curioso.

Augusto Pereira Soromenho era um homem de longos bigodes pretos e pera romantica, alto, sorumbatico, portuense de nascimento, que foi, algum tempo, funccionario aduaneiro e depois empregado na Bibliotheca Publica do Porto. Alexandre Herculano, seu protector desvelado, alcançou-lhe meios de elle ir para Madrid, dedicar-se ao estudo da lingua arabe. No seu regresso, foi nomeado professor d'esse idioma, no Lyceu Nacional de Lisboa, e, depois, professor da cadeira de *Literatura moderna*, e, mais tarde, da de *Historia*, no Curso Superior

de Letras. Era sabedor experimentado de assumptos archeologicos e philologicos e muito dado a investigações historicas. A Academia Real das Sciencias fêl-o seu socio effectivo. De temperamento peguinhento e implicador, travou-se em discussão, varias vezes, na imprensa, com diversas personalidades de vulto. Uma d'estas, foi Innocencio Francisco da Silva, como refiro na nota de paginas 125 do meu livro *Camillo de perfil.* Outra, foi o sabio mathematico Daniel Augusto da Silva, com o qual teve um conflicto pessoal na Academia Real das Sciencias, onde, por esse motivo, foi proposta a sua expulsão da douta assembleia. A exclusão não se chegou a realizar, porque Soromenho pediu a demissão de socio do conspicuo areopago do antigo convento de Jesus.

Augusto Soromenho, como conto a paginas 121 da primeira edição do meu livro *Eça de Queiroz*, foi um dos irrequietos e avançados promotores das celebres *conferencias do Casino*, que deram tanto brado em Lisboa, em maio e junho de 1871. A terceira conferencia, sôbre a *literatura portugueza*, fêl-a elle, arremessando-se, como um dragão enfurecido, aos classicos, acomettendo a imprensa, fustigando com azedeume a critica.

Ao que parece, Augusto Soromenho dizia-se descendente de Pero Gallego, o celebre corsario portuguez do seculo XVI, que, com os seus trinta companheiros de aventuras, foi o terror dos Barbarescos. Seria por essa razão que um dia passou a assignar-se Augusto Pereira do Vabo e Anhaya Gallego Soromenho.

Novo ainda, com 44 annos apenas, Soromenho falleceu, repentinamente, em Lisboa, em janeiro de 1878, na rua de S. Bento, onde morava.

Ora, com este Augusto Soromenho, Camillo, durante alguns annos, manteve boas relações de amizade. Em folhetins de 4 e 6 d'outubro de 1851, de *O Nacional*, do Porto, li eu rasgado elogio, feito por Soromenho, ao romance *Anathema*, de Camillo Castello-Branco.

Depois, essas relações cordeaes turvaram-se. Ambos de temperamento azedo e rude, ambos facilmente irritaveis, não é para extranhar que se desaviessem, pondo-se em discordia desagradavel. D'essa desavença, apparecem ainda vestigios claros em 1865, como provam os seguintes periodos d'uma carta dirigida por Camillo a Innocencio Francisco da Silva, por mim publicada a paginas 124 e seguintes do meu *Camillo de perfil*.

« Eu já estava de posse do cavalête em que « V. Ex.ª deu tractos ao archeologo que A. « Herculano inventou. A resposta que V. Ex.ª « deu ao amigo sobre a continuação supple- « mentar do excellente diccionario, tambem a « tinha. Apesar de sequestrado do orbe das « lettras, curo de estar ao *par do* movimento, « verdadeiramente pardo quando procede de « impulsos, obrigados ao sobrenome *Gallego* « do ex-janizaro da alfandega. O que eu não « tenho nem quero é a cataplasma de tal « inxovêdo que o Luiz d'Alm.da devêra ter « expurgado da cascalheira do jornal.

« Peço incarecidam.te a V. Ex.ª que não « olhe ao lado quando os lebreus lhe sahirem « açulados por q.m q.r q. seja. Caminhe com « a sobranceria legitima do fecundo e honrado « e proveitosissimo trabalho. Dê a sua sombra « aos couces e o seu tempo ao paiz. »

Em 1859, Augusto Soromenho achava-se em Madrid, mergulhado no estudo da lingua arabe. Da bella cidade do Manzanares, escrevia elle, para o *Jornal do Porto*, sem as firmar com o seu nome, cartas, em que tratava de assumptos varios. O numero 204 d'aquelle jornal, de 10 de novembro de 1859, publicava um folhetim, intitulado *Carta a Daniel*, datado

de «Madrid 2 de novembro de 1859» e assignado assim: — *(?)*. Aquelle Daniel era o nome singelo e desacompanhado de quaesquer appellidos que subscrevia os folhetins que o *Jornal do Porto*, de dias a dias, dava a publico, sob o titulo *Revista de Paris*.

N'aquella *Carta a Daniel*, o seu auctor anonymo tecia empolados elogios a Alexandre Herculano e a José Gomes Monteiro, fazendo, ao mesmo tempo, referencias acres a um critico das obras do segundo d'aquelles escriptores, sem, aliás, affirmar que esse critico fôsse Camillo Castello-Branco, com quanto fizesse clara allusão a este, que era o auctor do *Sonho do inferno*.

Camillo, sempre susceptivel e melindroso, com razão tomou como para si as alfinetadas do folhetim, e, como era de costume seu, puxou pelo fueiro das grandes batalhas da imprensa e desancou, sem dó nem misericordia, o espinhaço do auctor da *Carta a Daniel*, ou seja de Augusto Soromenho.

Vou transcrever de *O Nacional*, do Porto, de 16 de novembro de 1859, os trechos principaes do folhetim em que o romancista se despica do disfarçado golpe, de que se considerou alvo attingido. Ora, leiam:

*
* *

TU QUOQUE, BRUTUS!...

« O sr. Augusto Soromenho, delegado, em « Madrid, da Academia Real das sciencias de « Lisboa, escreve folhetins no «Jornal do Porto» « nas horas vagas da sua laboriosa tarefa de « investigador de *codices latinos e arabes*, *car-* « *tularios*, *privilegios*, *doações*, *chronicas e* « *chronicons*, como s. s.ª nos conta no n.º 204 « daquelle interessante jornal.

« O sr. Augusto Soromenho, na qualidade « se interprete de codices latinos e arabes, deve « de ter todas as suas horas vagas para escre- « ver folhetins, por uma razão singella e inno- « cente: o sr. Soromenho não sabe latim nem « arabe.

« Porém, como quer que o sr. Soromenho, « sem previo exame de alguma das linguas, « em lyceu conhecido, dissesse que sabia latim « e arabe, a Academia Real das sciencias pres- « tacionou o seu delegado nos cartorios de « Hespanha, com 5o$ooo rs. mensaes.

« Deve-se ao sr. Alexandre Herculano esta « nomeação. Foi uma esmola indirecta que « s. ex.ª quiz fazer a um moço necessitado. « E' mil vezes louvavel a intenção do doutis- « simo academico, e oxalá que o sr. Augusto « Soromenho nunca seja desagradecido ao seu « bemfeitor.

« No folhetim em que s. s.ª nos incarece a « arduidade das suas lucubrações de antiquario, « dedica ao saber do sr. José Gomes Monteiro, « litterato do Porto, alguns periodos de elogios, « e lamenta que este escriptor não haja estam- « pado manuscriptos que tem de lavra sua e « de importante estudo, critica, e erudição, « sobre themas de litteratura patria.

« Se isto é verdade, lamentamos, com o « sr. Augusto Soromenho, que o sr. José « Gomes Monteiro, depois do acoroçoamento « de voto de tamanho porte, não publique os « seus manuscriptos sobre *Amadis de Gaula*, « e os *primeiros vagidos da nossa infancia* « *litteraria*.

« O amigo do sr. J. G. Monteiro, por essa « occasião, irrita-se contra C. Castello-Branco, « porque este escriptor não gostou da prosa da « *Carta sobre a ilha de Venus*, nem dos versos « da *Lyra teutonica*.

« Bem podera o sr. Augusto Soromenho

«gabar o merecimento do seu amigo sem «molestar C. Castello-Branco. Que nos lem- «bre, este escriptor nunca desluziu as quali- «dades litterarias do sr. Soromenho. Se lh'as «não louvou, seria, talvez, porque o delegado «da Academia, publicando alguns escriptos «desvaliosos, devia agradecer o silencio da «critica dos seus amigos.

«As finezas, com que o sr. Augusto Soro- «menho brinda C. Castello-Branco são estas:

«Um escriptor, que precisa de sentimento «para si, censurou estas duas obras (1), taxando «a primeira de insipida e prosaica, cousa que «de ninguem devêra dizer o author do *Sonho* «*do Inferno*, que é realmente infernal, um «perfeito inferno metrico; e achando a segunda «inçada de *gallicismos*. Possuo o exemplar «que leu o critico, annotado por seu proprio «punho; e quereis saber os immensos gallicis- «mos que apontou? Reduzem-se a uma pala- «vra: *detalhes*. Já é ter criterio (2). Quando

(1) «Allude á *Carta sobre a situação da Ilha de Venus*».

(2) «Não póde o sr. Augusto Soromenho possuir o exemplar «que annotou C. Castello-Branco. As notas do exemplar annotado «são as seguintes:

GALICISMOS

«Que me anima a *avançar esta asserção* — pag. 12.
«Ondas *gigantescas* — pag. 18, e outras.

« um homem, tratando de uma obra, a censura « por um gallicismo, lavra a sua condemnação, « e faz o elogio da obra... Evidentemente « aquelle delirio critico fez dizer desconchavos « ao escriptor portuense. Sua alma, sua pal- « ma... Diga o que disser o despeitado cri- « tico portuense, e em que lhe peze; o sr. José « Gomes Monteiro é o primeiro erudito do « norte de Portugal. Que me desmintam se « podem os garrulos e ôcos fazedores de libre-

---

« *Detalhes* (por miudezas) — pag. 40, 43 e 50.

« O *fundo* historico (por essencia e substancia) — pag. 41 e « n'outras.

« *Embellesar* por aformosear — pag. 93.

« Formosura coquette — pag. 52.

« *Isoladamente* — pag. 80.

« Não se menciona a superabundancia de adjectivos possessivos « avessos ao genio da lingua portugueza.

CACOPHONIAS

« *Que o Gama* descubrira — pag. 42.

« E *que agora* mais que nunca — pag. 27 e 79.

« Uma das bellas arvores *que ornava* — pag. 35.

« Cujo *cume está* involto n'um vapor nubeloso — pag. 72.

SOLECISMOS

« ... Só *veem* terra quando a sua deusa protectora *lhe* faz sahir « ao encontro ... pag. 23 ».

Alem d'isto, Camillo aponta ainda outro solecismo, varias *locuções absurdas* e algumas *citações erradas* de Camões, de que incrimina J. G. Monteiro, cujo opusculo diz que tem 81 paginas.

« cos e trovas, rebeldes ao senso commum e á « grammatica. »

« Não podem os ôcos fazedores de librecos « e trovas desmentir o sr. Augusto Soromenho. « O mais que podem é fazer com que s. s.ª se « desminta a si proprio.

« A respeito de C. Castello-Branco havia « escripto, neste mesmo jornal, o snr. Augusto « Soromenho o seguinte:

« O nosso primeiro e unico poeta de senti- « mento é, digamo-lo sem receio, o snr. Camillo « Castello-Branco. O soffrimento fê-lo poeta; « e é-o d'alma e coração. O seu caracter é o « dos seus versos; melancholico, mysterioso e « repassado de amargura. Nas suas poesias « reina sempre uma tristesa pungente, um « soffrer profundo e concentrado, toda a ma- « goa de uma alma não comprehendida, de um « coração isolado, e um mysterio tenebroso « que ninguem decifra.

. . . . . .

« O snr. Camillo não tortura o pensamento « para o sujeitar ás regras da arte; a poesia é « por elle confiada ao papel como o coração « lha transmitte, espontanea, terna e revestida « com as gallas da alma — o sentimento. Não « nos gastamos em elogios, que fracos serião « elles ao pé da sua gloria, que tam alto brada.

« As suas poesias sam o melhor elogio que « quantos lhe houveramos de fazer. »

« O snr. Augusto Soromenho não faltou á « verdade no « Jornal do Porto »; foi no « Na- « cional »: apraz-nos antes fazer assim justiça « ao rigor e sisudeza da critica litteraria de « s. sr.ª.

« Camillo Castello Branco não é o genio « das *Inspirações*, que o snr. Soromenho acon- « chegava de si até no leito: é o *fazedor de « librecos e troras, rebeldes ao senso commum « e á grammatica.*

« Alguns reprehensiveis meios de sedução, « por certo, empregou C. Castello Branco para « armar ás louvaminhas hyperbolicas do snr. A. « Soromenho. *Nemo libens peccat.*

« Saiba-se o que foi, e rehabilite-se o dis- « cernimento critico do folhetinista do « Jornal « do Porto ».

« Ha oito ou nove annos que o snr. Augusto « Soromenho era guarda barreira. Infortunios « de familia o haviam deslocado para essa « situação incompativel com as suas tendencias « estudiosas. Nos dias livres, o melancolico « guarda-barreira visitava a Bibliotheca publica « do Porto. Ahi o conheceu C. Castello Branco, « por um incidente que nunca se daria, se o

« encontro se não desse n'uma tarde tempes-
« tuosa de Janeiro, no claustro da Bibliotheca.
« O snr. Soromenho tiritava intanguido contra
« uma parede, sem animo para affrontar o
« tempo desabrido. C. Castello Branco offe-
« receu ao desconhecido o seu guarda-chuva.
« No dia seguinte, o grato guarda-barreira foi
« a caza de C. Castello Branco demasiando o
« quilate do recebido favor, e contou-lhe a sua
« penosa existencia.

« Desde esse dia, C. Castello Branco affei-
« çoou-se ao infeliz môço, e proveu-o do mais
« necessario para a vida. Sentou-o á sua meza,
« quando o snr. Soromenho carecia desse bene-
« ficio; franqueou-lhe a sua guarda roupa, e
« alcançou empregal-o como revisor no perio-
« dico « O Portugal », não podendo empregal-o
« como traductor por que o snr. Soromenho
« n'essa epoca mal sabia o francez.

« Agradecido a estes pequenos favores, que
« maiores não lh'os podiam fazer as mesqui-
« nhas posses de C. Castello Branco, é que o
« snr. Augusto Soromenho escreveu aquelle
« encarecido elogio ás poesias, apenas tolera-
« veis do seu affeiçoado.

« Não será facil a C. Castello Branco des-
« cobrir a causa da malquerença que hoje aguça
« contra si a satyra do seu velho amigo. Lem-

« bra-se elle, para explicar este reviramento, « não de critica, mas de affecto, d'um caso « que não póde dizer-se sem riso. O snr. « Augusto, empregado no «Portugal», deu a « sua demissão de guarda-barreira. E' sabido « que o «Portugal» era gazeta legitimista, e, « por isso, os relacionados com aquelle jornal « pessoas de qualidade nobiliarchica. O revi- « sor devêra de deitar-se uma noite desconso- « lado do seu modesto apellido, porque ma- « drugou no dia seguinte assignando-se: *Au- « gusto Pereira do Vabo y Anhaya Gallego « Soromenho.*

« A imprensa bisbilhoteira divertiu-se com « os appellidos da improvisa vergontea de Pero « Gallego, cuja historia s. snr.ª andava con- « tando á gente, sobraçando um esfumeado « pergaminho em que se punha a limpo a pro- « cedencia genuina dos Vabos y Anhayas.

« Condoido da irrisoria mania do seu amigo, « C. Castello Branco, com quanto respeitasse a « genealogia illustre do snr. Augusto, pediu-lhe « e admoestou-o para que passasse a esponja « do seu bom siso sobre os appellidos que « escavara nas gerações de seus avoengos. « Quer parecer ao indiscreto conselheiro que « d'ahi data a malevolencia do rebentão tolhiço « de tão preclaro tronco. A não ser isso, não

« pode o « pobre fazedor de librecos » atinar « com as justas causas da má vontade do « snr. Augusto Pereira do Vabo y Anhaya « Gallego Soromenho.

« Seja qual fôr a mofina causa deste des- « amor, é certo que ha notavel differença entre « o guarda-barreira do Porto, e o delegado da « Academia Real das Sciencias de Lisboa.

« Nunca o snr. Augusto Soromenho seja « ingrato á pessoa que o elevou até ahi.

« Humilde servo e admirador de s. snr.ª

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

*

* *

Augusto Soromenho, que eu saiba, nada respondeu ás rudes zargunchadas de Camillo. Receio de réplica mais violenta? A consciencia a segredar-lhe a justiça da severa reprimenda? — Não sei.

O que sei é que, em confronto com os erros censurados pelo romancista a José Gomes Monteiro, podia Soromenho apontar ao censor um, de tomo, que está nos casos de collocar-se a par d'um outro, que menciono a paginas 407

e 408, nota, do meu livro *Camillo desconhecido*. E' aquelle de Camillo, no capitulo XXXI das *Memorias do carcere*, considerar Milo pintor ou esculptor, quando é o nome de uma ilha — a ilha de Milo — no mar Egeu, onde foi descoberta, em 1820, a notavel esculptura conhecida pela designação de *Venus de Milo*, perante a qual tantas vezes me tenho extasiado no museu do Louvre, em Paris.

O erro, que Soromenho podia lançar em rosto a Camillo, não é de menos gravidade. Vae o leitor apreciar.

No *Nacional*, do Porto, de 2 d'outubro de 1851, publicou o grande escriptor um longo folhetim, intitulado *Eloquencia do pulpito*, em que fazia a critica da *Oração funebre de S. M. I. o snr. D. Pedro d'Alcantara, Duque de Bragança, feita e prégada gratuitamente no real templo de Nossa Senhora da Lapa por Antonio Lopo Correa de Castro, monge de S. Jeronimo, chantre da real capella da Universidade de Coimbra e bacharel em direito.*

Como de seu velho costume, o romancista fazia chacota do frade.

Na primeira das quatro paginas, que o folhetim occupa no conhecido jornal portuense, escreveu Camillo, em referencia ao prégador, o seguinte periodo:

« E' na simples peanha de um adverbio que « elle ergueu o obeslisco mais significativo do « seu glorioso sermão, naquelle — gratuita- « mente — que perde aqui as depreciadas hon- « ras de adverbio, e assume a importancia « grave de um proverbio, de um proloquio, ou « de qualquer desses ditos vagos, que atraves- « sam incorruptos as gerações, como o *Inveni* « de Archimedes, o *Veni*... de Alexandre, ou « em nossos dias, o *já é tarde* de Odillon « Barrot. *Gratuitamente*... uma parte dis- « pensavel na oração grammatical é a mais « saliente alfaia rethorica da oração lagrimosa « do snr. padre Antonio Lopo! O que é a « lingua portugueza se a manejam homens de « bom calibre fylologico! »

Logo nas primeiras linhas, a grammatica soffreu. Se *é* está no tempo presente, o verbo *erguer* devia tambem occupar o presente. Portanto, Camillo devia ter escripto: « *E'* na simples peanha de um adverbio que elle *ergue* o obeslisco mais significativo do seu glorioso sermão... » Ou então, se não queria escrever assim, devia compor a sua prosa d'outra maneira: « *Foi* na simples peanha de um adverbio que elle *ergueu* o obeslisco mais significativo do seu glorioso sermão... »

Mas, deixemos passar o lapso, que não representa ignorancia. O simples descuido, justifica-se em quem escrevia muito e depressa, vertiginosamente. Vamos ao erro grave.

Não foi Alexandre Magno, o Rei poderoso da Macedonia, que proferiu as celebres palavras: *Veni, vidi, vici!* Quem exclamou: *Cheguei, vi e venci!* foi Cesar, perante o Senado, quando a este deu conhecimento e noticia da sua victoria de Zalas e da derrota fulminante que infligiu, á frente das suas legiões gloriosas, a Pharnace, Rei do Ponto.

Como foi, pois, que, erradamente, Camillo attribuiu ao grande Alexandre palavras que toda a gente sabe que sahiram dos labios de Julio Cesar?!

A's vezes, tambem o bom Homero dormita...

E que este erro é um desacerto a valer, prova-o o facto de Camillo, no final d'este mesmo folhetim de *O Nacional*, emendar alguns erros de imprensa, que se notavam no seu folhetim anterior, e não ter corrigido este em qualquer numero posterior do jornal.

Augusto Soromenho não soube, não quiz, ou não pôde aproveitar-se da descahida de Camillo. Se tal fizesse, teria deixado em má postura o seu impiedoso adversario.

Camillo, ardido, batalhador, não poupava os seus contendores. De tudo se valia para os derrubar. Tirava consideravel vantagem de qualquer deslize, da mais insignificante escorregadela ou inadvertencia dos seus contrarios. E, como dispunha de graça esfuziante e de estylo incomparavel, esfrangalhava-os, deixando-os expostos ao riso, incessante, ás gargalhadas estrepitosas dos que o liam, divertidos e regalados.

Pois, bem. Não deu com um só polemista que lhe fizesse frente com tal denodo e valentia que fôsse esse o ultimo a abandonar o campo. Nem sequer Augusto Soromenho, que era teimoso na disputa e asperrimo na réplica, se atreveu com elle! Nem esse, ao menos, se aproveitou dos erros commettidos por Camillo, como aquelles que deixo assignalados, para lhe gritar bem alto que tambem, por vezes, os mestres, tal qual como os aprendizes, tropeçam, vacillam e cahem...

Mas Soromenho não era o unico escriptor que podia arguir Camillo de errar: outros, posteriormente, zelando com cuidado a pureza da linguagem, lhe podiam lançar á face pregão de culpas e peccados... que elle apontava aos seus adversarios. Quer o leitor saber?

Na polemica violentissima travada com

Alexandre da Conceição, Camillo, no sexto artigo do seu tremendo libello, analysando as referencias por aquelle feitas aos festejos com que, n'essa epoca, a França honrou Victor Hugo, escreveu:

« Outro sim, diz elle que a apotheose foi « feita *áquelle assombroso velho do Victor « Hugo.* D'esta redacção deprehende-se que o « festejado não foi Victor Hugo; mas sim um « velho d'elle — *o velho* do *Victor Hugo.* O « complemento determinativo *do* faz do poeta « e do velho duas pessoas. Se eu disser, por « exemplo, *a besta do snr. Conceição*, ninguem « acreditará que o snr. Conceição é a besta; « mas sim que o snr. Conceição possue uma « cavalgadura; e, embora se diga que elle fór- « ma com ella substancialmente o centauro, a « grammatica exige que os dous sejam dis- « tinctos, apesar da sua cohesão esthetica e « plastica. Se eu quizer dizer que «o joven « monarchista Victor Hugo não é o velho repu- « blicano Victor Hugo» não serei tão inepto « que escreva: «O joven *do* monarchista *do* « Victor Hugo não é o velho *do* republicano « *do* Victor Hugo».

Alexandre da Conceição, se conhecesse

com profundeza a obra de Camillo, podia ter defendido, ou, ao menos, desculpado, o seu modo de escrever, indicando ao Mestre identico phrasiado seu. Com effeito, no tomo IV das *Noites de insomnia*, paginas 79, Camillo referindo-se ao modo como El-Rei D. Affonso V se houve com Duarte de Almeida, o *Decepado*, escreveu:

« O rei, que tanto o apreciára e galardoára,
« sabido é que foi para França solicitar debalde
« a alliança do velhaco de Luiz XI. »

Mais. No tomo I das *Noites de insomnia*, tratando do Arcebispo de Braga, D. Fr. Caetano Brandão, Camillo escreveu, a paginas 53, o seguinte:

« O que elle tinha era a santa e serena
« coragem de responder áquelle hypocrita de
« frei Mathias em termos que revêem o socego
« de alma invulneravel ás phrases insultuo-
« sas do ministro que em 1778 se havia reco-
« lhido de Angola com aquelle luxo de cor-
« tezia. »

Ainda mais. A paginas 90 do volume II dos *Narcoticos*, em referencia ao conego

Senna Freitas, insigne traductor dos *Jesuitas*, de Paulo Féval, lêem-se estas palavras de Camillo:

« Os seus livros originaes têm reflexos de « Veuillot. Por vezes, a ironia, a farpa cer- « teira, revidam triumphantemente os chascos « com que os racionalistas de cabotagem aban- « dalham a pobre da Razão. »

Parece-me que « o pobre *do* Victor Hugo » e o « velhaco *de* Luiz XI », « áquelle hypocrita *de* frei Mathias », « a pobre *da* Razão », são phrases muito parecidas. Tanto, tanto, que até parecem irmãs gemeas...

Prosigamos.

A paginas 29 de *Os criticos do Cancioneiro alegre*, Camillo censurou Marianno Pina por se lhe dirigir d'esta fórma:

« E' por tudo isto que eu tenho muito dó « de si. »

Tambem na polemica sustentada com Alexandre da Conceição, este é apodado pelo grande escriptor de ignorante dos pronomes. Camillo ri-se dos seguintes versos, que se lêem na dedicatoria das *Alvoradas* a Bernar-

dino Simões da Conceição, pae do seu adversario:

Eu pois que vejo *em si* a imagem reflectida
De Deus, sol da minh'alma, a flôr d'alma lhe dou.

Pois, no final do capitulo VIII do *Amor de perdição* — paginas 97 da 16.ª edição — Camillo põe na bôcca de Simão Botelho estas palavras:

« — Vá, se quer, Marianna. O céo depa-« rou-me em si a amizade de uma irman. »

O mesmo erro de pronome!

Outro... descuido de Camillo. Alexandre da Conceição, em um dos artigos da sua polemica violentissima com o romancista, escreveu o seguinte:

« Quando se me esgotarem os recursos da « palavra, alugo ahi no Porto um gallego e « mando-o a S. Miguel de Seide arrebental-o « com dous pontapés. »

Camillo, sarcastico, replica, motejando de Alexandre da Conceição e do gallego. E conclue:

« Mas, em quanto o gallego seu represen-
« tante não chega, ha de permittir que eu,
« praticando um bizarro lance de cavalheirismo,
« desça a aproveital-o, como um jogral que
« entretem meia hora, e se remove a chicote
« quando enfastia. »

E, mais adeante, no artigo seguinte, Camillo, voltando ainda á representação do seu contendor pelo gallego do Porto, chalaceia assim:

« Ora, como os recursos da palavra se lhe
« esgotaram no transcendente litigio do *hors de*
« *ligne*, ou elle alterou o mortifero projecto,
« ou não encontrou gallego que o quizesse
« representar.
« Ainda ha, pelos modos, gallegos honra-
« dos e incruentos. »

Ora, Alexandre da Conceição podia ter lançado em rosto a Camillo a representação d'este por um gallego. Para tanto, bastava-lhe abrir o volume VI das *Noites de insomnia*, e, ahi, a paginas 89, no artigo *Estupido e infame*, de polemica agreste com Silva Pinto, a quem o glorioso escriptor diz que ninguem póde esbofeteal-o, por elle ter sido sovado a ponta-

pés em pleno Café Martinho, leria o que segue:

« A parte, portanto, que porvindouramente « me houvesse de caber em despiques de pun- « donor, essa — aviso á *Actualidade* — pertence « á alçada do meu gallego. »

Cá está Camillo a transferir a um gallego, que o ficaria representando, a parte que lhe houvesse de caber em despiques de pundonor!

E' bem certo que, na arte de escrever, ainda está para vir aquelle que possa, com afoiteza e sem receio de ser tambem lapidado, atirar a primeira pedra... Camillo, o mais notavel escriptor do seu tempo, estava exposto, como deixo provado, ás pedradas justiceiras dos seus collegas nas letras. O que lhe valeu foi que nenhum d'estes teve mão certeira e pulso firme com que podesse jogar a funda. Nunca appareceu o David famoso que alcançasse derrubar aquelle Goliath!

*
* *

A paginas 497 e seguintes do *Cancioneiro alegre*, publicado em 1879, Camillo, referindo-se a Augusto Soromenho, conta, em resumo, toda a historia do desagradavel desaguisado, de que atraz deixo desenvolvida noticia. Ahi, confessa elle que foi injusto e violento na critica de que fez alvo os versos de José Gomes Monteiro, considerando, portanto, merecidas as censuras de Soromenho. Informa tambem que, volvidos doze annos depois da offensa, apertou a mão ao seu offensor. Se Camillo não errou a conta, deve ter sido em 1871 que elle reatou relações com Augusto Soromenho.

Tout est bien qui finit bien...

Depois de tão aspera diatribe, de tinta gasta em abundancia n'uma discussão acerba e desabrida, os dois antagonistas de 1859 reconciliaram-se. No coração d'um e d'outro não tinham tido guarida resentimentos ou má vontade.

Voltaram á amizade antiga, á estima d'ou-

tros tempos, ao convivio dos annos alegres da mocidade feliz. Acto mais bello, sem duvida, do que esse espectaculo deploravel da arremettida impetuosa, do mutuo ataque, em que gastaram energias e desataram laços de affeição e de cordialidade.

CAPITULO IV

CARTAS INÉDITAS DE CAMILLO

Cartas de Camillo são gemmas refulgentes, scintillantes, arrancadas á mina inexgotavel e preciosissima da sua prosa sem egual. São documentos valiosos, em que transluz a psychologia complicada do eminente escriptor, que ahi, melhor do que nos seus livros, se póde comprehender e estudar. Os livros, arremessava-os elle vertiginosamente á publicidade, ao passo que as suas cartas eram intimos desabafos, commentarios frisantes, communição de confidencias, de queixas, de maguas, por entre as quaes, uma vez ou outra, volitavam sorrisos e ironias, ou zumbiam terriveis sarcasmos.

Para escrever as suas cartas, Camillo quasi sempre desafivelava a mascara, que, ao escrever para o publico, lhe encobria o rosto contorcido pela violencia da dôr. Deixava, assim, que se manifestassem livremente os seus sen-

timentos, as suas paixões frementes, os seus pensamentos reconditos, o seu caracter, tão voluvel, tão variavel, tão doentio, em que havia nobreza e incorrecção, excellencia moral e desequilibrio pathologico, elevação e inferioridade, laivos sublimes de grandeza e traços deploraveis de verdadeira loucura...

Ha cartas de Camillo em que se sente o travor do fel, que lhe vinha, á penna, da alma amargurada. Ha outras em que o riso espadana em borbotões de troça, de desdem e de escarneo. Em algumas, palpita o seu coração sentimental de velho romantico. Na maior parte, como que se ouvem os gemidos que lhe arrancava o soffrimento physico, os uivos de dôr a que o obrigava a sua carne martyrisada.

Camillo padecia aquella doença conhecida pelo nome de graphomania. Escrevia sempre, constantemente, por gosto, por distracção, e tambem por necessidade. Estão publicadas centenas de cartas suas. Muitas outras centenas de missivas se conservam ainda inéditas. Devia haver alguns milhares de epistolas que, infelizmente, estão, para sempre perdidas. Na solidão de S. Miguel de Seide, n'aquella casa sinistra, que as linguas do fogo lamberam, a penna inimitavel do grande Mestre da nossa lingua rangia no papel, constantemente, ou de

dia, á luz brilhante do sol, ou nas horas pavorosas da noite sem fim, impellida pela sua mão nervosa, que tantas paginas d'oiro nos legou.

O romancista escrevia a toda a gente: a amigos, a simples conhecidos, até a extranhos. Em quasi todas essas cartas se aproveita uma nota de critica, uma observação erudita, um justo reparo, um dito mordente, uma chispa de ironia... quando as não illumina um corisco de colera.

Tendo eu publicado algumas cartas inéditas de Camillo, nas duas edições do meu livro *Camillo de perfil*, vou agora estampar aqui mais algumas. Outras possuia eu, por cópia, que projectava dar á publicidade n'este volume. Como, porem, quem m'as forneceu as communicou tambem a um apaixonado camillista, que se antecipou na publicação d'essas cartas, não as entrego aqui á curiosidade, já satisfeita, dos admiradores de Camillo.

Dou o primeiro logar ás cartas que me foram facultadas por Antonio Candido, cujo espirito gentilissimo ha pouco voou dos pincaros elevados do seu amado Marão para o seio gloriosissimo de Deus. N'uma d'essas cartas, Camillo previu admiravelmente que o grande orador *veria transmontar os seus ultimos soes nos espinhaços* da sua montanha que-

rida. Assim foi. Antonio Candido morreu com os olhos banhados pela luz esplendorosa d'este sol de Portugal, que, ao passar as altas arestas do Marão, saudava esse outro sol, que elle era, e luzentissimo, da oratoria portugueza. Não tornaremos a ouvir a sua palavra eloquente, não mais poderemos escutar-lhe a voz musical, a voz, que, no dizer do sublime orador, é o que primeiro morre no homem.

Tive a honra de ser amigo de Antonio Candido. Fui tambem seu discipulo, na Universidade de Coimbra. Lembro-me, com saudade viva, d'esses tempos longinquos em que o tive por mestre. Outrosim me recordo, com egual saudade, das tantas horas deliciosas que, no elegante rez-do-chão da rua da Emenda, passei em intimas conversas com o meu illustre patricio. Que encantadora convivencia era a sua! Que trato delicado! Que lhaneza! Que cortezia! E que espantosa memoria tinha Antonio Candido!

Quando eu frequentava a Universidade de Coimbra, corria ali que a retentiva do insigne orador era tão feliz que, ao findar a leitura de qualquer pagina d'um livro que elle não conhecesse, se lhe tornava facil reproduzir essa pagina com absoluta fidelidade. Seria assim?...

Um dia, volvidos muitos annos, na rua da

Emenda, queixava-se-me elle da sua memoria, que tanto o tinha ajudado e que já não era sombra do que fôra em tempos idos: perdêra a força, a frescura e o viço; deixava-o, por vezes, em sérios embaraços. Lembrei-me, então, do que ouvira em Coimbra, e interroguei-o:

— E' certo que, d'antes, o meu caro Antonio Candido lia uma pagina de qualquer livro, que desconhecesse, e a repetia, acto contínuo, sem lhe faltar uma palavra?

— E' certo.

— Que extraordinaria memoria!

— Quer ouvir? — continuou Antonio Candido —. Quando eu era estudante, achava-me, uma tarde, na quinta das Lagrimas, onde me levava, muitas vezes, a amizade que me ligava ao proprietario, Miguel Osorio Cabral, e aos sobrinhos d'elle, D. Duarte e D. João d'Alarcão. Conversavamos. Não sei a que proposito, gabei-me de que era capaz de ler uma pagina de qualquer livro, que me fôsse apresentado e de a recitar immediatamente, com perfeita exactidão. Um dos presentes duvidou. Insisti. D. João d'Alarcão escolheu logo, entre muitos, um livro — do padre Antonio Vieira, se bem me lembro —, abriu-o ao acaso, indicou a pagina e deu-m'o, para que eu po-

zesse em pratica o que tinha affirmado. Recolhi-me ao vão d'uma janella. Concentrei-me. Li, com attenção e cuidado, a pagina do livro; repeti a leitura, fixando bem os paragraphos e as primeiras palavras de cada periodo, que me fariam recordar o seguimento das outras. E, quando tinha, assim, photographada na memoria a pagina que me fôra indicada, restitui o volume a D. João d'Alarcão e declamei todo o texto, sem que me faltasse uma palavra. Fizeram-me uma ovação!...

— E mereceu-a! — accentuei eu, assombrado.

Era, pois, verdade o que se dizia, em Coimbra, da prodigiosa memoria do orador.

Tive a fortuna de ouvir muitas vezes Antonio Candido, na tribuna sagrada e na tribuna parlamentar. Admiravel! A figura, a voz, o gesto — sobretudo, o gesto, cadenciado e sobrio —, a mascara de medalhão antigo, a cabeça de linhas tão harmoniosas — tudo n'elle falava com tal arte, e com tanta elegancia e superioridade, que era um divino prazer escutal-o e vêl-o, admiral-o e applaudil-o!

Antonio Candido e eu discreteavamos muito sôbre Camillo, de quem elle fôra amigo, possuindo apenas uma carta do grande escriptor, que me deixou ler. Consentiu, de bom grado,

que eu a copiasse, bem como o offerecimento do *Obolo ás creanças*, com que o romancista o mimoseára. Essa carta e esse offerecimento, que é outra carta, vae o leitor encontral-os mais adeante.

As outras cartas inéditas de Camillo, que se seguem ás que ficam indicadas, foram por elle dirigidas ao sr. conselheiro Julio de Vilhena. Forneceu-me a cópia da primeira o distincto bibliophilo, sr. Martinho da Fonseca, e a da segunda o apaixonado camillista, sr. Luiz Ferreira Lima, que possue o original. Aqui deixo a ambos os meus agradecimentos. Tambem os quero deixar, calorosos, á Ex.ma Senhora condessa de Silves e a seu filho e meu amigo, sr. conde de Silves, que me permittiram publicar, n'este meu livro, 46 cartas inéditas de Camillo, dirigidas a seu pae e avô, Joaquim Ferreira Moutinho, o bondoso patrocinador dos estabelecimentos de caridade do Porto.

Alem d'estas cartas inéditas de Camillo, publico n'este volume, por ser curiosissima e para a tornar mais conhecida, uma outra, de que já dei o texto a paginas 313 e 314 da segunda edição (notas) do meu *Camillo de perfil*. Essa carta, segundo me informou o snr. Antonio de Alcantara Machado, de S. Pau-

Univ. of Arizona Library

lo, Brazil, que quiz ter a amabilidade de m'a enviar, por cópia, appareceu entre os autographos do archivo que pertenceu ao poeta, orador e jurisconsulto brazileiro, barão de Brazilio Machado. Está escripta em papel de luto, ignorando-se a quem foi endereçada. Pela data, verifica-se que o romancista a escreveu no dia seguinte ao da morte da sua nora, D. Maria Isabel da Costa Macedo. O projectado romance *Os palacios vermelhos* (*Scenas do Minho*), a que essa carta se refere, que eu saiba, nunca foi começado, sequer, a escrever.

Tambem aqui reproduzo tres cartas de Camillo, quasi desconhecidas dos seus admiradores. Foram por elle dirigidas a José Joaquim de Ferreira de Mello e Andrade, e acham-se publicadas na revista *A Chronica*, numeros 63 e 64, de abril de 1900. Ferreira de Mello fornecia a Camillo apontamentos para romances, como se deduz das cartas adeante publicadas e como se prova pela nota de paginas 514 do tomo 1 da bella obra do fallecido medico, dr. José Augusto Vieira, *O Minho pittoresco*, onde se lê que ao grande escriptor foram ministrados por Ferreira de Mello apontamentos para um romance sôbre a Maria da Fonte. Veja-se o livro de Camillo *Maria da Fonte*.

Por ultimo, vou transcrever para uma pagina d'este meu livro a opinião de Camillo sôbre o suffragio popular. A proposito das eleições geraes, que se realizaram em 20 d'outubro de 1889, o jornal de então, *O Tempo*, dirigindo-se a varios escriptores portuguezes, pediu-lhes que manifestassem o seu parecer ácêrca d'aquelle importantissimo acto da vida politica da nação. O de Camillo é muito interessante.

*

* *

Nas cartas que vou transcrever, o leitor encontrará a ortographia dos originaes, rigorosamente respeitada. Eu sou dos que entendem que, ao trasladar-se nas paginas d'um livro, em letra de imprensa, qualquer documento manuscripto, deve copiar-se fidelissimamente o que n'esse documento se lê. O contrario d'isto é falsifical-o. E' fraude, é contrafacção.

Já no capitulo *Mãos á obra...*, do meu livro *Eça de Queiroz*, manifestei a opinião, que ainda hoje mantenho e conservo, de que se deve acatar a ortographia dos escriptores.

Ninguem tem o direito de reproduzir cartas d'um auctor, subordinando-as a uma ortographia que esse auctor nunca usou.

Dir-me-hão que, em ortographia, Camillo era mais voluvel e mais inconstante do que uma mulher caprichosa. E' certo. O romancista nunca teve modo fixo de escrever algumas palavras. Quando escrevia, não curava d'ortographia, nem n'ella pensava. Mas não é menos exacto que elle seguiu sempre a ortographia etymologica: nunca usou a ortographia sonica, ou outra que se parecesse com a que para ahi se usa. No tomo segundo dos *Narcoticos*, dando conta das phantasias ortographicas da marqueza de Tavora, nas suas cartas, Camillo escreve que ellas «offenderiam a sensibilidade dos olhos do leitor como uma carta phonetica do snr. Barbosa Leão».

Barbosa Leão foi o campeão persistente do uso da ortographia sonica. Essa ortographia, em meu parecer, offende a sensibilidade dos olhos do leitor, como a offende a que foi officialmente decretada.

A republica demolidora, na ingloria e improba faina do *bota-abaixo*, atirou tambem o gume do seu machado destruidor á ortographia etymologica. Incapaz de reconstruir, anarchisou tudo, indisciplinou tudo! Imitando servil-

mente o que de mau nos vem de França, não seguindo o muito que lá ha de bom, pelo que toca á ortographia, desviou-se do que faz a França, onde ainda hoje se mantem a ortographia etymologica. O resultado foi que, em Portugal, cada um desatou a escrever como muito bem lhe pareceu, chegando-se á confusão, á balburdia e á trapalhada ortographica. O que para ahi se vê, em livros e jornaes, é estupendo! E' a desordem a campear, infrene, como em todos os serviços publicos, como em todas as manifestações da vida da nação.

Por mim, vou com Camillo: a ortographia actual offende a sensibilidade dos olhos do leitor. Sou, impenitentemente, pela ortographia etymologica.

Sendo assim, e respeitando eu sempre a ortographia alheia, nas transcripções que faço, é evidente que não podia alterar a ortographia que encontrei nas cartas de Camillo, que vou copiar para as paginas d'este livro.

Seguem essas cartas.

* * *

I

«Meu ex.mo amigo

«Ainda pude ler, com longos intervalos de repouso da vista, o seu discurso apologetico de A. Brancamp. Senti remoçar-se-me a m.ª virilid.e intellectual ao compasso da musica dos seus periodos. A final, apagada a faisca electrica que me vibrou os nervos, recahi na m.ª atrophia; e, com as mãos nos olhos, choraria, se eu tivesse lagrimas. Que saudades das m.as alegrias de ha 20 annos n'estes pinhaes, quando eu sentia os raptos de jubilo que devem estremecer o seu espirito, a preluzir-lhe um grande destino!

«E q̃ sabe se V. Ex.ª ainda irá, no poente da vida, ver trasmontar os seus ultimos soes nos espinhaços do Marão!...

.....

« Mando-lhe um livrinho banal sem lhe impor a obrigação de o ler.

« De V. Ex.ª

« tão recente quanto sincero amigo

« C. de V. Ex.ª

« 10/11/87.

CAMILLO CASTELLO BR.co.

O livrinho, referido n'esta carta, era o *Obolo ás creanças*, ricamente encadernado em percalina vermelha, *tranche dorée*, que, com o numero 11, havia sido offerecido a Camillo Castello-Branco. Este, por seu turno, offereceu-o a Antonio Candido, escrevendo no ante-rosto o seguinte:

II

« Meu presado Antonio Candido

« Peço-lhe liçença para interpôr na sua livraria este livro de bagatellas e archeologias burlescas, á mistura com algumas coisas tristes. Eu queria q̃ V. Ex.ª, no transcurso da sua gloriosa carreira, relançando acaso a vista a este livro, se lembrasse de ter visto no occi-

dente da vida um velho trabalhador a admiral-o e a abençoal-o nas refulgencias da sua aurora. Todavia, como o admirar é mais facil que sentir o debito insoluvel da gratidão, quisera eu que o D.r Antonio Candido me julgasse, sobre tudo, digno da sua memoria pelo reconhecimento indelevel das finezas que lhe devi.

« S. M. de Seide 4 de nov.º 1887. »

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

As cartas dirigidas por Camillo ao snr. conselheiro Julio de Vilhena são as duas que seguem:

III

« Ill.mo e Ex.mo Snr.

« Hontem li um excellente livro portuguez, grave, reflexivo, de mão assente e grande fôlego: *Os trez mundos*, de D. Antonio da Costa. Hoje vou continuar esta feliz monção de livros prestadios, lendo este que recebo

da delicadeza de V. Ex.ca. Relançando a vista pelo «Indice» vi que profundos e contraversos pontos V. Ex.a esclareceu. Faz-se mister grande e lucida penetração de espirito para destrinçar do cáhos intellectual de T. Braga ideas benemeritas de discussão. Faço votos por que V. Ex.ca em paga das suas liçoens correctivas, não receba alguma frecha injuriosa das que lhe abarrotam ao vidente do Direito o cadoz e o orgulho. Profundamente agradecido, subscrevo-me, com a maior satisfação, de

« V. Ex.ca
« Creado e venerador

«Porto 12 de Maio de 73.

Camillo Castello Branco.

IV

«Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro

«A carta de V. Ex.a, acompanhando o titulo da mercê, encontrou-me na prostração de uma cruel enfermid.e q̃ me está dando o

golpe de misericordia. Apenas posso accusar recebido este diploma que ajuntei ao outro. Os meus descendentes hão de gloriar-se mais da carta de V. Ex.ª que do docum.to regio q̃ elles hão de encontrar em casa de muitos visinhos. Abraço V. Ex.ª com a estima consagrada ao talento e á gratidão tão relevante q.to eu nada lhe merecia.

« De V. Vx.ª

« C. de V. Ex.ª « affectuoso cr.º obg.º
« 29/8/85.

Camillo Castello Branco.

N'esta carta, lê-se a seguinte nota do snr. conselheiro Julio de Vilhena:

«Esta carta foi dirigida em 29 de agosto de 1885 por Camilo Castelo Branco em resposta a outra q̃ acompanhava a copia do decreto q̃ o agraciava com o titulo de visconde. Eu era então director e secretario geral do Ministerio do Reino.

« 3/1/1923.

J. de Vilhena.

As 46 cartas dirigidas por Camillo a Joa-

quim Ferreira Moutinho, muitas das quaes esclarecem a publicação do livro *Obolo ás creanças*, são as que seguem:

V

« Ill.mo Ex.mo Snr. Joaquim Ferreira Moutinho

«E' tal o empenho em lhe ser agradavel que me levantei da cama a ver se posso equilibrar-me com a cabeça para poder escrever. Dictar é cousa que nunca fiz em trinta e seis annos de escriptor. Sendo-me agradabilissima a visita de V. Ex.a, seria inutil o seu incommodo para o ca ter, com m.ta honra, como secretario. A' noite principiarei a escrever, se durante o dia não peorar. A'manhan enviarei o q̃ tiver escripto, na 3.a feira irá a continuação e talvez o complemento. Deste modo, pode adiantar-se a composição para que, sem trabalho violento, o livro possa sahir no dia proprio. O trabalho do nosso am.o D.r Alves Mendes é magestoso. Valente cerebro! E' uma felicid.e que elle esteja prezo ao throno pelo altar. Se lhe desse para ser um republi-

cano de *meetings*, seria um eloquentissimo flagello.

« De V. Ex.ª
« M.º g.ro e cr.

C. CASTELLO-BRANCO.

« C. de V. Ex.ª 19/5/84.

VI

« Ex. Sr. e meu amigo

« Tinha recebido o exemplar devolvido de Braga. Agradeço assim os dois. Para q̃ hade vir um terceiro?

« Desisti do projecto de ir p.ª a « Casa de saude » (1). Lembrei-me que minha filha se magoasse com isso, e ainda mais meu genro que é um nobilissimo caracter e muito melin-

(1) Em maio de 1884, Camillo projectou recolher-se á Casa de saude do medico do Porto, dr. Joaquim José Ferreira, que foi uma das suas testemunhas de defesa no processo que lhe moveu o marido de D. Anna Placido, Manoel Pinheiro Alves. Veja-se *Camilo e os médicos*, do dr. Maximiano Lemos, pag. 305. Veja-se tambem *Cartas de Camilo a Eduardo da Costa Santos*, com um prologo do sr. Julio Brandão, pag. 36.

droso. Alem d'isso, a m.ª debilid.ª é tanta que me priva de animo e forças p.ª a jornada. Archivo na mais agradavel secção das m.ªs dividas esta em q̃ V. Ex.ª me obriga com a offerta da sua casa. Quando eu poder ir ao Porto, agradecerei pessoalm.te esta fineza.

«De V. Ex.ª
«obg.mo am.º e cr.

«C. de V. Ex.ª
«29/5/84

C. Castello-Branco

VII

«Meu Ex.mo Amigo

«Meu genro decerto obteve de V. Ex.ª o perdão q̃ a m.ª falta necessitava — perdão ao infortunio q̃ me torna irresponsavel. Ainda não consegui dormir uma hora desque q̃ sahi desta casa.

«De V. Ex.ª
«amigo obrg.mo e cr.º

«C. de V. Ex.ª
«10/6-84

Camillo Castello-Branco

VIII

« Meu presado amigo e Ex.^mo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho

« São tão boas, tão sans, tão adoraveis as suas finezas que ainda exageradas lh'as agradeço, beijando o pulso que as *ousou* escrever. Viu V. Ex.ª no fundo da m.ª alma um arcano que ninguem ainda tinha visto. Houve m.^to quem m'a escalpelasse cruelmente. Ainda bem que não morri sem ter sentido nas chagas o balsamo vertido por um homem de bem.

« Abraça-o o

« De V. Ex.ª

« C. de V. Ex.ª
« 21/11/85

« am.º m.^to grato

Camillo Castello Branco

IX

«Meu presado amigo
e Ex.^mo Sr.

«Paira sobre mim uma tempestade que me não deixa pensar com a serenidade precisa p.ª escrever. Alêm da m.ª incessante infermid.ª, tenho uma nora, a esposa de meu filho Nuno, a expirar tisica; tenho uma neta de anno e meio em m.ª companhia, ja a luctar com a morte por q̃ se aleitou aos peitos da mãe ja confirmada e perdida. Não sei como se resolverá esta crize. Depois, lh'o dirá o de V. Ex.ª (1)

«C. de V. Ex.ª
«Sabbado

«Amigo adm.^or e cr.^o
CAMILLO CASTELLO BRANCO

«P. S. Em um romance meu *A vingança*, se bem me lembro, encontra V. Ex.ª algumas

(1) Esta carta, sem data, deve ser de 1884, talvez do mez de agosto, que foi quando, a 30, falleceu a nora de Camillo, D. Maria Isabel da Costa Macedo. A neta morreu em 13 de setembro d'esse mesmo anno.

paginas q̃ exprimem com justiça e consciencia o conceito q̃ eu formo hoje, como então formava, da colonia brazileira.

C. C. Br.º

X

« Meu presado Joaquim Ferreira Moutinho.

« Só depois que o meu amigo sahiu d'esta sua casa, soube que V. Ex.ª levara flores ao jasigo da minha neta. Fez bem. São as primeiras que ella teve. Eu nunca lh'as levei, por q̃ nem essa poesia das flores me resta, depois de tudo que a morte me levou com a creança. Ella é q̃ era as boninas d'esta ravina em q̃ vou resvalando como um pedaço de carcomida arvore rolada no enxurro. Debaixo da lapide em que V. Ex.ª depôz as suas rosas estão uns pequeninos ossos a esfarelar-se. Não vejo la mais nada. As flores que o meu amigo levou á sua memoria, murchas a esta hora, estão bem sobre a cobertura d'essa massa humida e esqualida q̃ foi a minha neta. São a imagem d'ella. Viço, aroma, graça tudo per-

dido: é o q̃ as suas flores ressequidas symbolisam sobre uma sepultura. Muito obrigado, meu amigo. E' consolador para mim saber que uma terceira pessoa se lembrou da creancinha.

«Outro assumpto. Voltemos as costas ao cemiterio e o rosto para as glorias da vida. E não é das que rutilam e se apagam a que illumina a fronte do nosso Alves Mendes. Podemos fital-a sem desdenhar do pouco que duram as refulgencias gloriosas á volta de um craneo que, ámanhan, um pensador sinistro como Hamlet contemplará com terror de o ver vasio e escuro.

«Sabe q̃ lhe escrevo impressionado pelo discurso que ouvi a Alves Mendes (1). Essa leitura foi um exagerado preito de amisade com que elle correspondeu á m.ª admiração. Quiz o nosso amigo que os rumores do mundo alegre e palpitante de festas civicas chegasse até á choupana de um paralytico. Veio elle trazer-me esses rumores, repartir primeiro comigo o meu quinhão de prazer na admiração dos q̃ hão de ouvil-o.

«O discurso inaugural do monumento com-

(1) Este discurso do conego Alves Mendes intitula-se *Patria* e foi publicado em 1889, no volume a que o illustre orador sagrado deu o titulo *Discursos*. Não chegou a ser recitado.

memorativo da Restauração de 1640 remata por uma serie de apostrophes a Deus. Esse brilhante fêcho é o que salva o discurso do reparo de incongruente para um templo. Notou, de certo, V. Ex.ª a solercia do orador n'essa peroração ungida de sentimentalid.ᵉ christan, q.ᵗᵒ o exordio e a narração realçam em eloquencia academica — a eloquencia da historia, a eloquencia das epopeas, arrebatados hymnos a façanhas profanam.ᵗᵉ heroicas. Notou como elle descreve os gigantes da Azia portugueza, e o Portugal desolado dos quarenta valentes que o resgataram. Ouviu-o contar, estrella p.ʳ estrella, a constellação dos grandes epicos e dos famosos chronistas, e disputar aos bravos as coroas de louro civico p.ª acingil-as ás frontes das volorosas matronas que ensinavam aos filhos a honra da morte nos baluartes da patria rediviva.

« A espaços, n'esse rapto de talento de grande fôlego, ha umas intercadencias sonoras a vibrarem na mesma toada grandiosa: são carmes de Camoens. Alegra ver e ouvir a ressurgencia da alma que immudeceu com a da patria, no momento em que se celebram as proesas dos restauradores. Alves Mendes avocou o espirito do principe dos poetas. O grande epico, assim convidado p.ʳ um dos principes da sua

lingua tão amada, concorreu com algumas das melhores joias do seu escrinio, e o grande orador encastuou-as no oiro das suas locuçoens harmoniosas como a poesia mais levantada.

«Alves Mendes nunca foi ouvido em Lisboa. A prova de um auditorio intelligente não lhe é necessaria como aferidor do seu merecim.to. No Porto é que elle conquistou o nome que tem, e as ovaçoens do Porto não se barateiam nem se adjudicam a reputaçoens panicas. Mas eu folgo m.to de que o conheçam na capital; p.r q, se elle nada tem a ganhar para o seu renome, ganhamos nós os que lh'o temos aqui assignalado com os nossos applausos. Se entre os milhares dos que hãode ouvil-o houver uma nota discordante da admiração e do louvor, essa nota não será ferida p.r despeitos politicos, nem religiosos, nem litterarios. O orador respeita todos os melindres, e nem sequer aguça os dardos que desfêcha contra a onça do Escurial. Das tristezas tenebrosas dos 60 annos de captiveiro sobe p.a as suavidades luminosas da religião, e parece quer que a Civilisação, factora de prodigios, vá operar nas fronteiras o milagre de apertar amistosam.te duas mãos que de punhos cerrados se ameaçam ha oito seculos. Não sabe o douto orador que dois sanctos como Jorge e Thiago desciam do

empyrio armados até aos dentes, e vinham dar o exemplo dos rancores nos prelios ensanguentados das duas nações inimigas?

«Meu presado amigo, adeus. Diga a Alves Mendes que eu conheço alguma coisa superior ao seu discurso: é a modestia do orador; e acima d'isso, a sua dedicação pelos trabalhadores aposentados, mas intransigentes com a velhice, como o

«C. de V. Ex.ª «seu m.¹º dedicado
«S. Miguel de Seide
«27/2/86.

CAMILLO CASTELLO BR.ᶜᵒ

XI

«Meu presado amigo

«Cheguei a esta sua casa, ás 8 da noite, m.¹º escalavrado e doente com os trambolhoens do trem por estes algares da serra.

«Os folhetins do tal Acacio perderam-se com outra papelada impressa que eu, de tempo a tempo, mando inutilisar (¹).

(1) Referencia ao romancista Abel Accacio?

« Envio a V. Ex.ª uma vista desta casa feita pelo antigo deputado Lopes Mendes (1). O art.° q̃ corresponde a essa paisagem pode V. Ex.ª facilm.te encontral-o no vol. 8.º do *Occidente*, n.º 248, é escripto por um S.ª Mattos juiz de direito não sei onde (2).

« Anna Placido recommenda-se m.to a V. Ex.ª de q.m sou

« C. de V. Ex.ª
«16/3/86.

« Amecissimo e gratissimo

C. Castello-Br.co

XII

« Meu Ex.mo amigo

« Seria vaidade lamentar eu o abôrto do seu livro, visto q̃ elle redundava em gloria para mim. Sinto, porém, q̃ motivos de justo melindre não permittam que V. Ex.ª, publicando-o,

---

(1) Antonio Lopes Mendes, professor do Instituto Agricola, antigo deputado e auctor de um livro intitulado *India portugueza*. Veja-se a nota de pag. 410 do meu livro *Camillo desconhecido*.

(2) O dr. Silva Mattos chegou a juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

côlhesse, a um tempo, as duas aureolas de escriptor e extremo nas suas affeições.

« Quanto a Costa Santos, eu ja desconfiava, ha mezes, que o homem ia ladeira abaixo, p.r não conhecer o terreno que pisava. Encheu-se de obras, compradas por baixo preço, mas que não valiam as despesas da impressão. Alem d'isso, contra a m.ª opinião, sacrificou 9 contos na edição dos *Miseraveis*, concorrendo com ediçoens m.s economicas, e, de mais a mais, publicando uma obra conhecidissima e nada popular. O homem quiz ser Chardron 2.° q̃ ganhou 60:000:000. Mas Chardron, alem de ser um habil negociante, nunca publicou obra sem me consultar. Nunca perdeu em livro algum.

« Devolvo o seu manuscripto. Costa Santos observou m.to á lettra os preceitos e conselhos de V. Ex.ª; mas seria melhor que se tivesse aconselhado com outro antes de acceitar a empreza.

« Receba V. Ex.ª affectuosos agradecim.tos de Anna Placido, e nunca desmentidos protestos da affectuosa estima com que sou de

« V. Ex.ª

«C. de V. Ex.ª «20/4/86.

« am.° e adm.or agradecido

Camillo Castello-Br.co

XIII

« Meu presado e Ex.^mo Amigo

« O 1.º alvitre seria de tanta honra para mim que o discutil-o redundaria em falsa modestia. Que teria eu que contrapor á liberalid.^de da offerta dos exemplares? A penas um conselho: « não sacrifique um capital que pode ter destino mais proveitoso ás chamadas verdadeiras necessid.^es ».

« O 2.º alvitre — subscripção, estatuas — concurso de typographias, etc., não approvo nem acceitaria com o prazer intimo correspond.^te ás exterioridades da delicadeza...

« Em ambos os alvitres transluz a generosissima amisade com q̃ V. Ex.ª me nobilita; mas eu so posso acceitar d'ella o q̃ a m.ª consciencia julgar inacessivel ás frechadas dos adversarios q̃ ambos temos, e bons artifices de frechas hervadas.

« Sabe V. Ex.ª o que me parece melhor? é um dia lermos o seu trabalho. Eu dou-lhe um abraço, e V. Ex.ª recolhe o seu manus-

cripto ao cofre das suas boas acçoens praticadas sem testemunhas.

«S. C.
«22/4/86

«De V. Ex.ª
«Amicissimo e gratissimo

C. Castello-Branco

XIV

«Meu ex.mo e presado amigo

«V. Ex.ª *compromette* a sua seried.ª encomiando os meus actos e os meus escriptos na conjunctura actual. Sei que o enorme grupo dos homens cordatos dessa cid.e ficou escandalisado com a m.ª sem cerimonia na apreciação do fundador da eschola de S. Thyrso. Parece que, de chofre, se baqueavam os meus creditos grangeados em 20 annos de estylo chato, comezinho e indulgente com as porcarias mascaradas que toda a gente contempla desbarretada e genuflexa. V. Ex.ª, se pensar bem, pondo de parte as inspiraçoens indiscretas da amisade, abstem-se de me defender, visto que eu não me defendo. Eu teria gr.de pezar se o

visse, p.r m.a causa, alvo de pontarias cuja mira provavelm.te seria outra. V. Ex.a tem inimigos que o podem incommodar, e a mim não me podem fazer a minima injuria.

«Não publique o seu livro, mas guarde-o para o lermos ambos entre duas chavenas de café em sua casa, ou trez, contando com outro auditor, o nosso Alves Mendes, ou quatro, com o meu querido R. Jorge.

«Anna Placido envia-lhe comigo boas-festas.

«C. de V. Ex.a
«29/4/86

«De V. Ex.a
«Obg.mo Collega e am.o

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

XV

«Meu presado am.o

«Vou peorando como era de esperar. A anemia está no periodo final. D. Anna tambem está padecendo de uma sciatica e nevralgias na face. Veio assim da Povoa, e desenganou-se de q̃ não deve avisinhar-se do mar. Resolução definitiva: não vamos p.a Lessa, nem talvez

d'aqui sahiremos. Se o Jorge tem a ganhar com os banhos, eu pagaria todas as despesas que esse remedio exigisse — Hotel p.ª elle e p.ª o enfermeiro, tudo em fim. No estado de *indifferença pela fam.ª*, como diz o Dr. Senna, não pode vir. Da indifferença ao odio não vai mais que contrarial-o nos seus velhos vicios q̃ resurgirão fora da influencia do enfermeiro. Falla-me o meu am.° de *carinho*, como meio de conquistar a affeição de um louco. Se carinhos dessem juizo, não haveria ninguem mais racional q̃ o meu f.°. Até q.^do^ me insultava eu o acariciava. Ricardo Jorge disse-me ha pouco tempo q̃ o meu filho devia estar no hospital até desembro. E eu antes ahi o quero do q̃ aqui onde elle será incomparavelm.^te^ m.ª infeliz e virá redobrar as nossas desgraças, hoje que a nossa saude está presa á morte por um fio que uma leve sacudidella despedaçará. Creia V. Ex.ª que o Jorge não voltará nem a amar-nos nem a respeitar-nos. O que a sua presença virá trazer-me é o receio de um homicidio e d'um incendio — tentativas já ensaiadas p.^r^ elle.

« Habituei-me a consideral-o morto p.ª nós. Não ha nada a esperar desta implacavel desgraça.

« Meu f.° Nuno foi hoje vêl-o. Insisto em

avaliar o estado d'elle pela recepção q̃ fizer ao irmão.

«Beijo-lhe as mãos pela dedicação e carid.ª com q̃ V. Ex.ª tem interposto o seu bonissimo coração n'esta catastrophe (1).

«De V. Ex.ª
«Am.º e obg.º

C. Castello Br.co

XVI

«Meu excellente am.º

«Como juiz suspeito não posso aquilatar o merito esthetico e objectivo do seu art.º; porém, como homem m.ª ou menos competente em lettras, achei-o superiormente pensado, escripto e correctissimo. Felicito-o e felicito-me.

«Meu filho Nuno foi hoje p.ª o Porto com

(1) Esta carta e as duas seguintes devem ser de agosto ou setembro de 1886. O filho de Camillo, Jorge, deu entrada no Hospital do Conde de Ferreira, do Porto, em 2 de agosto de 1886. Vid. *Camillo desconhecido*, pag. 223.

intenção de ir visitar o Jorge. Provavelm.te irá com elle o Dr. Ricardo. E' uma nova experiencia — q, infelizm.te, dará o resultado da primeira. Eu ja disse a V. Ex.a e repito que sem o voto do Dr. Ricardo não me aventuro a trazer p.a este meio meu filho. Se elle aqui entrasse revoltado contra a mãe e contra mim, este debil fio que me liga á vida partia-se. Parece incrivel que o Dr. Senna não reconheça que o Jorge nunca mais pode congraçar-se com a fam.a. Tem o delirio das perseguiçoens e crê que somos nós os seus principaes inimigos. Na ultima carta q me escreveu, agradecendo o fato, disia-me: « Era bastante que me convencessem de que não conspiram p.a que eu aqui esteja prezo desde o *exordio* até ao fim da m.a triste existencia ». Mas não está convencido. Na carta ao Nuno, fallando dos motores da sua prisão, exclama: « Máos raios os partam! » E eis aqui a mansidão do Jorge. Pessoa q elle aqui respeite quem, meu Am.°? Não ha ninguem q o não tema, e eu sou o primeiro, desde q o vi empunhar um garfo para m'o cravar. Ainda assim, a maior desgraça não seria a m.a morte, mas a da mãe q elle ja espancou.

« Parece-me, meu caro am.°, que nada temos a ganhar com o incommodo das suas visitas

ao Jorge. Receio que elle o maltrate, visto q̃ elle já deu como *desnecessarias* as visitas. V. Ex.ª tem excedido o q̃ eu esperava da sua excellente alma. Bastará.

« De V. Ex.ª m.to grato

CAMILLO CAST.º BR.co

XVII

« Meu amigo m.to presado

« A V. Ex.ª e aos cavalheiros que dirigem o *Monitor de Bouças* agradeço a extremada cortesia com que me honraram, engrandecendo o valor da diminuta pagina com que contribui p.ª o n.º da Kermesse. Para mim era ja sobeja remuneração a camaradagem com que, por intervenção de V. Ex.ª, fui nobilitado. Para V. Ex.ª continuar a serie incessante dos seus favores, peço-lhe a fineza de significar áquelles cavalheiros a m.ª gratidão. Ao meu presado amigo não repizarei phrases de reconhecimento, visto que as dividas são maiores que o meu peculio de palavras.

« Recebemos todos desta casa carta do Jorge. Em uma escripta ao Nuno lê-se esta linha que me redobrou a tristeza: « Trato de me evadir deste carcere...»

« Que conseq.^as terá o plano? Será bom esconder o intuito do D.^r Senna, que não vá a redobrada vigilancia aggravar a dor que impulsiona aquella proposta. Sei q̃ todos os mentecaptos pensam na fuga; mas o que me atterra é o susto de que o Jorge se precipite de alg.^a janella ou faça alg.^a violencia.

« Deus me dê coragem.

« De V. Ex.^a
« Am.^o obg.^o e cr.^o

CAMILLO C. BR.^co

XVIII

« Meu presado am.^o

« Na 4.^a feira tomarei a liberd.^e de enviar a V. Ex.^a um caixão com fato p.^a meu filho. Aproxima-se o inverno, e a roupa q̃ elle tem é toda de verão. Envio-lhe tambem tinteiro,

papel, pennas, etc. — por que elle d'antes, ás vezes, entretinha-se a rabiscar. Talvez seja conveniente não lhe dizer V. Ex.ª que sou eu q.m lhe envia esses objectos — q̃ não vá elle regeital-os p.r isso. Hoje, entre os livros d'elle, appareceu um manuscripto, ultimo q̃ elle aqui escreveu. E' verso, e tem esta linha:

Livro-me, fugindo, ao parricidio.

« Olhe V. Ex.ª que ideas o preoccupavam. Ainda assim o desgraçado fugia para não matar o pai que elle diz n'outro verso que *amára muito*. Queixa-se de que toda a fam.ª o abandonasse.

« Despedaçou-me o pobre coração esta leitura.

« No dia 1 de 8.bro, se tiver forças, vou a Ponte do Lima consultar um dosimetrista de grande reputação no tratam.to de anemias. Esperanças até ao fim.

«C. de V. Ex.ª
«27/9/86

« De V. Ex.ª
« m.to grato am.º

CAMILLO CAST.º B.º

XIX

« Meu excellente amigo

« Deixou-me tristem.te pensativo o seu bilhete postal. Vejo que o Jorge peorou. Não me surprende. Sei o processo da implacavel doença. Provavelm.te, depois de alguns accessos de exaltação, descahirá no marasmo precursor da demencia. Quando aconteça elle attingir o estado em que ja não ha agitação nem odios, estou resolvido a trazel-o p.a casa, pois que nada haverá q̃ esperar da *sciencia* (!) nem a recear d'elle. A ter de morrer, quero vêl-o fechar os olhos e beijar-lh'os. Tenho pungentissimas saudades do meu pobre filho. Espero anciosam.te a carta de V. Ex.a ámanhan, com a noticia da sua visita ao desgraçado.

« Hoje remetto o caixote com a roupa. Veja V. Ex.a se o induz a entreter-se escrevendo. A absoluta inercia *intellectual* deve apressar o desfêcho da atonia. Parece incrivel o q̃ elle escreveu 15 dias antes de ir p.a o hospital, e quasi sempre sob a influencia alcoholica.

« Outra cousa. Quando Ricardo Jorge veio

a V.ª Nova para levar meu filho, dei-lhe 20 libras p.ª as primeiras despesas. Depois, q.do ahi fui, esforcei-me debalde p.ª lhe deixar outras 20. Resistiu invencivelmte. Agora, escrevi-lhe pedindo-lhe que me dissesse se se estava em divida: não me respondeu. Isto afflige-me, na suspeita de que haja algum descuido que pode vir desdourar-me.

« Não obstante meu filho estar em 2.ª classe (1$ reis por dia) tenho pago 1500rs como se elle estivesse em 1.ª. Não discuto. Respeito as conveniencias do estabellecim.to; mas o q̃ eu queria era não dever. Poderá V. Ex.ª averiguar melindrosam.te este caso?

« Desculpe tanta impertinencia. Não se pode ser amigo de infelizes como o de

«28/9/86. « V. Ex.ª am.o dedicado

CAMILLO CAST.o BR.co

« P. S.

« Depois de escripta esta carta resolvi ir na proxima 6.ª fr.ª ao Porto para definir bem esta coisa dos pagam.tos no hospital. Em tal caso, serei o portador do caixote, e, p.ª não incommodar V. Ex.ª, envial-o-hei directam.te do hotel a meu f.º. Vamos p.ª o Central.

XX

« Meu excellente am.º

« O vicio do Jorge é irremediavel.....

.....

A final, o Jorge está a resvalar á demencia, é o que se me afigura.

« O Ricardo escreveu-me hontem dando-me p.te q̃ ia hoje p.ª Lx.ª, e deixava providenciadas as coisas no Hospital. Cessa o principal motivo que ahi me levava. Hoje remetto a V. Ex.ª o caixote com a roupa e outros objectos. Desejava q̃ V. Ex.ª assistisse á abertura do caixote para o induzir a que se occupasse, como d'antes, em rabiscar, desenhar, etc. Isso seria uma diversão ás preoccupaçoens eroticas.

« Que trabalho eu lhe dou, meu Amigo!

« Parece-me q̃ irei a Ponte do Lima consultar o Freitas. Talvez 6.ª fr.ª. Se V. Ex.ª houver de me escrever, queira fazêl-o p.ª Famalicão que eu deixo ordem p.ª o destino da correspondencia.

« Anna Placido envia a V. Ex.ª mui sentidos agradecimentos.

« De V. Ex.ª

«C. de V. Ex.ª «am.° gratissimo

«29/9/86.

C. Castello Br.co

XXI

« Meu m.to presado amigo

« Se V. Ex.ª quizer justificar a m.ª independencia, basta-lhe citar a m.ª pobresa. Viveu e morreu ahi no Porto um escriptor de altissimo merecim.to chamado Antonio Coelho Lousada. Uma vez, conversavamos de *independencia;* e elle, apertando as algibeiras do collête, onde não tinha um tostão, disse-me sorrindo: « A m.ª independencia está aqui.» Claro é, meu am.°, que Lousada queria dizer que a sua resignação alegre na pobresa o dispensava de depender. Aquella phrase é um curso de philosophia estoica para uso dos escriptores portuguezes, aos quaes Lousada deixou, alem da maxima, dois livros, como modêlos de boa escripta: *A Rua Escura* e *Na consciencia.*

Eu tinha escripto um romance em q̃ estabellecia que a *Felicid.ᵉ* estava debaixo de uma tabua em que se encontravam 80 contos. Lousada, no seu livro, quiz demonstrar que a *Felicid.ᵉ* estava *Na consciencia*. E' por isso que elle a encontrava nas algibeiras vasias do colête (1).

« Tudo o q̃ V. Ex.ª escrever a meu respeito, descontadas ainda as lisonjas, hade ser bom, por que as illusoens nas boas almas são sempre generosas e immaculadas.

«S/C. «De V. Ex.ª
«2/10/86. «am.º obg.mo

CAMILLO CASTELLO BR.co

(1) O romancista Antonio Coelho Louzada falleceu no Porto, com 30 annos de edade, em 23 de junho de 1859, sendo sepultado no cemiterio de St.º Ildefonso.

No jornal do Porto, *O Nacional*, de 19 de julho de 1860, póde ler-se um folhetim de Camillo ácêrca de Coelho Louzada. Foi escripto em Briteiros e tem a data de 16 de julho d'aquelle anno.

Camillo tambem se refere a Coelho Louzada no ultimo capitulo do seu livro *Cousas leves e pesadas* e nos *Esboços de apreciações litterarias*.

XXII

« Ex.^mo Sr. e meu presado am.^o

« O Jorge vae m.^to bem. Parece-me um sonho vêl-o n'este estado, em que nunca esteve desde que, ha 15 annos, se manifestou a vezania. Congratulo-me com V. Ex.^a por ter concorrido para a sua remoção do hospital. O que sobre tudo me refrigera as grandes dores do meu espirito é ver a alegria da mãe.

« Estou tracejando a m.^a justificação contra as infamias que os francezes me assacaram. Pude ler o processo, e com elle á vista parece-me que me levantarei limpo do atascadeiro em que encharcavam o meu nome (1).

« De V. Ex.^a
« 26/10/86 « am.° insolvente

C. Castello-Br.^co

(1) Os francezes a que se refere Camillo n'esta carta eram os editores portuenses Lugan e Genelioux, sucessores de Ernesto Chardron.

XXIII

« Meu presado amigo

« V. Ex.ª achou concludente e persuasiva a m.ª defeza (1); pois eu não estranharei se a Relação der a justiça aos francezes. Desde que la acceitaram o Aggravo do Anselmo (2), não me é dado esperar que acceitem o do Costa Santos (3). A questão é hoje comigo como era então. Eu tenho tido a habilid.ª de grangear odios inconscientem.te e inimigos solapados q̃ não perdem lanço de me ferir assim que me pilham um calcanhar nos tribunaes das justiças. O peor não é isso, meu am.º. O peor é a doença que lavra espantosamente sem treguas nem refrigerio. Ja com m.ta difficul-

(1) Referencia ao folheto de Camillo, *A diffamação dos livreiros sucessores de Ernesto Chardron,* em que é tratada a questão judicial provocada pela publicação do livro *Bohemia do espirito.*

(2) Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, com quem Camillo andou em questão judicial. em 1868, por causa do livro *Mosaico e silva de curiosidades historicas.*

(3) Eduardo da Costa Santos, proprietario da *Livraria Civilisação,* do Porto, e editor de varios livros de Camillo.

dade me levanto da cama, n'uma oscillação de pernas e tonturas de cabeça. Da vista vou enfraquecendo, e quasi esçrevo com o nariz sobre o papel. Serei menos infeliz, se isto acabar cedo.

« Meu filho Jorge continua bem. Não conversa nem sahe de casa; mas socegado, humilde e bom. Anna Placido recomenda-se-lhe m.to agradecida, e eu, abraçando-o affectuosissimamente sou de

« V. Ex.a

«S. C. 4/11/86 « Am.o mt.o grato

CAMILLO CAST.o BR.co

XXIV

« Meu presado amigo

« A *Alvorada* trouxe-me um fragmento novo da sua inexhaurivel alma e intelligencia. Muito obrigado, meu excellente amigo.

« A m.a doença recresce n'um progresso lamentavel. A unica deliberação que me resta, antes de me deixar morrer, n'um completo desamparo, é entrar em uma Caza de saude.

Eu preferia por todas as rasoens de amisade e sciencia a do conselheiro Ferreira; desconfio, porém, q̃ elle não está bem disposto a meu respeito. Penso q̃ a rasão é eu ter por duas vezes projectado ir para caza d'elle, e d'ambas as vezes tenho succumbido ás lastimas de Anna Placido que considera a casa de saude um passadiço para o cemiterio. Escrevi-lhe, ha mezes, consultando-o sobre o meu estado; não me respondeu. Depois, felicitei-o pela mercê da carta de conselho: tambem não accusou a recepção das m.as sinceras congratulações. Este proceder, incongruente com os habitos delicados do Dr. Ferr.a, faz-me suppor que elle não deseja ter comigo, pelo menos com o homem pathologico, relaçoens.

«Lembro-me, pois, de me recolher á do Almeida; mas, sobre não conhecer nenhum clinico d'aquelle estabelecim.to, tenho uma profunda antipathia pela casa — talvez a saudade d'uns dias q̃ por la passei m.to alegres quando aquillo foi um hotel, e por ali convivi com m.tos amigos ja mortos. Faz-me horror ir morrer n'um d'aquelles quartos.

«Mas estarei eu enganado com o Ferreira? Será isto uma apprehensão da m.a fantasia doente? Pode ser que V. Ex.a, sondando o Ferr.a, podesse inferir sentim.tos diversos dos

que eu presumo desconsideração ou arrefecim.to de uma amisade que data de 1849.

« Em todo caso, é urgente que eu me retire d'aqui; por q̃ a ter de morrer desejaria não ver á volta de mim esta familia. V. Ex.a terá a bondade de me ajudar a pensar a este resp.to.

« Do seu obrg.do am.o

«29/1/87

Camillo Castello Br.co

XXV

« Meu illustre amigo

« Em um dos n.os dos « Serões de S. Miguel de Seide » sob uma formula faceta expendi os meus sentim.tos a resp.to da instrucção publica derramada pelas classes baixas e que nada tem q̃ aproveitar nem que promover em proveito alheio (1). Eu não poderia, mesmo p.a o servir, violentar o meu espirito inflexivel a escrever um art.o nas condiçoens em q̃ V. Ex.a

(1) Veja-se, no n.º 4 dos *Seroens de S. Miguel de Seide*, a *Carta* inserta de pag. 11 a pag. 32.

o deseja. Peço, pois, que me dispense de collaborar na intenção do livro. Escreverei q.to for preciso para o encher; mas tudo alheio do proposito com q̃ o livro se publica.

« Ser-me-ia tanto honrosa q.to agradavel a visita do snr. Conde (2) e de V. Ex.a; mas eu, forçado pelas nevralgias que ha 8 dias me despedaçam, vou ámanhãn p.a Vizella, m.a fiado na mudança de terra que no beneficio das aguas. Se não permittir o tempo q̃ eu vá ámanhãn irei depois.

« Sei q̃ o snr. Conde vai a Vizella passar alguns dias. Terei então ensejo de agradecer a S. Ex.a a inolvidavel fineza com que tencionava honrar a cabana de Seide.

« De V. Ex.a
«S. C. 1/6/87 « Am.o agr.do e cr.o

Camillo Cast.o Br.co

(2) Conde de S. Salvador de Mattosinhos.

XXVI

« Meu pacientissimo amigo

« Disponha de tudo como lhe parecer melhor. Não percebo, porem, como os 5 art.os que lhe enviei possam distribuir-se p.r 2 compositores, ou por 2 typographias, sendo elles numericam.te intercallados, p.a que a polemica se intenda.

« Parece-me q̃ o Martins (1), por modestia, não consentirá q̃ o retrato acompanhe os seus 2 art.os. Seria preciso acompanhal-o de traços biographicos que eu escreveria, se tivesse apontamentos sufficientes. O que sei, e ja disse a V. Ex.a, é pouco para biographia. Seria excellente que o typo fosse grande, para q̃ o das *Notas* de alguns art.os meus não seja pequeno (2).

(1) Francisco Martins Sarmento.

(2) Esta carta e as seguintes referem-se á organização do livro *Obolo 'ás creanças*, publicado por Joaquim Ferreira Moutinho, em beneficio do Real Hospital de Creanças Maria Pia e da Créche de S. Vicente de Paulo, do Porto. N'esse livro, collaboraram Camillo e Martins Sarmento, usando o primeiro o pseudonymo *O egresso Bernardo de Brito Junior* e o segundo *F. Fagundes*.

« Continuo na m.ª desgraça da crize de nevralgias. Devo-as a este cruel tempo.

«S. C. «De V. Ex.ª
«6/6/87. «am.º m.tº devedor

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

XXVII

«Ex.mo am.º

« Agradeço a V. Ex.ª e á benemerita Direcção do Hospital de creanças a deliberação que redunda em proveito p.ª os pobres e honra para mim.

« A obra que offereci ao Gabinete portuguez de leitura do R. de Jan.ro foi a *Caveira da Martyr*. Talvez q̃ V. Ex.ª a não tenha, por q̃ é m.tº rara. Reimprimiu-se no Rio ha 6 mezes.

« Assignei *egresso B. de Brito* os art.os de *pochade* historica p.r me lembrar q̃ Fr. Bernardo de Brito, o Chronista de Cistér, inven-

tou patranhas analogas. Não houve intenção q̃ não fosse uma brincadeira. Affectos de A. P.

« C. de V. Ex.ª
« 6/6/87.

« De V. Ex.ª
« m.to grato am.o

Camillo Castello Br.co

XXVIII

« Meu presado amigo

« Duas palavras q.to a retratos.

« Do da *Bohemia* Deus nos livre. Anda em todos os periodicos, e até o vi ha pouco na *India portugueza* do Lopes Mendes. Onde deabo me metteram! na *India Portugueza*.

« A Casa editora Campos de Lx.ª está fazendo uma edição definitiva de 28 vol. q̃ tem meus. O primeiro vol. é acompanhado de um retrato meu aos 33 annos de id.e. Achei distincto o pensam.to e aprovei-o. Tambem agora aprovaria que o livro levasse um retrato meu aos 40 annos (1). E' esse que remetto, e que

(1) Este retrato, a que se refere Camillo, é o que foi por mim publicado a pag. 176 do meu livro *Camillo desconhecido*.

poderia ser copiado por um m.^to^ habil artista q̃ tem o *Charivari*. O outro retrato é do Fran.^co^ Mrz. Sarmento aos 30 annos. Ser-lhe-ia m.^to^ agradavel a elle a surpreza, hoje que está velho. E até me parece que não o poderemos obter d'outro feitio. O meu está m.^to^ escalavrado; mas creio q̃ serve p.^a^ a copia.

« Tenciono ir ao Bom Jesus ver o sr. Conde de Mattosinhos, quando elle ali chegar. Desvie-o V. Ex.^a^ de aqui vir, por que me é m.^a^ agradavel ir eu cumprimental-o. A m.^a^ modestissima cabana não comporta visitas que me façam penosa a distancia da fortuna que nos separa. Sinto-me profundam.^te^ mysantropo.

«De V. Ex.^a^
«am.^o^ gratissimo

C. Castello Branco.

«C. de V. Ex.^a^
«7/6/87

XXIX

«Meu ex.^mo^ am.^o^

«Está optimo o prospecto. R.^ci^ devolvida da Povoa a carta q̃ não tinha accusado. Se alguma

vez faltar com respostas, é por que recrescem as difficuldades de escrever, salvo q.do a resposta for urgente. Visto que o prefacio de V. Ex.a me diz em grande parte respeito, rogo-lhe q̃ me dispense de lh'o ouvir ler. Não ousaria eu louvar-lh'o nem censurar-lh'o antes de impresso. O que V. Ex.a, com referencia ao livro, deve pedir-me é as peças componentes d'elle. Ao mais quero e devo ser estranho. Prevejo grande demora, visto que a impressão é esmolada. *Cavallo dado* etc. Volto breve.mte p.a a Povoa.

«De V. Ex.a
«obrg.mo am.o

«C. de V. Ex.a
«27/6/87

CAMILLO CASTELLO BR.co

XXX

«Meu bom amigo

«Dos ex. numerados quereria um p.a o J.e Luciano de Castro e outro para o Thomaz Ribr.o, e ainda outro para o Joaq.m Peito de Carv.o.

«Envio duas poesias que hão de entrar quando quadrem ás conveniencias da composição. A *Resignação* precisa de um prefacio ou nota de V. Ex.ª a dizer que as linhas q̃ a precedem são de Thomaz Ribr.º A outra poesia (inedita) refere-se a Theophilo Braga. Pode V. Ex.ª, se quizer, declaral-o, não obstante a inimisade litteraria q̃ nos divorciou.

«Vão mais dois folhetins que sahiram no *Commercio do P.* E' indifferente a collocação. V. Ex.ª disponha como quizer.

«Penso q̃ voltarei para a Povoa na proxima 3.ª fr.ª Muitos e agradecidos recados de A. P.

«De V. Ex.ª

«Queira voltar — «sincero adm.or e am.º

C. Castello Br.co

«E' incerta a ida p.ª a Povoa. As provas que venham p.ª aqui. Se V. Ex.ª tiver as poesias do Ant.º Per.ª Caldas peço o favor de m'as emprestar por que tenho que acrescentar na nota respectiva.

(Dentro d'esta carta, encontra-se, escripto por Camillo, em meia folha de papel, o seguinte soneto:)

A MAIOR DOR HUMANA (*)

Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!

As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus! A Fé implora.
E o ceo que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.

Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer!...
Desastre infando!

Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
E's coração que a dor impedreniu,
Sepulcro vivo de dois filhos mortos.

(*) «A morte quase simultanea de dois filhos unicos de um pai extremoso inspirou estes froixos versos.

27 de junho de 1887 (1)

---

(1) Na primeira quadra, percebem-se perfeitamente as emendas feitas por Camillo. São ellas *torva* para *negra*; *negras* para *amargas* e *acompanharam* para *escravisaram*. Tambem Camillo, que tinha assignado o soneto com o seu nome completo, o riscou, cobrindo-o com traços.

XXXI

Meu am.°

«Agravam-se os meus padecimentos. Parece-me q̃ está a encerrar-se a tragedia. Não devo protrahir por mais tempo o casam.^to^ com a mãe de meus filhos. Quero deixal-a não mais feliz; mas mais respeitada.

«Tem, pois, V. Ex.^a^ de fallar com o snr. Dr. Alves Mendes, e designar-me o dia em q̃ farão o sacrificio de vir aqui. Devem dirigir-se para caza de meu filho Nuno.

«Anna Placido ignora esta resolução; mas tenho como evidente q̃ a não contrariará. Não venham V. Ex.^cias^ sem me prevenir do dia e hora da chegada a Fam.^am^

«De V. Ex.^a^ am.° grato

«Julho 1887

Camillo Cast.° Br.^co^

XXXII

«Meu presado am.°

«Depois q̃ da Povoa lhe remetti as ultimas provas, regressei a Seide, por que nada tinha a esperar de melhoras, Não enviei á cerca de Vieira, fallecido, p.r q̃ me não remetteram uns apontam.tos promettidos. Bastará, pois, q̃ V. Ex.a diga em uma breve nota á «Procissão dos moribundos» que Jose M.a Vieira morreu nos primeiros dias de 7br.°

«A Snr.a D. Anna Placido encarrega-me de dizer a V. Ex.a que, em lhe sendo menos inopportuno, queira receber os 75$rs. de seis mezes de juros dos 3 contos, e conserval-os em seu poder. Parece q̃ não serão precisas mais formalid.es

«De V. Ex.a

«Seide 21/9/87 «Am.°, adm.or agrd.°

Camillo Cast.° Br.co

XXXIII

«Meu bom amigo e Ex.^mo Sr.

«Anna Placido agradece a V. Ex.ª o bom e prompto e expediente dado ao producto dos coupons. Incluso remetto o docum.^to relativo aos mesmos. No principio da proxima semana, se a bronchyte, q̃ ambos estamos soffrendo, nos permittir, iremos ao Porto a fim de se realisar em fim o preceito canonico, se o nosso Dr. Alves Mendes estiver ahi. Depois seguiremos p.ª Lisboa onde me vejo forçado a voltar por causa dos olhos.

«De V. Ex.ª

«S. C. 29/10/87 «m.^to grato e inutil am.^o

Camillo Cast.^o Br.^co

XXXIV

«Meu bom e presado Amigo

«Contristam-me fundamente os pesares que está colhendo de uma boa acção. Meu am.^o, egoismo, egoismo — é o que eu lhe aconselho

na questão sujeita e em todos os passos da vida. Q.to á reversão dos livros a Fr.co M.rz ou a mim, nem elle nem eu acceitariamos essa banal formalid.e. Por tanto, não pense nisso V. Ex.a, e dê-lhes o destino quizer e poder. O que eu sentirei é que, por sobre as despesas de tempo e de cuidados, V. Ex.a ainda haja de perder din.ro com tal publicação.

«Agora duas palavras a resp.to do fetido assumpto casam.to. Anna Placido e eu recusamos celebrar o acto na egreja. A idea da Sé nocturnam.te pareceu-me sinistra como um responso de defuntos em trintario cerrado. Nada, meu am.o Se o casam.to se podesse fazer aqui no meu escriptorio, ou no quarto de um hotel, como V. Ex.as diziam, isso parecia-me uma mera formalid.e em fam.a, sem espectaculo, sem sacristães, sem estapafurdismos archeologicos. Por tanto, meu caro Mout.o, que descanse em paz o 7.o sacram.to pelo q̃ me diz respeito, e tanto V. Ex.a como o Dr. Alves Mendes guardem bem sensivel a memoria da m.a gratidão.

«Sinto-me acerbam.te enfermo de tudo que é fibra d'alma e de corpo.

«Do seu m.to grato

«5/11/87

Camillo Cast.o Br.co

XXXV

«Ex.^{mo} am.^{o}

«Basta q̃ V. Ex.^{a} tenha a bondade de me enviar um exemplar. As pessoas a q^{m} eu poderia envial-os q̃ os comprem. Adiei a m.^{a} ida a Braga p.^{a} 5.^{a} feira. Insto com V. Ex.^{a} p.^{a} que não venha aqui. Eu de ámanhan em diante vou ser um nómada, sem paragem definida. Não vieram algumas provas como V. Ex.^{a} me indica. Nem seria possivel compor-se o manuscripto até á sahida do correio. Não me dão cuidado, encarregando-se V. Ex.^{a} ou Alves Mendes de as verem e até de corrigirem algum lapso, devido á precipitação da escripta. Se vierem ámanhan, vão no corr.^{o} da tarde.

«3.^{a} feira—á noite «De V. Ex.^{a} am.^{o} obg.^{mo}

Camillo Cast.^{o} Br.^{co}

XXXVI

«Meu presado amigo
«e Ex.^mo^ Snr.

«Se, antes de domingo, passar pelo escriptorio do «C. Portuguez», peço-lhe o favor de fazer entrar alphabeticam.^te^ na «Procissão dos moribundos» os seg.^tes^ sujeitos:

«Augusto Luso da Silva
«Conde de Samodães
«Guerra Leal (creio q̃ ainda vive)
«José Augusto Correia de Barros
«José Maria Vieira
«Pedro d'Amorim Vianna
«Visconde de Juromenha
«Visconde de Seabra.

«Era uma injustiça illiminal-os e uma ingratidão esquecêl-os.

«De V. Ex.ª
«am.º devotadissimo

C. Castello Branco.

XXXVII

«Meu excell.ª am.ª

«Fr.co Martins está em Ancora absorvido nas suas exploraçoens de antiquario. Seria incommodal-o pedir-lhe litteratura — e litteratura tão estafada — em tal conjunctura. Alem d'isso Fr.co Marz. nada escreve fóra do seu escriptorio.

«Hoje envio *A Procissão dos moribundos*. Vão os art.os que constituem as notas em forma de *Comentarios*, como lhe disse, sem alterar o typo.

«D. Anna recorda-se dos meninos gordos. Ainda hoje nas provincias do norte se encontram em canecas e pratos os retratos dos 2 meninos phenomenicos.

«Melhoras nenhumas.

«De V. Ex.ª am.º obg.do

C. C. Br.co

XXXVIII

«Meu am.°

«Agostinho Albano da Silveira P.^to^ que V. Ex.ª dá como morto era avô do outro homonymo a q.^m^ me refiro. Terá 50 annos e é filho do Anthero ha pouco fallecido.

«Ant.° Per.ª da Cunha que V. Ex.ª presume fallecido escreveu-me ha 3 dias, e decerto não foi do outro mundo. Reside em Lx.ª e é chefe do partido realista.

«José M.ª Vieira que V. Ex.ª diz *morto*, vive em V.ª do Conde com 84 annos de id.ª em comp.ª do filho Reynaldo Vieira.

«Corr.ª de Barros já escrevia criticas litterarias e theatraes em 1855. Está comprehendido nos annos de 1848 a 1858. Pode pois o meu am.° dar como moribundos simplesm.^te^ os 3, e como ant.° escriptor o 4.°

«Não sei se lhe disse que o projectado livro se intitularia simplesm.^te^:

Obulo á creche.

«Mil venturas lhe deseja o de V. Ex.ª

«am.° obrg.^mo^

C. C. Branco.

XXXIX

«Meu presado amigo

«D. Anna tem estado a ler o prefacio do *Obulo* com mais attenção a ver se decifframos o enygma dos louvaveis muros que V. Ex.ª pespegou nos queixos de um tal Machado que eu não conheço de nome nem de pessoa.

«Ella quiz ver em um periodo brilhantem.te prophetico do seu prefacio a alusão que motivou o encontro (1). O desforço do homem parece incrivel; mas a correção que V. Ex.ª lhe deu pode produzir uma licção de moral mais proficua do que as paginas sensatas que provocaram o conflicto. Espero o correio d'hoje, se os jornaes alguma coisa esclarecerem; mas é natural que o não façam por que o esclarecim.to seria pôr duas luzes á beira do facto vergonhoso para elle ser bem visto. Seja como for, dou-lhe os parabens por ter um pulso tão forte para a phrase escripta como

(1) Veja-se a pagina LXVI do *Em vez de prologo*, do *Obolo ás creanças*, onde ha referencias a um *machado* e a um *brandão*, que eram Eduardo Machado e Marçal Brandão. Esse prologo foi escripto por Joaquim Ferreira Moutinho.

para o soco dado. E' preciso ser um pouco Camões:

«Braço ás armas feito
«E mente as musas dada

«Com referencia ao *assumpto casamento*, alteramos o nosso projecto pela seguinte maneira: o casamento será feito aqui, podendo V. Ex.cias aqui vir quando a occasião lhes seja mais opportuna (1). Pedimos, porem, que nos avizem 48 horas antes; por quanto é nossa intenção sahirmos para Lisboa no comboyo da tarde quando os acompanharmos ate Campanhan. Já vê V. Ex.cia que ha incompatibilidade de tempo e lugar p.a podermos aceitar a honra do seu convite. Não faltará depois occasião em que aproveitemos essa nova prova da sua estima.

«Do seu am.°

C. C. Br.co (2)

---

(1) O casamento de Camillo com Anna Placido realizou-se no Porto. a 9 de março de 1888. na casa da rua de St.a Catharina, onde elle então residia. Veja-se o meu livro *Camillo desconhecido*, pag. 228.

(2) Esta carta é toda escripta por letra de D. Anna Placido,

«Camillo vai peiorando sempre, e sente extrema necessidade de ir a Lisboa. Eu, m.to grata a todas as suas amabilidades confesso-me De V. Ex.a am.a agradecida

ANNA AUGUSTA PLACIDO.

XL

«Meu Ex.mo amigo

«Peço-lhe que não culpe o meu silencio.

«Esta cruel doença que não retrocede nem sequer estaciona não me deixa o cerebro livre para ditar serenam.te uma carta. Já não posso lêr nem escrever.

«Ouvi ler as phrases laudatorias do Dr. Theophilo Braga. Dou tanta importancia aos louvores d'hoje como ás injurias d'outr'ora: Ha 15 annos chamou-me *réles rimador*; hoje cathegorisa-me em *poeta eximio*. Nenhuma das definições me quadra perfeitamente.

«O soneto que escrevi ao ideal da maior dor humana não tem nada com o Theophilo Braga: é com a dor de qualquer pai que seja

capaz de a sentir. Ora o Theophilo Braga, pelos discursos que faz, mais me parece um *poseur* que um martyr.

«Relativam.te» aos seus desgostos litterarios de que eu fui o imprevidente promotor, vou dizer-lhe duas palavras sem authoridade; mas a meu ver judiciosas. Parece-me que V. Ex.cia não deve publicar folheto algum com o intuito de justificar-se. Justificação possivel ha uma só, mas inconveniente: seria V. Ex.cia affirmar que as allusões feitas no prologo ao Brandão e ao Machado eram claras e intencionaes; e cumpria-lhe depois fazer bem sensivel a razão por que o fizera; e perguntar aos seus adversarios se os dois queixosos tinham razão para se offenderem ate ao ponto de o assaltarem nas praças. O publico veria da parte de V. Ex.cia um desforço dessimulado em gracejo no prologo, e da parte dos offensores um insulto irracional. Ora não podendo nem devendo talvez dar V. Ex.cia estas explicações, tendo dito que não houvera alusão intencional ao *brandão* e ao *machado*, parece-me que o silencio e esquecimento é o unico exito plausivel d'esta questão que tem as galerias em espectativa. A posição séria de V. Ex.cia não lhe permitte continuar o espectaculo Elles declararam que não voltarão á imprensa; mas é natu-

ral que se guardem para retaliaçõens de resultados funestos, para V. Ex.cia e para elles. Se tudo o que eu venho de lhe exprimir como experimentado nestes pugilatos da imprensa o não demove do seu proposito, será por que V. Ex.cia tem razõens mais fortes do que as minhas.

«A sua visita ser-me-hia m.to grata e honrosa, se eu disposesse de um pouco de socego de espirito; porem neste estado a menos dolorosa das situaçõens é o silencio e as trevas. E' minha intenção realisar aqui o enlace com D. Anna logo que com a saude me renasça o primeiro dia de contentam.to.

«P. S. «De V. Ex.cia
«M.tas lembranças «amigo agradecido
«do secretario

CAMILLO CASTELLO BRANCO (1).

(1) Esta carta tambem é toda escripta por letra de D. Anna Placido.

XLI

«Meu am.°

«São bons os titulos escolhidos por V. Ex.ª A' «procissão dos moribundos e dos mortos» hade ante-pôr *Memorandum*.

«A poesia á dor de T. Braga tem historia previa. Não foi uma inspiração espontanea. João de D.ª escreveu-me a carta q̃ lhe envio. Respondi que não tinha elegias nos meus livros; mas q̃ lhe enviava uns versos suggeridos por uma dor egual á do T. Braga (1).

«E' possivel que a poesia venha a apparecer no tal projectado livro; e, como o nosso caminha lentamente, é natural q̃ a não publique em 1.ª mão. Tambem é possivel que o pensam.to de João de D.ª não vingue por exquisito.

«Cada vez mais cego e m.ª seu am.°

C. C. Br.co

(1) Com aquella sua desastrada pecha de espalhar erros de factos e erros de ideias por quasi todas as paginas dos seus livros, Theophilo Braga — Deus lhe perdoe o mal que fez neste mundo! — a pag. 58 do seu livro *Camillo Castello Branco — Esboço biographico*, affirma levianamente que foi a morte da neta de Camillo, Maria Camilla, que inspirou ao grande romancista o seu bello soneto *A maior dor humana*. Seria para não ter de lh'o agradecer? N'estas cartas, Camillo assegura qual foi a inspiração.

XLII

«Meu excellente amigo

«O livro artisticam.te está magnifico. Vi de relance nos meus art.os alguns erros typog., mas isso não desluz a belleza plastica. O mais pouco importa p.a leitores portuguezes. Vão-se-me os olhos a galope. Não ha remedio senão fechal-os de todo.

«De V. Ex.a
«m.to grato am.o

C. Cast. Br.o

XLIII

«Meu presado am.o

«Tenho recebido os seus formosos art.os, musicaes e caritativos como o assumpto. Espanta-me a opulencia da sua linguagem. Não cesse.

«Desejo ver transcripto em algum jornal do Porto o art.° q̃ lhe remetto com uns acrescentam.tos justiceiros. Se V. Ex.ª quizer promover a reimpressão m.to lh'o agradeço.

«Estou em vesperas de ir para a Povoa com a m.ª fam.ª Vou ver o q̃ faz o iodo no meu sangue branco.

«De V. Ex.ª

C. Castello Br.°

XLIV

«Ex.mo Snr.
«E meu presado amigo

«Se eu houvesse de me defender — o q̃ os ceus não permittam — das accusaçoens impertinentes ás minhas excentricid.es sobre escholas aldeans, repitiria com alguns commentarios o q̃ escrevi no n.° 4 dos *Seroens.* Porém, se tivesse de encarregar alguem da m.ª defêza, seria V. Ex.ª o causidico, pelo processo q̃ me expõe na sua carta.

«Não arguiria, porem, o Estado de omisso

em abrir carreiras em que os iniciados em lettras sertanejas possam exercer os seus predicados mentaes. Seria isso exigir o milagre ou o paradoxo. Que hão de fazer os governos? Como alargar o bojo da *bureaucracia*, a termos de la metter todos os investidos em instrucção primaria sahidos torrencialmente de S. Thyrso, de Figueiró dos Vinhos, de S.ta Comba-dão? Instruir o pequeno lavrador? para q̃? De que serviria um curso de agricultura ao lavrador que apenas lavra o pão da subsistencia? Eu sei que na Allemanha o grande propriet.º rural é grandem.te instruido; mas esse converte o seu saber em progressos agricolas, em beneficio da terra, e em beneficio, pelo exemplo, dos agricultores medianos. V. Ex.ª sabe perfeitam.te o q̃ é a fragmentada lavoira do Minho, de Tras-os-montes, e das duas Beiras. Apenas o Alemtejo tem grandes propriet.os, m.tos são instruidos, e pouquissimos são os q̃ sahiram da rotina. Teimo em asseverar que a instrucção das aldeias não pode produzir senão emigrados. Se isso é um bem, se um mal — é questão que deixo pendente no tribunal da critica de V. Ex.ª.

«Eu não quiz nem por sombras beliscar a colonia brasileira n'isso q̃ escrevi. Até me parece que a m.ª opinião é a de uma

duzia de portuguezes intelligentes que estão no Brazil.

«A m.ª pouquissima saude não me deixa desenvolver, como eu desejava, a these implicita nas paginas do 4.º tomo dos *Seroens* (1). Nem V. Ex.ª carece de illucidaçoens. O que me parece melhor é que V. Ex.ª não se fatigue em me desculpar aos olhos da boa gente que se doeu da nudeza do *Heitor Barradas*. Eu tenho um bom sorriso p.ª responder ao pudor virginal desses homens bons, e peço aos deuses que os conserve n'essa temperatura de meninos miraculosamente incombustiveis na fornalha biblica.

«De V. Ex.ª
«Am.º m.to grato

CAMILLO CAST. BR.co

«P. S.
«Muitos affectos de A. Placido.

(1) Veja-se, a pag. 139, a nota á carta de 1 de junho de 1887. Veja-se tambem o P. S. da carta IX, a pag. 113.

XLV

«Ex.^mo am.^o

«Li a pagina final do seu livro. E' livro de consolação p.^a creanças e até para velhos, visto que eu tambem lá venho com o meu quinhão da sua bem-querença. Folgo m.^to de ter agrilhoado as m.^as dores nevralgicas por espaço de 2 horas para poder escrever o Epilogo. Duas horas! Veja V. Ex.^a que é essa a desculpa da desordenada coisa q̃ escrevi (1).

«A'manhan vou a Braga e tenciono demorar-me em experiencias de medicos (2). Vou ver se consigo algum beneficio da *Dosimetria*. Dê-me V. Ex.^a as suas ordens para o Hotel Central.

«Um abraço ao nosso Alves Mendes.

«De V. Ex.^a

«3.^a fr.^a «am.^o obg.^o

C. Castello Br.^o

---

(1) O livro a que se refere esta carta deve ser o que se intitula *A Creche*, de Joaquim Ferreira Moutinho. Para esse livro, escreveu Camillo o *Epilogo*, que tem a data de 20 de maio de 1884. N'este anno, deve, pois, ter sido escripta esta carta.

(2) Estes medicos, de Braga, seriam os drs. Pinheiro Torres e Ulysses Braga?

XLVI

«Meu presado am.º

«A'manhan, 5.ª fr.ª, passo no expresso p.ª Coimbra onde vou consultar o especialista ophtalmologico D.r Gama P.to. Não sei se elle me demorará para exames e experiencias. Se houver provas — visto q̃ ha urgencia em serem vistas — queira V. Ex.ª enviar-m'as para lá ou mandar-m'as á estação de Campanhan p.ª eu as receber na passagem.

«Enviei-lhe 3 cartas contendo mss.

«Do seu m.to grato

C. Cast. Br.º

XLVII

«Meu excellente amigo
«5.ª fr.ª

«Faltaram-me forças p.ª ir a Coimbra. Volto hoje á noite p.ª a Povoa — Hotel Luso-brazileiro.

«O sonêto não pode imprimir-se sem que eu o reveja. Queira o meu am.° enviar-m'o com as correcções que lhe fiz por causa da fantasia do compositor (1).

«De V. Ex.ª
«verd.° am.°

C. Cast. Br.°

XLVIII

«Meu bom amigo

«Depois da sua ultima visita, ainda estivemos 3 dias no Porto, impedidos pelos incommodos recrescidos de Anna Placido. Rci pois em Seide, hontem, a sua carta devolvida de Braga. Logo q̃ aqui cheguei adoeci de um embaraço gastrico que se afigurava pessimam.te Valeu-me um vomitorio espontaneo. Estou, porem, a caldos. Logo q̃ possa, escreverei o

(1) Se o soneto a que se refere esta carta é o que tem por titulo *A maior dor humana*, como supponho que é, devi ella ter sido escripta nos ultimos dias de junho ou primeiros de julho de 1887.

q̃ V. Ex.ª deseja visto q̃ para os operarios do espirito é forçoso que o corpo nada valha: tão pouco é o valor do resto p.ª o commum dos homens.

«Como me falta a cabeça e a vista, limitto-me a agradecer as noticias que me dá do meu pobre filho. Nunca peores; melhores tambem as não espera o (1)

«De V. Ex.ª am.º obg.º

C. Cast. Br.º

XLIX

«Meu am.º e Ex.mo Sr.

«Enviei hontem a V. Ex.ª a epigraphe lembrada para os art.os de historia. O que V. Ex.ª hoje lembra é inexequivel p.ª mim. Tudo q̃ é artificio, e theatral em litteratura me desagrada. Fr.co Martins é um caracter m.to aus-

(1) Esta carta deve ser do verão ou outomno de 1886, epoca em que o filho de Camillo estava no hospital do Conde de Ferreira.

tero q̃ não me agradeceria o incenso lançado de proposito no thuribulo. Envio a V. Ex.ª uma moderada referencia q̃ fiz aos trabalhos do grande archeologo; essa poderá V. Ex.ª transcrevel-a, bem como o q̃ a tal resp.to lhe escrevi, sem presumpção de fazer obra p.ª o prelo.

« Este calor acabou de me destemperar os nervos.

« De V. Ex.ª
« obg.mo am.o

C. Cast.o Br.o

L

«Ex.mo Snr.
«e meu presado amigo

«Ainda agora lhe agradeço o favor da sua carta em que mais d'uma vez V. Ex.cia mostrou quanto lamenta a minha saude perdida. Nenhuns alivios tenho sentido, nem os espero; mas como aqui veio hontem um medico de Lisboa com o proposito de me levar para Carnaxide, para lá partimos quinta feira, e de lá avisarei V. Ex.cia p.ª me dar a suas ordens.

«Remetti hontem as provas. Tudo me pareceu bom, exceptuando o periodo referente á

bruta agressão e ao revolver com que V. Ex.cia tacitamente parece prometter desafrontar-se. Parecia-me bem que V. Ex.cia ligeiramente passasse pelo facto conhecido e não desse a presumir que o seu novo trabalho de pacificas explicaçõens possa ser uma acintosa provocação.

«Permitta-me dizer-lhe que na idade da pouca reflexão a attitude do revolver é generosa e ate heroica; porem, attendendo á posição grave que V. Ex.cia occupa na sociedade, esse periodo um pouco juvenil deve ser aspado ou pelo menos modificado.

«D'este modo satisfaço a m.ª consciencia sem querer corrigir o seu trabalho. Pode ser que eu veja mal, mas alem dos annos tenho muito mais experiencia do mundo e mais vasta penetração do modo como as suas phrases hão de ser interpretadas (1).

«De V. Ex.cia
«amigo verdadeiro

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

---

(1) Esta carta é toda escripta por letra de D. Anna Placido. Presumo que o «trabalho de pacificas explicaçõens», a que se refere Camillo, é o opusculo de Joaquim Ferreira Moutinho, *Por bem fazer*... Se assim é, esta carta deve ser de 1888.

LI

«Meu bom e presado am.ª

«Não me considere menos delicado por omissão em responder ás suas estimadas cartas. Não escrevo p.r falta de vista. Calculo q̃ em poucos dias decorridos estarei cego. Não fui a Lx.ª p.r que me era impossivel deslocar de uma cadeira. Prasa a Deus que os seus desgostos estejam terminados.

«De V. Ex.ª

C. Cast.º Br.º

LII

«Meu presado am.ª

«Agradeço á divina Providencia a compadecida alma q̃ lhe deu de pai. As duas visitas q̃ V. Ex.ª fez ao meu desgraçado filho não as

faria quem se não imaginasse, n'um terrivel momento, pai de um demente que foi amado até aos 22 annos como a creança que se embala no seio.

«A vista dos meus olhos tem-na apagado as lagrimas. Parece-me que experimentarei na curta vida q̃ heide ter a escuridão da sepultura. Vou hoje p.ª a Povoa, e de lá p.ª a casa de saude do Ferr.ª

«De V. Ex.ª
«am.º m.to grato

CAMILLO.

Eis a carta de Camillo, que me foi enviada de S. Paulo, Brazil, pelo sr. Antonio de Alcantara Machado:

«Ex.mo S.r

«Obstou a que eu respondesse immediatamente á carta de V. Ex.ª a occurrencia da morte de uma pessoa da m.ª fam.ª. Agradeço-lhe a lembrança do meu nome p.ª collaborar no jornal da colonia portugueza; não posso, pórem, acceitar a proposta, por q̃ as minhas infermidades intermittentes me não permittem

aceitar um encargo obrigatorio de uns determinados art.os mensaes. Se a saude m'o permittir, poderei continuar a concluir um romance em 2 tomos, intitulado: Os PALACIOS VERMELHOS *(scena do Minho)*. Poderei vender ao jornal a propried.e, de modo q̃ a empreza tire á pt.e uma edição em 2 vol. para o consummo de Portugal, se isso lhe convier. Cada tomo excederá 300 pg. 8°. Vendo a propriedade por 1:200$ rs. moeda portugueza, e receberei esta quantia quando entregar *no Porto* o manuscripto completo.

«S. Miguel de Seide. C. V. S.
«31 de ag.to 84

«De V. Ex. adm.or agradecido

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

As tres cartas de Camillo, que encontrei na revista «A Chronica», são as seguintes:

«Auctorisado pelo sr. Manuel Antonio Vieira Martins tomo a liberdade de me dirigir a vossa excellencia, agradecendo-lhe a benevolencia com que, a rogos d'aquelle senhor, se

prestou a ministrar-me o esboço do romance a *Herança de Londres* (1). Tanto mais me aprazem os subsidios vindos de vossa excellencia, quanto sei que a critica illustrada será um dos merecimentos d'elles. No meu methodo de escrever estas coisas futeis chamadas «romances» tenho levado sempre em vista aliar á fantasia a verosimilhança e ao recreio a defêsa de alguma idea moral, com o fim de implantar no animo do leitor boas impressões da virtude.

«Vossa excellencia me honrará quando poder, auxiliando-me com os seus conhecimentos e nobilitando-me com as suas relações que muito prézo. Resido temporariamente, até ao fim de setembro, na quinta de S. Miguel de Seide, concelho de Famalicão, para onde vossa excellencia se dignará escrever a quem, com muita estimação, tem a honra de se assignar, de vossa excellencia venerador, admirador, e affectuoso creado

«S. M. de Seide — 9-8-71

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(1) Este romance foi depois publicado com o titulo *O demonio do ouro*.

« Não importa que os successos, correlativos á *Herança de Londres*, abranjam chronologicamente differentes periodos. Se elles derem urdidura para tres historias, ligal-as-hemos por maneira que os romances se completem uns com os outros. Se o entrecho essencial for um só, mas com episodios interessantes, faremos um só romance com dois ou tres tomos. Escreva, pois, vossa excellencia as suas notas com as particularidades que lhe parecerem aproveitaveis.

« Como vossa excellencia sabe, no dizer de Ponsard, *le vrai n'est pas toujours le beau*. Acontece frequentemente que os acontecimentos verdadeiros, vasados na fórma da novella, são desgraciosos, áridos e até impertinentes. Parece que o maximo dos leitores desadóra que lhe dêem a natureza qual ella é moralmente fallando. E, além d'isso sabe vossa excellencia que ha coisas verdadeiras, mas por tal modo triviais, que chegam a infastiar quem mais se contenta do maravilhoso. Eu não costumo obtemperar com os paladares depravados pelas iguarias á franceza. Todo o meu intento, embora mal desempenhado, tem sido posto na descripção dos usos e costumes da nossa terra, antepondo á nota de recreativo a

satisfação de verdadeiro, dando a todas as minhas novellas um colorido de verosimilhança.

«Vem isto para prevenir vossa excellencia de que provavelmente hei de ampliar os traços que vierem delineados de sua mão, e até crear personagens onde elles forem necessarios para que o escripto tenha, ao menos o que poder ser, da forma narrativa, e assim preparar as peripecias indispensaveis em obras d'esta natureza. Estou persuadido que a malta de 1833 nos dará curiosos lances, e os motins de 1846, acaudilhados pelo padre Casimiro, não serão destituidos de curiosidade. Eu já pertenço a esta segunda epoca. Tinha eu então 21 annos, e já militava no campo onde se debateram as paixões d'aquelle tempo. Fui ajudante de ordens do general Macdonell, e assisti á morte d'aquelle mysterioso homem em Sabrôso, nas visinhanças de Villa Pouca de Aguiar (1). Olho esse passado, que já vae longe, com saudade. Eu era então um rapaz a ferver em illusões e esperanças desvairadas, mas todas inoffensivas e generosas. Hoje estou precoce-

(1) Inexacto. Camillo foi, effectivemente, ajudante de ordens do general Mac-Donell, mas não assitiu á morte do celebre guerrilheiro de 1846. Veja-se o capitulo I do meu livro *Camillo de perfil*, e o que escrevi a paginas 60 e 61 de *Camillo desconhecido*.

mente decrepito, valetudinario, e frio de desenganos com a mais glacial indifferença na alma.

« Vae longa esta carta estafadôra. Nós, os aldeãos, temos comnosco o achaque de reflectir muito e *massar* os que nos vem procurar ás nossas Thebaidas. Espero demorar-me por aqui e por Vizella até 15 de setembro. D'esta ultima data em diante vou para o Porto, onde receberei as ordens de vossa excellencia, com a mais decidida vontade de provar que sou — de vossa excellencia grato admirador e creado affectuoso

«Quinta de S. Miguel de Seide — 15-8-71

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

« Accuso tarde a recepção do entrecho que diz respeito á quadrilha dos romanticos ladrões. Estive no Porto e a carta de vossa excellencia esperou-me na aldêa.

« A bem escripta e circunstanciada noticia que vossa excellencia me dá pode e deve constituir episodios de romance; mas de certo só de per si não pode interessar senão ás pessoas que conhecem os factos e a localidade. Infelizmente ladrões mais ou menos aquilatados

por os de Lanhoso, são typos demasiado conhecidos em toda a terra, e um genero pouco acariciativo para quem busca no romance paixões suaves e nobres, e outra ordem de quadros. Convem-nos, pois, a quadrilha para as sombras do livro, e variedades dos lances, mas de certo não podemos com este unico elemento, onde todos os personagens são abjectos, constituir um enrêdo não depreciado. Quer-me parecer que é tambem este o intuito de vossa excellencia. Veremos se poderemos concatenar esta malta com a historia da *Herança de Londres.*

«S. M. de Seide — 11-9-71

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Para fechar este capitulo com chave d'ouro, vou reproduzir a opinião de Camillo sôbre o suffragio popular. E' como segue:

«Penso que o suffragio popular deixará de ser suco gastrico do apparelho digestivo da politica portugueza, quando o eleitor fôr tanto ou mais instruido e independente que o deputado eleito; mas sendo isto, como é, um absur-

do, o suffragio popular nunca poderá ser considerado um traço bastante serio da fisionomia do regimen representativo. Conheço pouco a engrenagem eleitoral; mas, observando no Minho as saturnaes do suffragio popular, fiquei edificado, e estive vai não vai a dar vivas ao sr. D. Miguel 2.º.»

«15-8-89.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Eça de Queiroz

SEGUNDA PARTE

EÇA DE QUEIROZ

CAPITULO I

EÇA DE QUEIROZ

> Esse rapaz vem tomar a vanguarda a todos os romancistas. E' um admiravel observador, e com quanto faça pouco caso das immunidades da lingua, tem arte de fazer admiraveis defeitos.
>
> CAMILLO CASTELLO-BRANCO.
>
> *Carta ao visconde de Ouguella.*

O estudo attento, perfeito, completo, da personalidade literaria de Eça de Queiroz está por fazer, como tambem não está ainda feito o exame definitivo e acabado da sua obra. Muito se tem escripto sôbre uma e outra, mas o monumento literario, amplo, cabal, grandioso, que o vulto do grande romancista merece, não veio, por emquanto, a lume. Virá um dia?... E' de crer que sim.

Eça foi um escriptor admiravel! Na analyse psychologica, não conheço outro que se lhe avantaje. Observava como poucos e sabia

transmittir nitidamente o que observava. Nas descripções, era primoroso e exacto. Atravez do seu estylo fulgente, de altissimo cultor da fórma, a paysagem vê-se, como se o leitor a tivesse ali, espreguiçando-se, viçosa e fresca, ante os seus olhos. A maior parte dos seus typos, grande numero dos seus personagens, são creações, cujo caracter, cujas palavras, cujas figuras, nós dizemos a nós próprios que já vimos, que já ouvimos falar, muitas vezes, no mundo real. Na ironia, não tem, entre nós, quem o eguale. Não foi, porem, um philosopho, um pensador. A sua ironia, penetrante e aguda como um estylete, não é philosophia. Anatole France é um estylista, um notavel cultivador da ironia. E', todavia, um philosopho? — Não. Tambem Eça de Queiroz o não era.

A importancia da obra do auctor do *Primo Bazilio* não carece de provar-se, de tal arte se patenteia a todos os que se interessam pela literatura portugueza. Foi elle que, em Portugal, abriu de par em par as portas da escola realista, em que teve muitos seguidores, mas nenhum que o egualasse. O seu processo de romancista, o systema de factura das suas primeiras obras, é perfeito: não se lhe nota um deslize, um desmancho, um desvio, no seguimento da narração. Outro tanto se não póde

affirmar de alguns romances que se seguiram ao *Primo Bazilio* e ao *Crime do padre Amaro*. Na sua evolução de artista, houve, n'este ponto, retrocesso, decadencia.

As faculdades de Eça de Queiroz, notabilissimas sob mais de um aspecto, accentuam-se, tornando-se eminentes, quando se lhe encara, alem da observação e da ironia, o symbolismo, a emoção, o sentimento. A satira esfuzia por entre a verdade e a belleza, de que elle foi devotado adorador; e, talvez porque se entregou demasiadamente ao trato da caricatura e do burlesco, nunca soube nem pôde altear-se ao estudo das paixões fulminadoras. Approximou-se de mais da farça, do comico e do grotesco, adulteradores da verdade, para poder conviver de perto com o mundo das ideias, puro e são, livre de preconceitos. O seu excessivo vigor de analysta, o seu amor ao paradoxo, o seu exaggerado pessimismo, prejudicaram-lhe a acção de reformador. Foi um sectario, quando podia ter sido um apostolo.

As suas qualidades brilhantes, se fossem equilibradas pela serenidade, se n'ellas não houvesse tanto artificio, poderiam tel-o tornado, no seu tempo, se elle conhecesse melhor a lingua, a mais alta figura das letras portugue-

zas. Sensualista em extremo, nem sempre, nos seus romances, deu preferencia á moral. Desceu ao pormenor charro e immundo, na sua preoccupação doentia de fazer prevalecer a objectividade sôbre a subjectividade; mas com tal arte se houve, que chega quasi a perdoar-se-lhe a viveza com que assim pretendeu curar horriveis e purulentas chagas.

Eça de Queiroz bem póde comparar-se a Renan, em quem, atravez do seu estylo musical, maravilhoso, se vê o demolidor, o sceptico, sem fé, sem capacidade affirmativa, que destruiu sem depois organizar e reconstruir. Optimo discipulo e imitador d'esse mestre iconoclasta, Eça foi, como elle, tentador, enganador, fazendo basta sementeira de erros graves, com a mão perita com que empunhava a penna experimentada, que tanta belleza sabia e conseguia espalhar, n'aquelle estylo d'oiro, encantador na fórma e no som, mas pernicioso e nocivo na essencia. Aristocrata por indole, conservador por habito, fez-se derribador e foi o formidavel pamphletario das *Farpas*. Religioso, no seu intimo, a ponto de usar bentinhos sôbre o peito, foi um irreverente, para ter graça, e fez gala do menoscabo com que feriu coisas sagradas, por ser *chic* — vá lá o francezismo —, na epoca em que viveu, estadear desacatos, ou,

antes, faltas de respeito á religião santa de Christo.

No fundo, era e permaneceu um romantico.

A sua acção sôbre o publico — um publico restricto, aliás — foi formal. Foi decisiva a influencia que exerceu na literatura. Com os seus romances, termina, fecha-se, nas letras portuguezas, um cyclo, e outro começa. Como não ha de, pois, admirar-se o homem prodigioso que assim foi o caudilho d'uma verdadeira revolução literaria? Como não ha de reconhecer-se o altissimo valor d'este reformador do estylo, que, pela ironia, pela elegancia, pela belleza da fórma, e até nos attentados contra a pureza da linguagem, tantos pontos de contacto apresenta com esse outro refundidor do estylo, que, no seculo XVIII, foi o Cavalheiro de Oliveira?

Aos exaggeros do romantismo, á sensibilidade doentia da geração que o precedeu, Eça de Queiroz oppoz a verdade nua da escola realista, os processos scientificos d'essa escola. Fêl-o com mestria e com arte, mas nem sempre soube fugir aos exaggeros contrarios áquelles que combatia. Para elle, nos seus romances, a vida foi sempre — a Farça. Todos os seus personagens são titeres: todas as mulheres — femeas; todos os homens — degene-

rados, criminosos ou ridiculos. Mas, entre as virgens ideaes, as donzellas angelicas, dos romanticos, e as rascoas vis, as torpes marafonas, as adulteras, de Eça e dos naturalistas, ha — a mulher. Se nem todos os homens são os sonhadores, os poetas desventurosos, os trovadores ingenuos, que morriam do mal de amor nas paginas do romantismo, tambem nem todos são os viciosos, os inconscientes, os dissolutos, ou os bonecos provocadores de riso, que as exaggerações de Eça e do naturalismo desenham. Tambem a vida não é só o vicio, o desequilibrio, a comedia.

Na creação dos seus typos, Eça de Queiroz era eximio. Dava-lhes alma, relêvo, movimento, vida. Mas carregava, por vezes, o traço comico, falseava, de quando em quando, os caracteres. *Via* nitidamente o personagem, mas o seu humorismo exuberante e o seu excessivo pessimismo prejudicavam-lhe algum tanto a visão.

O dialogo, nos romances de Eça, é impeccavel. Ahi, a technica do eminente escriptor mostra-se sem indecisões, sem rodeios, sem incertezas. Todos os personagens falam segundo a sua posição e de harmonia com o seu modo de sentir. O dialogo correntio, natural, sem palavras a mais, sem palavras a menos,

não tem um desvio, uma falha, uma quebra. E' perfeito.

Perfeita é, tambem, a arte com que Eça de Queiroz conduz a acção dos seus romances. Algumas vezes, os sonhos de um ou outro personagem perturbam e contradizem os principios da escola realista; a meticulosidade no estudo dos pormenores abafa a exposição da acção principal; personalidades secundarias embaraçam o movimento das figuras de mais vivo recorte; mas tão harmonico resalta o conjunto e tão interessante se torna o desenho dos caracteres, que ao romancista facilmente se perdoam as incoherencias, e até quasi se consideram legitimas as suas leves faltas de logica.

*

* *

Por de traz das qualidades brilhantissimas de Eça de Queiroz, algumas das quaes pallidamento procurei pôr em relêvo, espreitam e surgem os seus deploraveis defeitos. Os que a critica justiceira tem apontado como principaes, são estes:

— Escriptor estrangeirado, mais francez, mais europeu, do que portuguez.

— Plagiario.

— Pouco respeitador da moral e da religião.

— Escriptor dissolvente e demolidor.

Examinemos, ao de leve, cada uma d'estas accusações.

Está dito e redito que o estylo de Eça de Queiroz faz a delicia de quem o lê e a inveja de quem não póde imital-o ou seguil-o. Mas tambem está provado que elle attentou grandemente contra a pureza da nossa lingua e tambem contra as regras da grammatica. No dizer de Camillo, fez *pouco caso das immunidades da lingua*, mas teve *arte de fazer admiraveis defeitos*. Nada mais exacto. Eça, conhecendo pouco e mal a lingua portugueza, desprezando os classicos, seguindo os modelos francezes, soube dar á sua prosa tal nitidez, tal elegancia, tanta sonoridade e tão brilhante colorido, que difficil é tornar a haver depois d'elle, em Portugal, escriptor que o eguale, em graça, na melodia, na malleabilidade e na belleza da phrase. A sua penna como que remoçou o nosso idioma.

Para se desculpar do seu francezismo, Eça de Queiroz allega que foi educado com livros, ideias e doutrinas vindas da França; que

sómente o interessava a politica e a literatura francezas; que levou toda a vida a lidar com o que para cá nos mandava a França. Pessima justificação! Se estudasse os nossos classicos, se aprendesse as boas lições dos mestres da lingua, facilmente poderia ter escodeado o seu estylo das francezias que o maculam. Para quê imitar rasteiramente o que se fazia, o que se dizia, o que se escrevia em França? Um portuguez de lei guia-se pelos nobres exemplos dos seus maiores, e, sem desprezar o que se passa e o que se ensina alem dos Pyreneus, attende principalmente ao que de bom herdou dos seus avós. Tinha razão o velho visconde de Castilho — de quem Eça de Queiroz escreveu: «Seriam hoje uteis, entre nós, um ou dois Castilhos» — quando, em carta ao romancista Julio Diniz, reflexionou assim:

«Cultivemos, muito nas boas horas, e com «a melhor vontade, o francez para interesse «das sciencias, das artes, da civilisação, e de «muitas outras coisas bonissimas. Ninguem, «mais do que eu, ama a França e os seus «talentos maravilhosos. Mas para a Litera«tura, bom é que nos conservemos, quanto e «em quanto podermos, independentes, e ante«ponhâmos ao falar de lá aquella nativa fala

« em que nos criaram as nossas mães e os « nossos campos, e da qual ainda nos correm « vertentes caudaes dos livros pulverulentos, « atrazados e indigestos, dos nossos classicos, « e até das conversações dos nossos criados « velhos e dos nossos serranos. »

Ah!... Se Eça de Queiroz tivesse conhecido e seguido este bom e sabio conselho!...

...Se o tivesse conhecido e seguido, não escreveria: « Quantas vezes Antero me CONTAVA DESSA piedosa e suave cidade, e do longo apetite que ela repentinamente lhe dera de quietação eterna! », como se lê a paginas 391 da 2.ª edição das *Notas contemporaneas;* nem ainda, a paginas 9 d'esse mesmo livro, empregaria o verbo *saltar* (do francez, *sauter*) por *explodir;* nem, a paginas 37 da 2.ª edição de *O mandarim*, teria escripto: « Eu então fui abrir TODA LARGA a janella; e dobrando para traz a cabeça, respirei o ar calido, consoladamente, como uma corça cançada. »; nem teria informado, referindo-se a Ramalho Ortigão, que este era SOLIDO Á FADIGA, ALEGRE AO TRABALHO; nem — e basta de exemplos, quando eu podia citar centenas d'elles —, no seu bello artigo ácêrca de Anthero de Quental, a paginas 387 da 2.ª edição das *Notas contempora-*

neas, teria escripto este barbarismo: «...no mundo a melhor ocupação, a unica que não resulta em lôgro, consiste EM PLANTAR QUIETAS SALADAS num murado e frondoso quintal.» A alface, a chicoria, o pepino e a batata, se soubessem, protestariam... E protestariam tambem a lagosta e o camarão, que, em saladas, são de comer e chorar por mais...

Eu bem conheço o desdem com que certos criticos de agua doce se referem aos puristas, á grammatica, e aos grammaticos. Coitados!... Como se respeitar a vernaculidade, escrever a linguagem pura, não fôsse uma virtude, e deslustral-a com estrangeirismos escusados não fôsse um censuravel vicio! Quem eu queria ás pernas d'esses *criticos* era o P.e José Agostinho de Macedo, o vigoroso auctor dos *Burros*, que, apesar de todos os seus defeitos, era patriota e escrupulizou sempre em escrever com aparada penna o portuguez vernaculo, tal como o tinha aprendido nos mestres da nossa lingua. Adeante...

Alem de desnacionalizar a lingua portugueza, crivando-a de gallicismos, dando á phrase boleio francez, o que o não impediu de ser um grande artista e um estylista admiravel, Eça de Queiroz foi um escriptor europeu, um escriptor que tinha muito de estrangeirado. Os

seus romances — com excepção dos ultimos — são francezes. Elle proprio o reconhece e confessa em uma das cartas que endereçou a Oliveira Martins, e eu inseri na 3.ª parte do meu livro *Eça de Queiroz*. Escreve Eça, n'essa carta — a 6.ª da série que publiquei: «Os meus romances no fundo são francezes». Francezes são tambem alguns dos seus personagens: o primo Bazilio, puro typo parisiense; o padre Amaro, francez, muito differente do que eram os membros do clero portuguez da sua epoca; aquelle visconde Reynaldo, figura do *boulevard*, titular tanto á franceza que nem sequer tinha uma designação nacional do viscondado; algumas figuras de *Os Maias*; outros ainda, que ocioso é enumerar.

E' certo, e manda a justiça reconhecer, que nos seus derradeiros romances, *A illustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*, Eça arrepiou caminho e conseguiu limpar os olhos das nevoas que antes lhe tinham impedido de ver as virtudes dos seus compatricios e as bellezas do seu paiz. N'esses dois livros, apesar de se lhes notar a falta de observação, de estudo e de desenvolvimento de muitos aspectos da nossa sociedade e da vida portugueza, que ali deveriam ter sido tocados, o nacionalismo do romancista apparece e brilha, esplendido, como

que a provar a contrição de quem tinha deixado avoejar o espirito e correr a penna refulgente, quasi sempre, por muito longe e em contrario d'este bello rincão do Occidente, que o mar embala e para o qual a mão poderosa de Deus foi prodiga de beneficios.

Tardio arrependimento! Mas que alto valor elle tem! Eça de Queiroz, na sua ultima phase literaria, espalhando boas doutrinas, pôde ainda mostrar que, se o não tivessem transviado o seu pessimismo exaggerado e a sua veia satirica, poderia ter deixado uma obra de pura arte — arte nobre, elevada, ensinadora, ante a qual todos os corações se elevassem e todos os espiritos se rendessem, encantados e seduzidos.

Como se não bastasse a sua immoderada inclinação para tudo o que era francez, Eça de Queiroz plagiou. Infelizmente, plagiou. E largamente o fez. Mas d'esse seu lamentavel vicio occupar-me-hei de espaço no capitulo seguinte.

Peores do que os seus plagios, são as paginas que nos seus romances peccam por escabrosas. Quantas d'essas paginas elle, hoje, se vivesse, repudiaria como uma ignominia! Quantas renegaria, como affronta ás crenças e ao pejo do publico illustrado e sensato! Quantas!

Tendo do realismo a falsa ideia de que elle

deve descer até ao nu, ao torpe, ao pormenor grosseiro e deshonesto, Eça de Queiroz, seguindo na esteira do seu mestre Zola, foi, por vezes, impudico e quasi obsceno. As scenas luxuriosas do *Paraiso*, no *Primo Bazilio;* as de baixa lascivia, da casa do sineiro, no *Crime do padre Amaro;* o inverosimil episodio nocturno da quinta dos Olivaes, em que figura a mestra ingleza, n'um dos capitulos de *Os Maias;* alguns lances de *A reliquia*, entre os quaes sobresae aquelle em que tem parte importante a camisinha espumante de rendas de *miss* Mary — não se harmonizam com as boas regras da moral e do pudor. Essas scenas eram indispensaveis á acção d'aquelles romances? — Não eram. Que necessidade tinha, então, Eça de Queiroz de assim se despeitorar em face dos seus leitores? Bem sei que estes não são sómente os collegiaes innocentes e as meninas de quinze annos, puras e virginaes; mas até para a gente sabida aquellas scenas são de estarrecer!... Seriam apreciadas nas sociedades pagãs, desconhecedoras da doutrina contida na palavra divina de Christo e nos seus ensinamentos; mas não podem deixar de merecer reprovação nos tempos actuaes, por concorrerem, em muito, para a depravação, para a impudicicia, para a corrupção dos costumes.

Se a moral nem sempre foi respeitada por Eça de Queiroz, nas paginas brilhantes dos seus livros, a religião de nossos paes mais escarnecida e desacatada se viu pela sua penna irreverente. Toda *A reliquia* é um tecido de motejos, uma urdidura de zombarias, com que as nossas crenças se sentem vivamente magoadas e gravemente offendidas. Não se brinca assim com coisas sagradas! Não se achincalha d'aquella fórma o que deve estar muito acima de gracejos e de chacotas!

Para quê, no *Crime do padre Amaro*, aquelle ultraje á Virgem, feito pelo sacrilego heroe do livro, quando enfeita os hombros roliços de Amelia com a capa da Mãe de Jesus? A que vem aquella profanação indigna, praticada por um sacerdote? Para pôr em evidencia a paixão de Amaro, o ardor do seu sentimento, não era necessario polluir o manto de Maria, n'uma scena indecorosa e escandalizadora!

Outras paginas dos romances de Eça podiam ser aqui evocadas, para prova do seu desrespeito pela religião que dizia professar. E quanto é para lastimar e para sentir que essas paginas infectas se nos deparem a par d'outras de tanta arte, de tanta luz e de tanta belleza!

Supersticioso, ligando presagios e agouros

a acontecimentos insignificantes e a circumstancias fortuitas, fatalista, respeitador do sobrenatural, persignando-se, todas as noites, ao recolher ao leito, Eça de Queiroz confirmou, durante a sua vida, aquelles dizeres do barão Meneval, que, no seu livro *Souvenirs sur Napoléon*, affirma «que todos os grandes homens foram ou devem ser supersticiosos». O vencedor de Austerlitz não podia ouvir tocar um sino sem se commover; considerava o *M* uma letra fatidica; embirrava profundamente com as sextas feiras; e, como lidimo côrso, que era, sentia arrepios perante o numero 13. O espirito dos homens notaveis padece, por vezes, graves enfermidades. Eça de Queiroz é d'isso exemplo. Misto de fatalismo e de espiritualismo, religioso a seu modo, sacrificando o seu sentir á satira mordente, inquietou a crença catholica e fez da religião christã alvo do seu menosprezo, do seu escarneo e dos seus ditos de mofa, unicamente para ter graça, para fazer rir. Era um espirito doente, que, ao entardecer da vida, repeso, contrito, se inclinou, submisso, para a mão misericordiosa de Deus.

Tambem o tocou o arrependimento do mal que fez ao seu paiz, constantemente deprimido, e, por desgraça, tão desdenhado, pela sua penna

severa, inexoravel. Rindo do passado, que é o nosso melhor titulo de nobreza; desprezando, como estorvo, a tradição, que é, sem a mais leve duvida, o que ha de mais profundo e de mais permanente na alma d'um povo, Eça de Queiroz abateu o espirito nacional e diminuiu o valor da terra e da gente portugueza, guiando-a inconscientemente por mau caminho. A' crença no poder infinito de Deus, oppoz o seu septicismo funesto e esteril; proclamando principios falsos, amontoou destroços, sôbre os quaes, depois, nada soube construir.

Rindo sempre — o riso foi a sua arma poderosa e a mais temivel — da sociedade, dos costumes, da governação do Estado, do ensino publico, das instituições, do povo, da nobreza, da marcha da nação, Eça concorreu lamentavelmente para a grande crise mental e de caracter que nos vae levando, de queda em queda, para o abysmo profundo em que, se Deus nos não vale, Portugal se subverterá. E' enorme o seu quinhão de responsabilidades na formidavel tragedia que é actualmente a vida do paiz!

Educado «na ardente e phantastica Coimbra» do seu tempo, Eça de Queiroz embebeu-se nos defeitos da geração academica de 1861 a 1866, que, no seu dizer, «só podia ter

uma attitude — a de permanente rebellião» (1). Da educação perniciosa que ali recebeu e que na sua orientação de artista e de escriptor tanto influiu, nasceu o seu pessimismo anti nacionalista e nasceu tambem a sua má vontade ao romantismo declamador, mas patriotico. D'ahi veio o seu desamor ao passado e á tradição. Esse desamor e os tremendos golpes jogados á Egreja e á Patria, fizeram do auctor de *A reliquia* um dos mais diligentes obreiros da nossa decadencia. Critico mordaz, a sua ironia dissolvente foi um veneno violento, que subtilmente se foi inoculando

---

(1) A geração academica de Eça de Queiroz foi a que fez a revolução literaria que ficou sendo conhecida pela denominação de *Questão Coimbrã*. D'ella tratei largamente no capitulo II da 1ª parte do meu livro *Eça de Queiroz*. Ahi refiro que, por virtude d'essa *questão*, houvera um conflicto pessoal entre Julio de Castilho e Theophilo Braga, sahindo este maltratado d'essa curta scena de pugilato.

No numero de setembro de 1923, de *O Instituto*, de Coimbra, li um artigo, intitulado *Duma atitude de Antero*, assignado pelo sr. João Augusto da Fonseca Junior, em que se affirma que não é verdade que Theophilo Braga tivesse sido molestado n'esse conflicto, tendo sido elle quem ficou illeso, consoante o auctor do referido artigo pôde ver n'uma carta que possue.

Quem me contou o que eu referi no citado capitulo do meu livro *Eça de Queiroz*, foi o proprio Julio de Castilho, que era digno de todo o credito. Não sei se egualmente o será, ou seria, a pessoa que escreveu ao sr. Fonseca Junior a carta que elle possue. E não sei porque não foi revelado o nome de quem a assigna...

Emquanto se não provar cabalmente o contrario, mantenho, pois, como sendo a verdade o que me contou Julio de Castilho.

nos espiritos, pervertendo-os e desmoralizando-os.

Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Gomes Leal, Theophilo Braga, foram os precursores dos que, sem o talento e sem o valor de que elles dispunham, fizeram a revolução republicana, cujas dolorosas consequencias toda a nação está soffrendo. Com a sua obra negativa, desoladora, irreverente, trabalharam para a revolução de 1910, em Portugal, com o mesmo ardor, com o mesmo afinco e com a mesma pertinacia com que Voltaire, Rousseau, Diderot, d'Alembert e os encyclopedistas se empenharam por que explodisse a criminosa e infame revolução franceza de 1789. Todos aquelles, depois, com excepção de Anthero de Quental—um desequilibrado—e d'esse malfeitor intellectual, embora trabalhador incançavel, chamado Theophilo Braga, que, em Historia, em litteratura, em philosophia, encheu de erros graves os seus livros, se arrependeram e voltaram para Deus, para a Egreja Catholica e para a Patria os seus olhos, embaciados já pelas sombras da morte. Que melhor prova de que os tocou, posto que tardiamente, a convicção de que erraram?

De seculos a seculos, quando não é de annos

a annos, se apparecem genios beneficos e fecundos, como S. Thomaz d'Aquino e Pascal, tambem surgem no mundo, para desgraça e para castigo dos homens, estes perturbadores da sociedade, que, com as suas doutrinas subversivas e a sua philosophia erronea, transtornam a ordem existente e espalham a desharmonia e a guerra. Foi assim que Luthero, Calvino, Kant, desempenharam o seu triste papel. Foi assim que, no nosso meio, com quanto em menor escala, os luminares da geração anterior á nossa, entre os quaes o vulto de Eça se alteia, desencadearam a tempestade que assola e devasta o Portugal de Ourique, do Salado, de Aljubarrota, a nação magnifica das conquistas e das descobertas, feitas pela fé, á sombra gloriosa e santa da Cruz de Christo!

Para Eça de Queiroz, o *bota abaixo* era indispensavel. E, dispondo de talento, de graça e de arte, foi-lhe facil demolir e anniquilar. Não soube, porem, reconstruir. O critico implacavel nada era e nada valia como homem d'acção. Mas, quem derriba e destroe, nas condições em que Eça o fez, tem o dever de reconstruir e de reformar. Se o que existia era mau, cumpria-lhe ensinar a recompor, competia-lhe indicar os remedios necessarios para a cura e emenda dos erros que assigna-

lava e punia. Que se diria do medico experimentado e sabedor que amputasse o orgão gangrenado, o membro corroido, e não curasse depois as feridas sangrentas que o seu bisturi ou o seu escalpello tinham produzido?...

Tantos desacertos, tantos desregramentos, tantos ridiculos, tantos maus costumes, Eça alfinetou e zurziu nas *Farpas;* tantos vicios — o adulterio, a hypocrisia, o incesto — poz a nu nos seus romances; e não apontou o modo de corrigir uns e de emendar os outros! Soube depreciar e deprimir, e não soube remediar! Mas, a melhor critica é a que, para tratamento do mal, aconselha o bem que deve seguir-se ou fazer-se. Critica sómente demolidora, é, em regra, critica nociva e funesta. E Eça não criticou unicamente o liberalismo, o constitucionalismo: rebaixou o seu paiz, trabalhou para a republica, para a desordem, para a perdição, para a ruina.

Filiar-se-hia na limitada erudição, no pouco senso pratico, na escassez de imaginação do elegantissimo escriptor a sua carencia de faculdades constructivas? — Talvez. Da mingua de imaginação, elle proprio se queixava a Theophilo Braga, dizendo: «Sinto que possuo o processo como ninguem, mas faltam-me theses». Não dispunha do poder de contrapor,

na pratica, aos vicios, que reprehendia e censurava, as virtudes, contrarias a esses vicios. Era um critico: não era um technico, um evangelizador. Nos seus dotes de admiravel observador, deve filiar-se o seu senso critico. A' sua falta de imaginação, deve ir buscar-se a causa dos seus plagios. D'essa mesma falta, provem a pouca variedade dos seus personagens: o conselheiro Accacio, o conselheiro Pacheco, o conde de Gouvarinho, o conde de Ribamar, o dr. Margaride, são todos o mesmo typo. De egual fórma o são o Eusebiosinho, o Ernestinho, o Libaninho, o Albuquerquesinho. Do mesmo molde sahiram os seus creados graves: o Baptista, o Smith e outros. A Luiza, a Amelia, a Gracinha, parecem-se muito. E foi por pobreza de imaginação que Eça de Queiroz, exgotado para o romance, na sua evolução literaria, findou por escrever vidas de santos. A Oliveira Martins, em carta por mim transcripta no meu livro *Eça de Queiroz*, communicava, desoladamente, o romancista: «E por probidade d'artista eu tenho uma ideia de me limitar a escrever contos para creanças e vidas dos grandes Santos».

As lendas dos santos, que Eça escreveu, publicadas nas *Ultimas paginas*, depois da sua morte, são apenas esboços, como se lê na

advertencia que as precede. A de S. Frei Gil nem sequer foi terminada, chegando até nós, infelizmente, mutilada e incompleta. A todas falta a revisão cuidada do grande artista, que tinha por habito refundir as suas obras, á medida que se iam imprimindo. A belleza da sua prosa magica, encanta os que lêem essas paginas admiraveis, em que se notam, comtudo, e muitas vezes, repetições proximas de palavras e phrases, redundancia de estylo, imperfeições que Eça de Queiroz corrigiria se as tivesse revisto antes de virem a publico (1).

---

(1) Estas affirmações, que já fiz a paginas 229 da primeira edição do meu livro *Eça de Queiroz*, causaram engulhos a um sr. Corrêa da Costa, arvorado em critico n'um artigo cuja publicação no *In memoriam*, dedicado a Eça de Queiroz, me foi dito que solicitou. Começa logo por disparatar no titulo d'esse artigo — *Eça de Queiroz póstumo*. Erro palmar! (Por esta palavra *palmar*, não vá julgar-se que eu, sem razão despeitado por o sr. Corrêa da Costa, que eu não conheço nem sei quem é, me pór em confronto com uma pessoa bondosa e honesta, como era o conselheiro Accacio, comparo o dito sr. Corrêa ao escriptor e jornalista de escada abaixo, Palma Cavallão, outro personagem de Eça. Préso-me de ser delicado, até para aquelles que, sem eu os ter jámais offendido ou magoado, para mim o não são).

Mutilando o que eu escrevi na referida pagina 229, o que não abona a sua probidade literaria, e occultando cuidadosamente os periodos do principio do capitulo I da 2.ª parte do dito meu livro, em que affirmo com sinceridade que me faltam dotes de critico e qualidades de analysta, e por isso me não abalanço a fazer a critica rigorosa e a minuciosa analyse da obra de Eça de Queiroz — o sr. Corrêa da Costa reputa um suicidio ter eu considerado as lendas de santos, escriptas pelo brilhante romancista, esboços incompletos, que elle, se vivesse, não publicaria sem os rever, remodelar, retocar

Se essa revisão tivesse sido feita pelo romancista, elle não teria deixado passar estes periodos, que se lêem na lenda de S. Christovam, a paginas 30 das *Ultimas paginas*: «Não duvidava que elle viria a ser o homem mais valente de toda a Castellania, e já o imaginava soldado, com uma pesada armadura, comman-

---

e refundir. Eis o meu *crime*, que nem sei se é caso de costa acima, se é caso de Costa abaixo... Seja, porem, como fôr, praticou-o egualmente, na sua excellente *Historia da litteratura realista*, paginas 159, o sr. Fidelino de Figueiredo, a quem o sr. Corrêa da Costa se refere, sem ter — e muito bem — para o illustre escriptor as palavras desagradaveis e injustas com que a mim me mimoseia. Como se explica esta desegualdade de tratamento, que ao meu espirito justo repugna, como repugnam todas as iniquidades? E' assim que o sr. Corrêa da Costa quer ser tido por critico sereno, imparcial e recto? A critica, se quizer ser attendida e considerada — vá lá uma sentença de conselheiro Accacio, que Palma Cavallão repudiaria —, tem de ser leal, desapaixonada e tambem generosa, não commettendo desegualdades, não tratando acerbamente uns, e outros benevolamente, segundo as suas antipathias ou as suas sympathias.

São, ou não, as lendas de santos, apenas esboços, que Eça de Queiroz não publicaria sem as *re-escrever*, como na advertencia das *Ultimas paginas* se affirma? — São. Está, ou não, a lenda de S. Frei Gil incompleta? — Está, e o proprio sr. Corrêa da Costa o affirma no seu artigo — salgalhada mal escripta, em que repete, rediz e repisa innumeras vezes o que já tinha dito, escripto e repisado não sei quantas, em paginas anteriores. Leia, a paginas 161 do *In memoriam*, o que escreveu, muito melhor do que eu o faria, sôbre as vidas dos santos, de Eça, o illustre escriptor, sr. Julio Brandão.

Mas, então, porque foi que errei, escrevendo o que escrevi e tantos formigueiros causou aos nervos assanhadiços do culminante *censor*, sr. Corrêa, que, n'uma deploravel pobreza de vocabulos, encheu de *culminancias* e de *culminantes* o seu artigo?

Por eu me não referir com largueza ás lendas de santos, de

dando os terços da Castellania». Nem estes, da mesma lenda, impressos a paginas 135 do mesmo livro: «Por toda a floresta, por baixo de toda a folha, se sentia o roçar de gente que caminhava em silencio. Por vezes um grito prolongado cortava o grande silencio». Podia citar outras imperfeições e repetições desgraciosas, como a de paginas 207 das mesmas

---

Eça, — visto acharem-se incompletas e serem simples esboços — porventura lhes neguei valor? — Não! Ao contrario, escrevi que n'essas lendas «scintilla o espirito gentil do brilhante estylista», e estas minhas palavras occultou-as de caso pensado o impiedoso *critico*, para melhor me poder lapidar!

Não contente com esta maleficencia, o sr. Corrêa da Costa chama infeliz ao meu livro *Eça de Queiroz*, como infeliz chama tambem ao trabalho sôbre Eça, do sr. José Agostinho, como ainda appellida de infeliz o livro do sr. Alberto de Oliveira, referente ao grande romancista. Todos livros infelizes! Que indigencia de palavras... e de ideias! E, vamos lá, que o *critico* podia ter dado ao meu volume nome peor. Um photographo do Porto já lhe chamou antipathico, certamente porque embirra comigo.

O meu livro, na realidade, não tem valor; mas, se o sr. Corrêa da Costa quizer consultar a sua consciencia e desejar ser franco e verdadeiro, ha de confessar que sem elle ficaria sempre a ignorar e a desconhecer muitos incidentes interessantes da vida de Eça de Queiroz e muitas notas e informações valiosas sôbre a obra do glorioso escriptor. Ou não?...

O meu livro *Eça de Queiroz* é, de certo, *infeliz*; mas, alem d'outros escriptores illustres, o sr. conselheiro Agostinho de Campos, na sua *Antologia*, chama-lhe «livro excellente»; o sr. Antonio Sergio, nas notas do tomo I dos *Dispersos*, de Oliveira Martins, qualifica-o, mais de uma vez, de «livro interessantissimo»; elogiou-o o sr. dr. Adriano Anthero, no jornal *O Dia*, n'um extenso e primoroso artigo; e, apesar de eu não estar filiado na curiosissima phalange do elogio mutuo... e do elogio proprio, a imprensa portugueza e brazileira cobriu-o de encomios. O publico, imparcial e justo, que nem se

Ultimas paginas. Esses defeitos não se notariam, se Eça de Queiroz podesse ter feito a revisão das lendas dos santos. Leia-se o que elle escreveu a paginas 28 de *A illustre casa de Ramires*, attribuindo ao seu heroe Gonçalo Mendes as seguintes palavras de censura a si proprio pelo que tinha escripto: ««...Na sala altaneira e larga, onde os largos e pallidos

---

deixa levar por louvaminhas, nem faz caso de censuras facciosas, tambem, louvado Deus, o não considerou infeliz, porque exgotou, em tres mezes, a primeira edição e leva quasi exgotada a segunda.

Isto, que sempre vale mais do que valem as farfalhices do meu censor, como valem bem mais — oh! bem mais! — aquelles tres nomes, que citei, e outros, que podia citar, consola-me da *infelicidade* do meu livro e tambem da minha «infelicidade suicida», como escreveu descaroavelmente o sr. Corrêa da Costa. Como vê... *les morts que vous avez tué se portent bien*. Ai! se eu quizesse falar de suicidio ao aziumado *critico*, tinha muito que respigar e muito em que me estribar no seu artigo lamentavel!...

Por aqui me quédo, e sem exemplo. Já de mais me alarguei n'esta nota á margem: tanto não merecia o assumpto. Estou sempre prompto a discutir, mas sómente com quem não usa de injustiças, de desegualdades, de diatribes, ou de grosserias que nada provam e nada adeantam. Com quem emprega taes *argumentos* — não!

Lá para as minhas lindas terras do Norte, onde é notavel, entre a gente do povo, a repugnancia pela vida militar, que, aliás, se considera como boa escola de correcção, é frequente os paes dizerem aos filhos irrequietos ou mal educados:

— O que tu precisavas era que te pozessem as correias ás costas!...

Ora, o sr. Corrêa da Costa, pela injustiça e pela descortezia que revelou na *critica* do que fôra escripto por quem nunca o affrontou ou feriu, o que precisava era que lhe pozessem o plural do seu primeiro appellido sôbre o segundo no plural.

E fique-se em paz, na paz tranquilla do Senhor, que manda perdoar do coração aos que inconscientemente nos maltratam.

raios da lua...» Larga, largos!... E os pallidos raios, os eternos pallidos raios!... ...Enfim um horror!».

N'essas lendas de santos, nota-se claramente a evolução do espirito do romancista, a transformação do ironista no moralizador, no doutrinario. Que pena, que dôr, não ter elle vivido mais alguns annos!... A sua experiencia, o seu conhecimento da vida, dariam mais justiça á sua critica e afrouxariam, attenuariam muito, o seu feitio satirico.

Quantas vezes, ao approximar-se o fim da existencia, Eça de Queiroz se arrependeria do seu riso escarninho e sentiria remorsos por ter escripto paginas demolidoras, por ter induzido a sua geração e a que se lhe seguiu em ideias falsas, em erros graves, escondidos na rica e bella envoltura do seu estylo encantador!

Foi esse — com segurança o affirmo — o maior castigo do escriptor fulgurante, que não manteve, desde que principiou a cultivar as letras, o justo equilibrio das suas theorias, da sua doutrina e da sua acção.

Mauricio Barrés, o brilhante escriptor francez de *La Grande Pitié des églises de France*, quasi anarchista, quando, em rapaz, publicou o seu livro *Un homme libre*, veio a ser, depois, o cultor acerrimo do tradicionalismo, do amor dos

seus mortos e da terra que teve por patria. De egoista feroz, de lastimavel individualista, passou a ser um patriota, um apaixonado pela familia e pelo seu paiz. Eça de Queiroz ia n'esse caminho, reconhecendo os erros que praticára e tentando emendal-os nos seus ultimos livros. Não permittiu Deus que elle alcançasse o fim da jornada, que emprehendêra, e que repellisse, a jorros de luz, as sombras dos seus defeitos. Defeitos que não impedem que elle tenha sido um dos mais altos, um dos mais admiraveis artistas que em terras de Portugal se teem creado!

CAPITULO II

OS PLAGIOS DE EÇA DE QUEIROZ

Quanto mais alta e mais nobre é a personalidade d'um artista, quanto mais o seu talento se approxima do genio, mais obrigação elle tem de se respeitar a si proprio, de se comportar de harmonia com as suas responsabilidades, sempre crescentes, na razão directa do valor e dos merecimentos de quem as assume. Quando essas responsabilidades são esquecidas, mais severa e mais fulminante deve ser a acção da critica imparcial e justa.

E' assim que eu, porque não commungo na cega idolatria das intellectualidades brilhantes, condemno, verbero e continuarei sempre a censurar asperamente os plagios de Eça de Queiroz. Admirador devotado do glorioso romancista, nem por isso a admiração com que o venero me ennoitece a intelligencia e me

ennevoa os olhos, a ponto de me não deixar ver e comprehender os seus defeitos. Mas, por eu lhe notar as imperfeições e os vicios, deixo de lhe reconhecer as invejaveis qualidades, os superiores predicados, as notaveis aptidões? Não!

Porque não procedem todos assim? Porque não havemos de ser todos sinceros, louvando, sim, o tanto que ha para applaudir na obra de Eça de Queiroz, mas deplorando e castigando com rigor o que n'ella ha para reprehender e rejeitar — os seus plagios, os seus gallicismos, a sua irreligiosidade, a sua acção demolidora, a immoralidade que macúla e conspurca tantas paginas dos seus livros? As mentiras convencionaes não deixam de ser mentiras: quem exalta incondicionalmente a obra do insigne escriptor e perante ella se extasia e curva com gabos a que não oppõe reservas, mente a si proprio e mente indignamente ao publico.

Em rancho, investem comigo alguns admiradores myopes ou cegos de Eça de Queiroz — bando de perús, que se agrupam á sombra das azas possantes d'uma aguia. Não me perdoam que fôsse eu o escriptor que, no cumprimento d'um dever de probidade literaria, mais poz em relêvo os plagios indefensaveis do

brilhante estylista. Mau serviço prestam á memoria e ao nome do auctor do *Primo Bazilio!* Se não fôsse eu esse escriptor, outro seria o que viesse trazer para a luz os plagios de Eça. Mas não sou eu só que — documentando, aliás, a inculpação — o argúo de plagiario. Já, antes de mim, lh'o chamaram auctoridades de altissimo prestigio: Camillo Castello-Branco, Antonio Ennes, o dr. João de Meyra, e outros, que sempre valem mais do que os taes admiradores rachiticos ou ôccos do grande escriptor naturalista, que ainda o não comprehenderam. Até muitos dos que o louvam com sinceridade e, pelo proprio valor, se distinguem dos tamaninos que o applaudem sem condições, lhe apontam plagios evidentes.

Persuadem-se, uns de boa fé, outros de má fé, os defensores conscienciosos e os taes paladinos tacanhos do patriarcha da escola realista, que rendem inestimavel favor á merecida fama do estylista eximio, defendendo-o, seja como fôr, da justa accusação de plagiario, que lhe tem sido feita desde os seus primeiros trabalhos literarios. Enganam-se! Essa defeza sem base e absolutamente contraria á evidencia, obriga os que se presam de ser criticos imparciaes e rectos a provar vezes e vezes a culpa reprehensivel, pondo com mais claridade em

fóco os plagios do romancista. Mais avisadamente procederiam, deixando passar em silencio a imputação, que se acha mais que demonstrada, com o corpo de delicto á vista e com documentos que não podem ser desvirtuados, por mais que se pretenda desculpar o grande escriptor. Factos são factos, e o facto tristemente verdadeiro é que Eça de Queiroz plagiou, e reincidiu, teimou, obstinou-se na pratica d'esse feio peccado.

— Influencias alheias! — gritam e berram os fetichistas do romancista.

Sim. Influencias de Gustavo Flaubert, de Emilio Zola, de Renan, de Baudelaire, d'outros ainda. Valha-nos Deus, senhores defensores dos plagios de Eça! Tantas influencias extranhas, a pesarem sôbre a obra d'um escriptor, não denunciarão falta de originalidade?... A que os leva a desastrada defensão!

Mas, uma coisa é a influencia exercida por um ou mais escriptores sôbre um auctor — e isso não é motivo para extranheza —, outra coisa é a reproducção textual de periodos completos e de phrases inteiras, é o apropriar-se indevidamente, esse auctor, de ideias alheias. Se ninguem póde extranhar a influencia exercida sôbre Eça de Queiroz por Flaubert e Zola, toda a gente tem o direito de fazer

reparo na cópia, por elle feita, de textos d'esses romancistas e d'outros, como Petruccelli de la Gattina, Julio Verne, Affonso Karr, Alexandre Dumas, Julio Claretie. Eça assenhoreou-se de ideias, de pensamentos, de phrases, e até do enredo de romances d'outros auctores, usando-o e apresentando tudo como se seu fôsse, sem lhe indicar a origem. Não se chama a isto plagiar? Onde está outro escriptor portuguez, de verdadeiro e alto valor, a quem se tenham apontado documentadamente mais plagios do que a Eça de Queiroz? Qual é esse escriptor? — Não o conheço. Não se conhece.

O pensamento, a ideia, muitas scenas e o conceito de pontos culminantes dos livros de Eça, não são d'elle: pertencem a outrem. Plagiava. Porquê? — A meu ver, porque a isso o obrigavam a sua falta de imaginação e a superficialidade e leveza da sua erudição. Uma e outra levavam-n'o a recorrer ao que lhe não pertencia. A prova está n'aquellas suas palavras, dirigidas a Theophilo Braga: «Sinto que possuo o processo como ninguem, mas faltam-me theses». E, como as não tinha, apossava-se das alheias! Faz-me lembrar um relogio, a que fôsse preciso que alguem muito repetidas vezes desse corda: depois, trabalhava admiravelmente.

Mas, o que Eça de Queiroz — um millionario — foi buscar, para o seu thesouro, ao peculio de pobres escriptores, foram dois ou tres vintens apenas — dizem uns.

Seriam... Por ora, já se fez conta d'esses dois ou tres vintens, já se chegou, até, a doze vintens e meio; mas quem sabe quantos vintens mais se virão ainda a descobrir, que eram pertença de escriptores pobresinhos e que hoje se acham occultos no immenso e rico thesouro da obra d'Eça?... Que se diria do nababo opulento, que fôsse arrancar ao reduzido mealheiro d'um indigente uns miseros vintens, com que augmentasse, sem necessidade, os seus largos, os seus fabulosos haveres? Que se diria?...

A accusação de plagiario, feita a Eça de Queiroz, é ridicula — accrescenta-se.

Por Deus! Não! E' justa e provada. Ridiculas, irrisorias, miserrimas, são defezas como esta a que acabo de responder. Essas desculpas redundam sómente em prejuizo do elegantissimo escriptor. Servem apenas para mais e mais o comprometter. A tal *meia duzia* de phases que Eça deu como suas, sem o serem, enche paginas inteiras: espalha-se, até, por um opusculo, em formato grande, do dr. João de Meyra, que compendiou essas phrases. E' uma

meia duzia... de duzias de periodos, que o romancista traduziu, sem indicar os auctores que eram donos e legitimos senhores d'essa prosa. Isto é que é ridiculo; como ridiculo é querer-se encobrir com razões sem valor a verdade, que toda a gente reconhece; como é egualmente ridiculo dizer-se que os nomes e titulos que Eça de Queiroz foi buscar a outros auctores — o *Paraizo*, do *Primo Bazilio*, tirado do *Paradou*, de *La faute de l'abbé Mouret*; *Prosas barbaras*, de *Poèmes barbares*, de Leconte de Lisle; e muitos outros — são apenas parecenças. Isto, e mais os *Bravaes*, tirados a Alexandre Herculano, e o *Tructesindo Ramires*, que pertence a Rebello da Silva, e o *Claro-Sol*, que é de Francisco de Moraes, e o *minha madrinha*, que era o tratamento dado por Alfredo de Musset a M.me Jaubert, em outro escriptor, de inferior categoria, não seria de importancia, nem mereceria menção e reparo: em Eça de Queiroz, junto a todos os outros plagios, prova que elle tinha tão arreigado o vicio de ir forragear nos campos alheios, que até nem os simples titulos ou as denominações lhe escapavam!

Outros defensores do romancista plagiario aventam timidamente, quasi envergonhados, a opinião de que elle cobria de belleza as ideias

e os pensamentos que lhe não pertenciam, e tornava mais graciosas e mais elegantes as phrases d'outros escriptores, a ponto de parecerem novas.

Que deploravel defeza!...

E' como se um industrioso se apropriasse d'uma joia alheia, e lhe desse novo aspecto, e a enriquecesse com pedras preciosas de raro brilho, e a cravejasse de diamantes e rubis: teria feito uma peça artistica e valiosa, mas fundamentalmente a joia não era d'elle.

Eça de Queiroz com certeza não agradeceria a taes paladinos justificação tão desageitada.

Demais, aquella affirmação não é verdadeira. Quer o leitor ver?

Gerard de Nerval escreveu:

Je suis le ténébreux, le veuf, l'inconsolé...

Eça de Queiroz, no seu folhetim, intitulado *Notas marginaes*, publicado na *Gazeta de Portugal*, de 23 de março de 1866, copiou:

«Eu era o tenebroso, o inconsolavel, o viuvo.»

Nerval versejou:

Porte le soleil noir de la mélancolie!...

Eça, no folhetim acima citado, trasladou:

«Luzia um grande sol, mas negro; o sol «da melancolia...»

Onde está, n'estas phrases do romancista, a tal *maior belleza*, que descobriram alguns defensores pêcos dos seus plagios?

Mais.

Petruccelli de la Gattina, nas suas *Memorias de Judas*, paginas 93, escreveu:

Ce Romain est sombre et sévère, mais juste, au plutôt esclave de la legalité.

Eça de Queiroz, a paginas 221 de *A reliquia*, traduziu:

«O Romano é cruel, mas escravo da lega- «lidade».

E' mais bella esta phrase, de Eça, do que a de Petruccelli de la Gattina?— Ora!... E' traducção quasi literal da outra.

Ainda nas *Memorias de Judas*, pag. 446, de la Gattina expressou-se d'est'arte:

Je ne redoute pas vos accusations con-

tre moi. César me connait. Mais je ne peux pas créer des prétextes de trouble entre nous.

E vae Eça de Queiroz e plagia, a paginas 25 de *A reliquia:*

« Decerto as vossas ameaças não me mo-
« vem... Cesar conhece-me bem... Mas entre
« nós, para proveito de Cesar, não deve haver
« desaccordo. »

Mais bellos, estes dizeres? Em quê?...

Gustavo Flaubert, a paginas 2 da *Salammbô*, descreve:

...ses grillages d'airin qui le défendaient en bas des scorpions.

Abre-se *A reliquia*, de Eça, e, a paginas 214, lê-se isto:

«...com uma grade baixa d'arame que a
« defendia dos escorpiões. »

Traducção, palavra por palavra, sem o contrapeso da belleza...

Ainda na *Salammbô*, paginas 20, Flaubert conta:

...j'ai vu dans un temple un bélier noir qui reculait.

A paginas 134 de *O mandarim*, lá vem, sem mais belleza, a cópia de Eça de Queiroz:

« Além d'isso elle vira á porta d'um pagode « uma cabra negra recuar!...»

Na *Salammbô*, paginas 131, Flaubert escreveu:

...et des pleurs coulaint sur sa face comme une pluie d'hiver sur une muraille en ruine.

Não é mais bella esta traducção de Eça de Queiroz, a paginas 312 de *A reliquia:*

« As lagrimas rolavam pela sua face, tristes « como a chuva por um muro em ruinas.»

Julio Verne, no seu livro *Les tribulations d'un chinois en Chine*, paginas 57, exara estes dizeres:

...se conformer aux préceptes du livre «Li-nun» sur les vertus domestiques, et du livre «Nei-tso-pian» sur les devoirs du mariage.

O mandarim, de Eça, a paginas 121, lá tem:

«...onde em caracteres chinezes se desen-«rolavam sentenças do Livro Sagrado de Li-«Nun sobre os deveres das esposas.»

A paginas 234 de *Trois contes*, Gustavo Flaubert refere:

...scribes et valets de prêtres, nourris par le rebut des holocaustes...

Na pagina 305 de *A reliquia*, lá vem:

«...o bando sordido dos servos do Tem-«plo e dos sacerdotes miseraveis que são «nutridos pelos sobejos dos holocaustos...»

Na *Salammbô*, paginas 79, Flaubert refere:

...des representations du temple, creusées dans un bloc d'albâtre.

Eça de Queiroz, em *A reliquia*, paginas 265, refere tambem:

«Era uma placa oval d'alabastro, tendo «gravada uma imagem do Templo.»

Gustavo Flaubert, nos *Trois contes*, paginas 96, traçou estes dizeres:

Il s'approcha de son chevet et lui dit, sans desserrer les lèvres: — Réjouis-toi, o mêre! ton fils sera un saint!

Eça de Queiroz, nas *Ultimas paginas*, lauda 12, exprime-se assim:

«...parou deante d'elle, e disse sorrindo: «— entra contente na tua morada, que teu «filho ha de ser um grande santo!»

Flaubert, na *Salammbô*, paginas 201, narra:

La face converte d'une voile, et en secouant des flambeaux, il avait jeté un coc noir sur un feu de sandaraque, devant le poitrail du Sphynx.

Eça de Queiroz trasladou assim, a paginas 265 de *A reliquia:*

«...Um d'esses Guebros, adoradores do «fogo e habeis nas artes, que vão descalços «até ao Egypto, com fachos accesos, salpicar «sobre a Esphynge o sangue d'um gallo «negro.»

Ernesto Renan, na sua *Vie de Jesus*, paginas 28, escreveu:

...la triste Judée, desséchée comme par un vent brûlant d'abstraction et de mort.

Em *A reliquia*, de Eça, paginas 197, lê-se:

«...estas collinas, que eu vira dias antes, «em torno á Cidade Santa, deseccadas por um «vento de abstracção, e brancas, da côr das «ossadas...»

E, n'estas traducções, como nas anteriores, a tal *maior belleza*, que os cegos adoradores de Eça de Queiroz encarecem, não se encontra nem se vê.

Para que citar mais phrases e mais perio-

dos? Podia eu fazel-o, porque, infelizmente, são muitos os que o illustre romancista foi rebuscar em seara alheia. Estes bastam, porem, para prova de que Eça nem sempre embellezava a prosa que a outros escriptores pertencia. Agradavam-lhe as ideias; achava as palavras sonoras — expunha, umas e outras, nos seus livros, como se ellas lhe pertencessem. Porque não citava elle os auctores de cujas paginas arrancava trechos, pensamentos, theorias? Se isto não se chama plagiar, não sei o que sejam plagios!

E' doloroso para os admiradores de Eça de Queiroz, que elle tivesse o mau costume, o habito imperdoavel de que tantas vezes foi justa e provadamente accusado? Sem duvida. Tambem para mim, que sou seu admirador sincero, o é; mas, se elle padeceu d'esse defeito, para que se ha de occultar desavisadamente a verdade? Demais, se o romancista só uma ou outra vez tivesse prevaricado, podia dizer-se que tinha havido simples associação de ideias, similhança de pensamentos, coincidencia de palavras. Mas, tantas vezes!...

Ah! Se fôsse outro, que tivesse, a pesar-lhe, a quarta parte dos delictos que, em materia de plagios, Eça de Queiroz commetteu, a critica implacavel, austera e severissima, cru-

cificava-o!... Por muitissimo menos, teem sido apedrejados outros escriptores, para os quaes se póde invocar a desculpa de não possuirem o alto valor do excelso escriptor realista. Este, não tinha necessidade de recorrer ao alheio, ao passo que a penuria de muitos outros póde servir-lhes de attenuante ás ladroíces que porventura pratiquem.

*

* *

Plagiar que é? Em que consiste esse acto devéras censuravel?

No direito romano, plagiar era vender como coisa propria um escravo, uma creança, que tivesse sido roubada. Actualmente, plagiar diz-se d'um escriptor, d'um artista, que apresenta como seu o que copiou de obras alheias.

Vamos aos diccionarios. O *Diccionario contemporaneo*, que é excellente, define assim o plagiario: «O que apresenta como original ou como seu o que encontrou n'outros auctores ou copiou de obras alheias.» O *Larousse*

dá a definição de plagiato da seguinte fórma: PLAGIAT: *acte de celui qui s'approprie les productions d'autrui.*

Pergunto: Eça de Queiroz apresentou, ou não, como suas, ideias, phrases, palavras alheias? Quiz, ou não, fazer passar por original o que encontrou em outros auctores? Apropriou-se, ou não, de producções d'outrem?

As provas da affirmativa estão á vista, copiosas, em abundancia. Não póde pois negar-se, de boa fé, que o grande escriptor plagiou, que foi, infelizmente, um plagiario. Ninguem com mais magua do que eu o reconhece, o affirma e o deplora. Admiro-o como astro refulgente da nossa literatura, mas nem por isso deixo de ver que o sombreiam escuras manchas. Se até o sol as tem!...

Mas, pelo visto, os admiradores incondicionaes de Eça de Queiroz querem mais larga demonstração e novos documentos, comprovativos de que o fino estylista se fartou de plagiar.

Vamos a isso!

Fernando Desnoyers, poeta e bohemio, que morreu em Paris em 1869, na sua celebre apostrophe *A Casimiro Delavigne*, exclamou, colerico e indignado:

Habitants du Havre, Havrais!
Je viens de Paris tout exprès
Pour jeter à bas la statue
De Delavigne (Casimir):
Il est des morts qu'il faut qu'on tue!...

Eça de Queiroz achou bonito este ultimo verso do auctor dos *Poemas do vinho*. Agradou-lhe a phrase. Tanto bastou para que, a paginas 60 da segunda edição de *O mandarim*, pozesse na bôcca de Theodoro, atormentado pelo remorso de ter morto, com um toque de campainha, em Lisboa, um mandarim obeso, dos confins da China, as seguintes palavras:

— Preciso matar este morto!

Em *A illustre casa de Ramires*, Eça de Queiroz, dando conta dos feitos valorosos dos ascendentes illustres do seu heroe, Gonçalo Mendes Ramires, refere, a paginas 5, que Paulo Ramires, em Alcacer-Kebir, «não querendo mais vida pois que El-Rei não vivia, colhe um gïnete solto, apanha uma acha d'armas, e gritando: — «Vai-te alma, que já tardas, servir a do teu senhor!» — entra na chusma mourisca e para sempre desapparece».

Ora, no combate de Alfarrobeira, D. Alvaro Vaz d'Almada, conde de Avranches, depois de

ter conhecimento da morte do Infante D. Pedro, duque de Coimbra, entra a espostejar inimigos, com furia insana, até que, por fim, exhausto, cambaleante, cae de joelhos, e, deixando-se atravessar pelas lanças dos peões, exclama: — « Fartar, agora, villanagem! E tu, alma, já tardas!...».

Abra-se agora o *In memoriam*, organizado pelos distinctos escriptores, srs. Eloy do Amaral e Cardoso Martha, publicado em 1922. A longa série de artigos, que esse livro contem, deve-se a pennas insuspeitas. Não ha ali sombras de má vontade, que possam empannar o brilho da reputação literaria de Eça de Queiroz. Pois, bem. E' ahi que eu vou buscar mais provas dos plagios do auctor do *Crime do padre Amaro*. São depoimentos de testemunhas, de cuja fé, de cujo credito, se não póde duvidar.

Logo a paginas 46, n'um trecho que se intitula *Eça de Queiroz e Flaubert*, e é assignado pelo sr. Camara Reys, leio os seguintes periodos, em que se traduz bem claramente a benevolencia de quem os escreveu:

« A segunda maneira da prosa de Eça de « Queiroz caracterisa-se principalmente no *Cri-« me do Padre Amaro*, n'*O Primo Basílio* e

« n'*Os Maias*. A tumultuosa espontaneidade « dos primeiros anos de escritor disciplina-se. « O que o seu estilo perde em exuberância, « adquire-o em vigor. Sente-se nesses livros, « principalmente, a influência de Flaubert. A « paisagem, o desenho dos personagens, a « narrativa, os detalhes, os próprios entrechos « derívam directamente do autor de *Madame « Bovary*, da *Educação Sentimental*, da *Lenda « de S. Julião* o *Hospitaleiro* e da *Tentação « de Santo Antonio*.

« Reconhece-se sem dificuldade, numa sim- « ples leitura superficial, a influência exercida « por estas obras no *Primo Basílio*, n'*Os Maias*, « no *S. Cristovam* e no *Santo Onofre*. Para « exemplos, basta lembrar a semelhança dos « quadros d'*Os Maias* e da *Educação Senti- « mental*. Em ambos se pronunciam as frases: « *Meus senhores, ouçam-me, eu tenho expe- « riência! — A religião é um freio! — E como « corpo de mulher!* Em ambos ha a ideia de « fundar um jornal. E ainda os episódios nas « duas corridas de cavalos; os dois bailes de « máscaras, a propósito dos quais se invoca « o testemunho dum «urso» e duma «tirolesa»; « Cisy e Dâmaso, um tendo o cartão no chapeu, « outro um véu; a avó de Cisy e o tio do « Dâmaso, que morrem; ambos eles tendo um

« ideal de elegâncias; os dois duelos; *Le Flam-*
« *bart* e a *Corneta do Diabo;* o agradecer da
« gorgeta: — *Merci, Monseigneur!* que Eça de
« Queiroz traduziu no *Primo Basílio* por: —
« *Muito obrigado, senhor conde!* — Fumichon
« e o França do *Crime do Padre Amaro*, que-
« rendo estrangular Proudhon, depois de terem
« tomado o seu café e os seus licores... « E
« estrangulava. Depois do cognac, o França
« era uma fera ». « *Il l'étranglerait. Aprés*
« *les liqueurs, surtout, Fumichon ne se connais-*
« *sait plus* ».

Mais adeante, insere o *In memoriam* uma carta do escriptor, sr. Sousa Costa. D'ella extraio estes periodos, referentes a Eça de Queiroz, que se lêem a paginas 105:

« Tinha fraca imaginação criadora? Pelo
« contrario. A sua imaginação lembra o poder
« milogrôso do Cristo na multiplicação dos
« pães. De meia duzia de palavras de Cha-
« teaubriand no *Génie de le Christianisme* —
« *Conscience e Remords* — fez os centos de
« paginas encantadoras do *Mandarim*. Dum
« nada, d'uma idea colhida ao acaso, duma
« impressão apanhada no ar, tirou ideas, im-
« pressões, capitulos, volumes que hão-de

« dar de comer á fome intelectual das gera-
« ções. »

Salvo o devido respeito, pelas palavras que deixo transcriptas, prova-se que a imaginação de Eça de Queiroz não exuberava riquezas; e tanto que elle tinha de pedir emprestadas a Chateaubriand, e a outros auctores, ideias que, depois, pretendia fazer acceitar como suas. O seu poder de observação, sim, era notabilissimo. Esse, dava-lhe typos e figuras magistraes. D'esse, tirava elle capitulos e volumes que hão de ser sempre, pelos annos alem, um prazer espiritual para quem os ler.

Prosigamos.

A paginas 155, e seguintes, do livro a que me estou referindo, lê-se um pequeno artigo do distincto escriptor e jornalista, sr. dr. Hipolyto Raposo, intitulado *Duas camisas*. A esse artigo vou buscar os seguintes trechos:

« Todos se recordam de que *A Reliquia*,
« de Eça de Queiroz, foi pensada e escrita
« sôbre a troca casual de dois embrulhos, um
« sagrado, outro profano, guardando a coroa
« de espinhos do Salvador e a camisa de dor-
« mir de Miss Mary, florista e cortesã de
« Alexandria.

« Na hora amarga da partida do Hotel das « Pirâmides, fôra aquela camisa a sua última « carícia ao *possante* Teodorico, dizendo-lhe a « soluçar:

« « Dou-t'a, Theodorico! Leva-a, Theodo- « rico! Ainda está amarrotada da nossa ter- « nura!... Leva-a para dormires com ella ao « teu lado, como se fosse commigo...»

« Alguns anos antes, quando Maurice Rol- « linat lançou ao mundo o grito das *Névroses*, « numa poesia em febre, chamada *La Relique*, « era celebrada *Berthe*, *la sirène aux pieds « blancs comme du jeune ivoire*, deixando ao « poeta o penhor quente da sua camisa de dor- « mir, porque ia honestamente casar-se com « outro homem.

« Nestes termos comovedores acompanha a « entrega da secreta alfaia:

« Je te la donne, ami, ma chemise brodée:
« Car, la première fois que tu m'as possédée,
« Je la portais, t'en souviens-tu?
« Elle seule a connu les brûlantes ivresses
« Que ta voix musicale et pleine de caresses
« Faisait courir dans ma vertu.»

.....

« Nada conta a biografia de Eça de Queiroz « sôbre a sua camaradagem, amizade ou sim-

« ples admiração por Maurice Rollinat; muito « menos elucidam esse ponto as memórias « vermelhas do poeta francês, autor de *La « Relique*. ·

« Mas parece poder acreditar-se que a « *longa camisa de rendas com laços de seda « clara*, aparecida na cama de Alexandria, « exalando *um aroma saudoso de violeta e « d'amor*, fôsse do costureiro e do modelo « parisiense da *chemise brodée* dos versos de « Rollinat. Berthe e Miss Mary aparecem-nos « como duas mulheres finamente amadas, « tão semelhantes, tão irmãs no pensamento e « no desejo do poeta e do prosador, que nos « tentâmos a verificar mais uma vez o para- « doxo de que nada aproxima tanto dois homens « como a mesma mulher amada...»

Vamos andando.

Algumas paginas mais alem, encontra-se, no *In memoriam*, um artigo do escriptor hespanhol, sr. Alvaro Giraldez. D'elle copio os seguintes periodos, de paginas 166:

« Creo que, si hubiera vivido Eça de Quei- « roz algunos años más, hubiera influido Es- « paña en su espíritu más profundamente quizá « que Francia. Ya se me figura hallar algo

« de Pereda y de *Peñas arríba* (1895) en su « último libro *A cidade e as Serras.* »

O sr. Alvaro Giraldez cuida ver no romance de Eça, *A cidade e as serras*, algo do livro *Peñas arríba*, do grande romancista hespanhol José Maria de Pereda, que tanto se distingue pelo estylo e pela nitidez das descripções. Quem sabe se esse romance foi suggerido a Eça de Queiroz pelo ultimo terceto de um soneto de Nicolau Tolentino, que se lê a paginas 49 das *Obras completas* d'este poeta, edição de José de Torres, Lisboa, 1861?

Eis o soneto:

Não moram em palacios estucados
Almas singelas, almas extremosas:
Nutrem da côrte as damas enganosas
Em tenros peitos corações dobrados.

Venham por longos mares conquistados
As indianas sedas preciosas:
Cubram-lhe as carnes alvas e mimosas
Ricos vestidos em Paris bordados.

São isto effeitos da arte e da ventura:
Estimo mais que toda a vã grandeza
Um limpo coração, uma alma pura.

Não na côrte; das serras na aspereza
Fui achar innocencia e formusura,
Sagrados dons da simples natureza.

O *In memoriam* inscreve um excerpto, com o titulo *Sobre Eça de Queiroz*, assignado pelo sr. Antonio Patricio, em que é citado um serão familiar em casa de Luiza, a desgraçada heroina do *Primo Bazilio*, durante o qual é folheado o Dante, illustrado por G. Doré. Depois, a paginas 241, o sr. Patricio escreve, com referencia a uma pagina de *A reliquia:*

« Quando Theodorico deixa o Egypto, a « caminho de Jerusalem, vae, na caleche que « o leva, a dizer adeusinho com o lenço á *doce « Maricoquinhas: depois*, diz elle, *eu cahi sobre « a almofada de chita como cae um corpo « morto.* D'esta vez, como não ha citação e o « leitor, em geral, não é subtil, poucos veem « paraphraseado em burlesco, o grande verso « final do mesmo canto:

« *E caddi come cadde un cuorpo muorto.*

« Theodorico cae na almofada de chita da « caleche, como Dante no terceiro canto do « *Inferno.* Mas onde a aura nihilista mais se « sente, é ainda na *Reliquia*, na visita ao Jar- « dim das Oliveiras. »

Sob o titulo *O espólio de Fradique*, publica

o talentoso e erudito escriptor e poeta, sr. dr. Antonio Sardinha, no livro que estou folheando, um bello artigo, ao qual arranco o trecho seguinte, de paginas 360:

« E surge-me aqui o ensejo para inserir com « oportunidade um detalhe duplamente curioso « e impressionante, porque nos elucida sôbre « os processos que Eça empregava na compo- « sição, ao mesmo tempo que nos ensina com « que amor profundo o escritor se embebia « nas coisas do nosso passado. Anda na me- « mória de todos a morte do bastardo de « Bayão, n'*A illustre Casa*. E', sem discor- « dância, uma das maravilhas mais extraordi- « nárias da prosa portuguêsa. Pois Eça não « ideou a scena espantosa. Unicamente a ex- « traiu das letras encaracoladas dum códice « medieval, a que Herculano alude em uma « das notas à sua *História*, insuflando-lhe Eça « tôda a espantosa rialidade que a anima e que « é sempre a minha tortura quando a leio. O « caso deu-se, efectivamente. Deu-se na mesma « occasião em que a novela o coloca, reinando « precisamente D. Afonso II e estando as « Senhoras-Infantas cercadas em Montemór. « Cercava-as por ordem del-rei um tal Martim « Anes de Riba-de-Avisela. Derrotado, Martim

« Anes meteu-se por um paul, — dos muitos « que ainda há no vale do Mondego. Conta o « *Nobiliário*, chamado do « Colégio dos No- « bres », que, ao arrancarem-no de lá, vinha « agonizante, porque as sanguessugas o tinham « chupado todo ».

Por ultimo, o sr. Eloy do Amaral, um dos organizadores do *In memoriam*, começa o seu artigo de paginas 422 e seguintes, *O amor de Eça à terra portuguesa*, d'esta fórma:

« Dos nossos escritores dos últimos tempos « é Eça um dos mais diversamente discutidos. « Uns têem pelo eminente romancista uma « verdadeira idolatria, escondendo cautelosa- « mente os seus defeitos, outros, não se refe- « rindo ás suas qualidades de prosador e artista « primoroso, criticam-no acerba e impiedosa- « mente.

« Para alguns a *Reliquia* é quase um decal- « que das *Mémoires de Judas* de Petrucelli « della Gattina, o *Mandarim* uma simples « *bluette* extraida do *Peau de Chagrin* de « Balzac, a *Illustre Casa de Ramires* uma « *pochade* à politica provinciana, a *Correspon-* « *dencia* a sua pior obra e até *Os Maias* « uma

« porção de crónicas, isto é, de apontamentos, « de notas muito ridiculas, muito engraçadas, « que tanto podem vir coleccionadas sob um « título único como debaixo de vários titulos, « fragmentadas ».»

Podia eu fazer ainda mais transcripções. Para quê? São desnecessarias, depois das que ahi deixo ao leitor e que nem sequer commento, porque as reputo absolutamente elucidativas. São claros como agua transparente os trechos que ficam copiados.

Mas, se são os proprios admiradores sinceros e intelligentes de Eça de Queiroz que apontam os plagios do romancista, embora tentem, em vão, desculpal-o, que se ha de concluir? Que conclusão querem tirar os admiradores incondicionaes do auctor de *Os Maias* — os taes, que, se são intelligentes, não são sinceros?

Sim, que é que elles concluem?...

*

* *

No prologo da *Historia de S. Domingos*, o escriptor elegante e vernaculissimo, que foi Frei Luiz de Sousa, affirma que Tito Livio plagiára Polybio, o celebre historiador grego, que tanto illustrou o seu nome, e accusa ainda o chronista Damião de Goes de ter plagiado Ruy de Pina e Fernão de Pina, dos quaes o primeiro tambem já foi denunciado como plagiario do chronista Fernão Lopes.

Oliveira Martins, economista distincto, estylista encantador, mas historiador muitissimo suspeito, cuja obra, em varias paginas, revela a influencia innegavel que sôbre elle exerceram Renan, Michelet, Cournot e outros, é abertamente accusado de ter plagiado o nosso historiador Rebello da Silva. O accusador é o sr. José Caldas, no seu recente livro *Vinte cartas de Camilo Castelo Branco*, onde se lêem as provas evidentes do delicto, a paginas 126 e 127.

Camões, Alexandre Herculano, Garrett, Pinheiro Chagas, Guerra Junqueiro, Alves

Mendes — para só me referir a escriptores portuguezes — foram alcunhados de plagiarios. Theophilo Braga, n'um libello violento, esmagador, do sr. dr. Ricardo Jorge, é amarrado ao pelourinho do plagiato.

Camillo Castello-Branco tambem foi apontado como plagiario, por Cypriano Jardim; mas o grande escriptor provou triumphantemente a falsidade da imputação, como tudo se acha referido em nota de paginas 373 a 375 do meu livro *Camillo desconhecido*.

Na obra vastissima de Camillo, que tem defeitos, mas tambem bellezas, sobretudo de estylo incomparavel, que lh'os apagam, não ha plagios; e é por assim ser que o auctor do *Amor de perdição*, em carta dirigida ao seu editor, Ernesto Chardron, publicada pelo sr. dr. Julio Dias da Costa, no seu livro *Escritos de Camilo*, escreveu orgulhosamente:

« Persuado-me que ninguem me julgará « capaz da porcaria de traduzir e fazer meu, « não digo um romance, mas um periodo.

« Dessa deshonra vou eu immaculado deste « mundo. »

Em tantas e tantas paginas, que a penna infatigavel de Camillo escreveu, conheço ape-

nas uma phrase que é plagiada, e como plagio lhe foi apontada, na *Questão da sebenta*, pelo meu condiscipulo na Universidade de Coimbra, e velho amigo, Doutor José Maria Rodrigues. Camillo, referindo-se á infallibilidade do Papa, asseverou que a não percebia; e accrescentou: «parece-me ser coisa mais facil endireitar a sombra de uma vara torta». O sr. Doutor José Maria Rodrigues, cuja erudição profunda é bem conhecida, immediatamente arguiu Camillo de plagiar a phrase, indo-a buscar á *Silva de varios dictames espirituaes*, XXX *Luz e calor*, de Bernardes, onde, a paginas 229, se lê: «...fazer uma cousa, e mandar ou aconselhar outra, é querer endireitar a sombra da vara torcida».

Camillo, defendendo-se, affirma que não plagiou Bernardes, porque, onde este escreveu *torcida*, elle escreveu *torta*, e que a phrase não era original do mesmo Bernardes, pois já em 1597, nos *Dialogos*, D. Frei Amador Arraez a formulára assim: «O governador primeiro se deve a si retificar, e depois ao seu povo; que de outra maneira haver-se-ha como quem quer endireitar a sombra da vara torta».

A seguir, Camillo escreve que a comparação por elle formada é absolutamente original, pois ninguem, antes d'elle, tinha compa-

rado a difficuldade de perceber a infallibilidade do Papa ao impossivel de endireitar a sombra d'uma vara torta. Friza ainda que não é plagio o emprego d'uma phrase metaphorica, depois que um classico usou repetidas vezes essa phrase de outro classico; e accrescenta que aproveitou a phrase por a achar expressiva, formando com ella a comparação, relativa á infallibilidade do Papa, sendo original essa comparação.

Assim será, com sophisma e tudo, mas a verdade é que a phrase é plagiada. A comparação póde ser original, mas a locução não o é.

E, afóra este, não conheço outro plagio de Camillo.

Eça de Queiroz foi accusado de plagiar, logo ao alvorecer da sua carreira literaria. Redigia elle, em 1867, o *Districto de Evora*, e já a *Folha do Sul* lhe lançava em rosto a reproducção, como sendo suas, de palavras de Victor Hugo, nos *Miseraveis*. Depois, em 1871, foi Antonio Ennes, o notabilissimo jornalista, que lhe verberou a cópia textual, ou quasi, nas *Farpas*, de trechos de Affonso Karr, em *Les Guêpes*. Em seguida, foi a sua conferencia no *Casino lisbonense*, que os escriptores d'esse tempo, que a ella se referiram, affirmaram ser reproduzida do livro de Prondhon,

Du principe de l'art et de sa destination sociale.

De então em deante, os plagios de Eça de Queiroz, em todos os seus livros, contam-se por dezenas, como provou o dr. João de Meyra, no seu folheto *Influências estrangeiras em Eça de Queiroz*, como eu tambem provei —com grande escandalo dos admiradores ceguinhos, ou que fingem sêl-o, do romancista — no capitulo *Os plagios de Eça de Queiroz*, do meu livro, relativo ao auctor do *Primo Bazilio*, em que lhe traço a biographia e onde esbóço a critica ligeira da sua obra.

Pelos documentos exhibidos, demonstra-se que não foi só de migalhas cahidas da mesa de escriptores secundarios que Eça de Queiroz se apropriou. Assenhoreou-se de ideias, de opiniões, de pensamentos alheios: a sua conferencia do *Casino*, do principio ao cabo, a base do entrecho de *O mandarim*, passagens salientes de livros seus, que pretendia fazer passar por originaes, como aquelle episodio epico da morte do bastardo de Bayão, chupado pelas sanguesugas, no romance *A illustre casa de Ramires*, e supeito, sem poder dizer em que me fundo para tal affirmar—lealmente o confesso— que a admiravel scena do final de *Os Maias*, em que o romancista põe Carlos da Maia e o

João da Ega a correr atraz do carro americano, depois de philosophicamente, os dois, terem assentado em que, n'este mundo, não vale a pena dar uma passada mais rapida do que outra para conquistar seja o que fôr.

Ha quem defenda Eça de Queiroz da accusação, que por tantos criticos lhe tem sido feita, de descer á inferioridade de plagiar. Não admira. Toda a culpa tem defeza; mas, quando as provas do crime estão á vista, o reu póde esperar indulgencia, nunca obter absolvição.

Eça copiou Flaubert, Renan, Proudhon, Zola, e até escriptores literariamente subalternos, que não podiam ser seus predilectos, como Petrucelli de la Gattina e Julio Verne? —Não— clama-se um pouco de sôbre posse—; são *fontes*, onde o romancista foi beber inspiração; são reminiscencias d'esses auctores.

Peço perdão, mas copiar, traduzir textualmente, literalmente, phrases inteiras — e não só uma ou duas, mas muitas — não é ir dessedentar-se em fontes limpidas, nem ter reminiscencias de outros escriptores: é ter deante de si os livros d'esses escriptores e trasladar d'ahi, apresentando-os como seus, periodos completos, pensamentos e imagens que não são originaes. Com a aggravante de ter Eça

o talento necessario para não precisar de recorrer a tão censuraveis processos. Porque não citou elle Gérard de Nerval, quando se apossou de palavras e de ideias do notavel poeta francez, que a loucura levou ao suicidio? Porque não mencionou Renan, Flaubert, Alexandre Dumas, Petrucelli de la Gattina, Zola — todos aquelles cujas palavras e concepções quiz que fossem tidas como originaes e muito suas?

Se assim tivesse procedido, ninguem podia accusal-o de plagiario.

— Mas Alexandre Herculano tambem é plagiario, visto que refere o caso do *Castello de Faria*, que foi rebuscar em Fernão Lopes — exclama o sr. Claudio Basto, no seu interessante artigo, aliás de frouxa defeza, *Foi Eça de Queirós um plagiador*?, inserto no *In memoriam*.

Respondo. Ainda que Alexandre Herculano tivesse cincado, plagiando, esse erro do eminente historiador não desculpava nem absolvia Eça de Queiroz. Mas não succedeu assim: Herculano não plagiou Fernão Lopes. Procedeu lealmente, embora não citasse o nome do celebre chronista-mór do reino, que tantas paginas brilhantes nos legou, nas suas *Chronicas de D. Pedro I, de D. Fernando e de*

D. João I, e cuja biographia Herculano traça no tomo III do *Panorama*, a paginas 196 e 197. Herculano, nas *Lendas e narrativas*, cita Fernão Lopes, na *nota final* do conto *Arrhas por foro d'Hespanha*, que precede a narrativa *O castello de Faria*, e começa esta, empregando, logo nos primeiros periodos, uma phrase que, com absoluta probidade, diz ser de Fr. Bernardo de Brito. Depois, conta o caso do *Castello de Faria*, e termina a sua narração, referindo-se á gloria dos alcaides de Faria, com as seguintes palavras: «Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que a atteste. As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore».

Quer dizer: Alexandre Herculano confessa que foi buscar aos historiadores a sua narrativa.

Já vê, pois, o acerrimo e intelligente defensor dos plagios de Eça que o auctor das *Lendas e narrativas* não foi plagiario, ao passo que o foi o romancista de *A illustre casa de Ramires*, no, aliás, bellissimo conto medieval, entrelaçado na trama d'este romance. O escriptor que vae procurar na Historia o assumpto das suas novellas, chama-lhes novellas, ou romances historicos, e não póde ser arguido de plagiario. Aquelles, porem, que respigam na Historia o enredo das suas novellas, ou dos

seus contos, e os pretendem apresentar como obra original, de pura imaginação, são plagiarios. E' o caso de Eça, no conto das eras affonsinas, entrançado nas paginas de *A illustre casa de Ramires*.

Eu podia admittir que em Eça de Queiroz houvesse concordancia de palavras, ou coincidencia de ideias, com as de outros escriptores, se uma vez ou outra se notasse essa coincidencia, ou sobresahisse essa concordanca; mas tantas vezes!... Mas palavras alheias, repetidas sem discrepancia de uma letra!... Mas ideias d'outrem, reproduzidas e repisadas sem a mais leve divergencia!... E durante uma longa carreira literaria, com a aggravante da reincidencia! Eram ideias communs — dizem. Ideias communs!... A ser verdadeira esta theoria, não ha plagiarios: os que copiam, teem sempre *ideias communs*.

Não pode ser.

Ah! Tenham paciencia os defensores de Eça de Queiroz. A seu pesar, como a pesar meu, o escriptor brilhantissimo foi um plagiario obstinado e contumaz. E', infelizmente, na literatura portuguesa, um dos mais flagrantes exemplos no plagiato. Talvez o mais flagrante. Plagiario conscientissimo, porque, no confronto das phrases, na comparação das ideias, que

elle ia buscar a outros auctores, a evidencia dos delictos é tanta que só póde negal-os quem quizer commetter o imperdoavel e repugnante peccado de negar a verdade reconhecida por tal.

Tinha Eça originalidade, personalidade propria, inspiração, talento! Se tinha! E' um dos mais fulgurantes escriptores das terras lusas. Mas, porque o é, a circumstancia de dispor abundantemente d'aquelles attributos, mais afeia o seu vicio de plagiar. Para quê, se não necessitava de ir arrepanhar nas paginas alheias o que o seu cerebro potente lhe podia dar? Para quê, ir trazer de casas d'outrem o que em tanta abundancia tinha em sua casa? Para quê?...

Bastava que só alguma vez o romancista se senhoreasse do que não era d'elle, para ser um plagiario. Mas, não foi só alguma vez que elle se metteu na posse de periodos e pensamentos que constituiam propriedade de outros escriptores: foram muitas vezes. Dezenas de vezes! Em todas ou quasi todas as suas obras!

Quando os defensores teimosos dos plagios patentes de Eça de Queiroz voltarem a defendel-o, contra a evidencia, eu cá estarei para lhes dar provas do que deixo affirmado.

Querem?...

A teimosia, contra verdade averiguada, é uma triste manifestação de infantilidade. Pois eu lh'a corrigirei.

No meu livro *Eça de Queiroz*, defendi o brilhante estylista, accusado por Adolpho Coelho de ter plagiado o ponto de partida do *Mysterio da estrada de Cintra*. Defendi-o, quando a critica malevola e impiedosa lhe assacou — por sua culpa — o aleive de ter plagiado *La faute de l'abbé Mouret*, que sómente no titulo se parece com o seu primeiro romance, *O crime do padre Amaro*, escripto antes do de Zola. Mas, porque assim procedi imparcialmente, com lealdade, com lisura e com justiça, sobra-me auctoridade para negar perdão aos plagios innegaveis, provados, flagrantissimos, do eminente escriptor. Dóe-me o coração, quando tenho de reconhecer o seu defeito, quando sou obrigado a engranzar mais um plagio no longo rosario dos seus plagios. Mas, acima de tudo, luzente e esplendorosa como uma aurora de verão, colloco e venero sempre a verdade.

Quando eu publiquei o meu livro *Eça de Queiroz*, offereci um exemplar a um illustre diplomata e titular, meu parente e meu amigo, o visconde de Pindella, que amigo fôra tam-

bem, muito intimo, do auctor de *A cidade e as serras*. Ao agradecer-m'o, em carta amabilissima, que guardo e conservo junto dos meus papeis de mais estima, perguntava-me elle, entre despeitado e resentido: «Porque foi que você escreveu o capitulo referente aos plagios de Eça?». E eu respondi-lhe: «Porque me préso de ser escriptor de probidade. Desde que, ao estudar a figura de Eça de Queiroz, e ao apreciar, como critico, a sua obra, lhe encontrei um defeito gravissimo—o vicio de plagiar—, entendi que faltaria aos meus deveres para com os que me lessem se não puzesse em relevo essa má qualidade e a não verberasse com energia. Aqui tem você a razão...» E o meu amigo e parente, que tão bem e com tão alta distincção soube representar Portugal na côrte de Berlim, nada teve que me replicar. E' que elle comprehendeu-me. Com effeito, ao accusar Eça de plagiario, nunca tive o proposito pueril de lhe denegrir os processos literarios. Mais alto púz o meu fito. Repugnou-me sempre a mentira e nunca deixei de cumprir os sagrados deveres de lealdade para com os meus leitores.

A gloria esplendente de Eça de Queiroz é diminuida com o negrume dos seus plagios? —Não é! Quando a luz que um nome irradia

tem o brilho que cerca o do admiravel estylista, não são as leves sombras, ou as pequenas manchas, que podem obscurecer-lhe o fulgor.

Manchas e sombras — repito ainda — até o sol as tem. E resplandece no infinito azul, alumiando o universo inteiro!

CAPITULO III

EÇA DE QUEIROZ E JOÃO PENHA

Quando eu, em 1915, trabalhava na confecção do meu livro *Eça de Queiroz — A sua vida e a sua obra —*, todo o meu empenho era obter dos contemporaneos, em Coimbra, do notavel escriptor, dos que o conheceram em Leiria, de quem conviveu com elle em Lisboa, informações interessantes, noticias curiosas, elementos de estudo, que me podessem servir para a analyse d'essa alta e singular figura da literatura portugueza, que foi o auctor do *Crime do padre Amaro*. Consultei verbalmente varias personalidades de relêvo, escrevi a outras, folheei pulverulentas colecções de jornaes, e, como luctava com a falta de materiaes escriptos por outros auctores, que me auxiliassem na composição da biographia, ainda por fazer, do insigne roman-

cista, fui assim juntando um peculio de valiosos dados, que me permittiram escrever aquelle meu livro, tão bem acceito e tão lisongeiramente acolhido pelo publico, interessado e curioso. Os que lhe mordem injustamente, os maldizentes enfurecidos, sem essa minha obra, não teriam o amplo conhecimento, que hoje teem, da vida e do vulto, por tantos titulos, notavel, de Eça de Queiroz.

Uma das pessoas a quem escrevi, pedindo cópias de cartas inéditas de Eça, e noticias de factos importantes da sua vida de estudante, foi ao grande poeta João Penha, seu contemporaneo em Coimbra. Conheci-o em Braga. Depois d'isso, correspondemo-nos. Em principios do anno de 1910, queixava-se-me elle, n'uma carta dolorida, da surdez que o acabrunhava.

João Penha, excellente rapaz, bohemio incorrigivel, bacharel formado em Direito, advogado em Braga, sua terra, foi um dos mais notaveis poetas do seu tempo. Ninguem o excedia na elegancia da fórma, na vernaculidade, na correcção artistica do verso. Compoz sonetos, que são verdadeiras obras primas, joias de alto valor. Por entre muitas das suas poesias, a ironia voeja alegremente, picante e viva, por vezes pungente e cruel. Em Coimbra, as suas estroinices, as

suas rapaziadas, as suas satiras, o seu esturdiar por aquellas ruas e praças do velho burgo academico, deixaram renome. Tambem por lá ficou, chegando ao meu tempo de estudante, a fama dos seus epigrammas sangrentos.

Quer o leitor conhecer alguns?

A um padre, que nada devia á formosura, dirigiu João Penha a seguinte quadra:

Vêde-o ali triste e só,
No seu logar, posto ali:
É como sôbre um cipó,
Um padre mestre saguy!

O estudante, seu contemporaneo, Alves de Moraes, escreveu um livro socialista, intitulado *Morte á morte*. João Penha beliscou-o assim:

O Moraes, um pulso forte,
Um guerreiro antigo, um cabo,
Chamou a terreiro a Morte
E deu-lhe um couce no rabo.

O sr. dr. José Joaquim Pinto, de Rezende, que foi juiz de Direito, e era conhecido em Coimbra pelo nome de Pinto Lambaça, tinha um vozeirão capaz de acordar um morto. Um dia, em que elle dava lição ao lente, Doutor Brito, João Penha, seu condiscipulo, sahiu-se com esta quadra:

De pé, em frente do Brito,
Dá lição Pinto Lambaça;
Parece a voz do Infinito
A sahir d'uma cabaça!

A este Doutor Brito, para quem o principio do justo era a mutualidade de serviços, e que transformava a sua aula de philosophia do Direito em aula de philosophia transcendental, vivendo-se ali fóra do tempo e do espaço, dedicou João Penha o seguinte soneto:

SONETO AO BRITO

Eis que te partes para além do espaço,
Envolvido na estola do infinito.
Que Deus te leve em paz, amigo Brito:
Nós ficamos por medo do cansaço.

Eu, por mais abstracções que invento e faço,
Por mais transcendental que em ti cogito,
Não posso imaginar-te idéa ou mytho,
Mas um tumor de Kant em seu cachaço.

Lá d'esses sitios, em que ethereo vôas,
Responde a isto, que d'aqui pergunto,
Não em prosa, que é vil, mas n'estas lôas,

Em que resumo o delicado assumpto:
«As femeas no infinito, diz, são boas?
Ha bom vinho por lá, ha bom presunto?»

Do seu condiscipulo Castro Feijó—irmão do meu querido Antonio Feijó, o mais distincto poeta do meu tempo de Coimbra—traçou João Penha este retrato:

Dissolvei toucinho cru,
Deitae-lhe feijões e broculos,
E tereis, completo e nu,
O nosso Feijó dos oculos.

Outro condiscipulo de João Penha foi o sr. conselheiro Moraes Carvalho, estudante distincto, cujas lições eram sempre primorosas. Um dia, o poeta dedicou-lhe esta sextilha:

Moraes Carvalho, palavra,
Exhala tanta poesia
Tua formosa oração,
Que parece obra da lavra
Da Musa que te alumia:
—D. Guiomar Torrezão!

Outro dia, o sr. conselheiro Moraes Carvalho — contou-m'o elle proprio — tendo escripto e decorado a sua lição, foi chamado pelo professor, a quem expoz a materia com facilidade, mas dando á sua oração, que sabia de cór, entoações de prédica. Vae João Penha e saese com esta quadra, até agora, inédita:

Que bonitos pensamentos!
Que eloquentes orações!
Mas fala o Moraes Carvalho,
Ou préga o padre Simões?...

Estes versos produziram effeito: o sr. conselheiro Moraes Carvalho nunca mais decorou uma lição, nem depois, na sua carreira parlamentar, recitou de cór um discurso.

Tinha João Penha outro condiscipulo, José Borges d'Azevedo Ennes, sobrinho do Bispo de Macau. Chamado á lição, não esteve em maré de felicidade. Logo João Penha versejou:

Por aquillo que disseste,
Bem se conhece quem és:
São dois N N bem unidos,
Que equivalem quatro pés...

Ainda outro condiscipulo de João Penha tinha os appellidos Tamagnini da Encarnação. Como Encarnação, que era, tinha o nariz muito encarnado, o que inspirou á musa de Penha a seguinte quadra:

Tamagnini Encarnação
Tem na ponta do nariz
O colorido feliz
D'uma rosa do Japão...

Tornou-se celebre, em Coimbra, aquella

quadra, que João Penha dedicou a um incendio, que se ateou em casa das respeitaveis senhoras Seixas, na Couraça de Lisboa, onde elle sempre morou, tendo como companheiro Gonçalves Crespo — outro poeta fulgurante — e como vizinho fronteiro o lente de Direito, Doutor Adrião Forjaz:

Foi um incendio voraz!
Lembrava tanto Gomorrha,
Que o proprio Adrião Forjaz
Disse á familia...

Não sei, ou não me lembra, o que o Doutor Forjaz, pessoa correctissima na apresentação e na phrase, disse á familia. Talvez não fôsse coisa boa... O que sei é que o incendio não teve importancia, mas João Penha, para obter do irmão, o bondosissimo dr. Manoel d'Oliveira Penha Fortuna — que o poeta dizia, com graça, ter um só defeito: ser irmão d'elle — algum dinheiro para a pandega pacata, compoz aquella quadra, para lhe suscitar e incutir o pavor do sinistro.

Gonçalves Crespo deu noticia d'um duello celeberrimo, em verso, travado entre João Penha e Guerra Junqueiro, na taberna do *Homem do gaz*, na cidade baixa, em Coimbra. O *Homem do gaz* era um «latagão como

umas casas; tinha sido patuleia, orara em clubs turbulentos e gostava de recordar essas epochas gloriosas de lucta».

Na cal da parede da taberna, João Penha, cujo nome completo era João d'Oliveira Penha Fortuna, escreveu duas quadras, em que Guerra Junqueiro era ferido. Todos os presentes riram, mas Junqueiro não replicou. João Penha, provocador, voltou a escrever:

Junqueiro, que vens de junco,
Tu, que és passaro bisnáu,
Não abres o bico adunco?
Pois não me sentiste o pau?

D'esta vez, Guerra Junqueiro, respondeu, em versos, que começavam assim:

O Penha borracho
Corria cantando
No dorso d'um macho.

João Penha não se desconcertou. De prompto, jogou ao adversario este bote:

Afinaste a veia chata,
Bebeste o copo d'um borco,
E a cidade estupefacta
Ouviu o grunhir d'um porco.

Guerra Junqueiro não gostou. Por baixo da quadra de Penha, escreveu isto:

Porco és tu, meu animal,
Porque as vermelhas canções
Que sacas do teu bestunto,
São vermelhos salpicões,
Não são versos, são presunto.

Novo golpe de João Penha, que na parede escreveu:

Acertou-te a pedra, e de arte
Que te fiz na testa um gallo,
E forcejas por vingar-te
Como se vinga um cavallo.

Guerra Junqueiro, furibundo, redarguiu:

Dou-te um conselho, Oliveira,
Como estás com muita pressa,
Vai coser a borracheira,
Meu menestrel de tripeça!

João Penha rugiu! «Menestrel de tripeça! Eu! Ó D. Bigorrilhas!» E, voltando-se para o *Homem do gaz:* «Escreve!» disse, e ditou:

Tinha ha muito um realejo,
Só me faltava um macaco,
Hoje tenho o que desejo,
Hei de mostrar-te a pataco...

E o duello, na noite seguinte, continuou,

com intima satisfação do *Homem do gaz*, a quem, mais tarde, quando elle morreu, João Penha, já formado, dedicou o seguinte

EPITAPHIO

Eil-o aqui jaz, aqui jaz
Nesta humilde campa fria
O nosso velho rapaz!
Deus em sua gloria o tenha!
Era elle quem accendia
Inspirações em João Penha!
Deus em sua gloria o tenha!
Nesta humilde campa fria
Eil-o aqui jaz, aqui jaz!

Não quero deixar de transcrever tambem, n'este meu livro, o magistral soneto com que João Penha brindou o Doutor Pedro Augusto Monteiro Castello-Branco, tão injustamente tratado pela academia de Coimbra, que lhe dava o nome de Pedro Penedo da Rocha Calhau.

Eis o soneto, que copio das *Rimas*, e bem póde pôr-se a par do que atraz transcrevi, dedicado ao Doutor Joaquim Maria Rodrigues de Brito:

O PHANTASMA

A um doutor Pedro

E vimos uma fórma horrenda e bruta
Surgir do lôdo vil com gesto iroso,
Como outróra, no cabo Tormentoso,
O velho Adamastor da barba hirsuta.

— Quem és tu? — eu lhe disse. — «Bardo, escuta,
(Bramiu com voz ingente e desdenhoso)
Eu sou no espaço infindo e luminoso
O verbo ideal da estupidez corrupta.

«Na terra sou Penêdo; e o mar violento,
O mar das sciencias vãs da humanidade,
Já quiz vencer-me, e foi baldado o intento!»

Disse. E ouvimos n'aquella obscuridade
O cantico d'um tremulo jumento:
— Era o preito da terra á Immensidade!

E' perfeito! A'parte a intenção satirica e mordaz, que eu não perfilho, o soneto é uma peça poetica de admiravel execução.

Para terminar estas ligeiras notas, relativas a João Penha, não quero deixar de referir aqui uma anecdota, que aparto e escolho entre as muitas que lhe são attribuidas.

João Penha comprou, um dia, um mangericão cheiroso, que se ostentava orgulhosamente

no seu vaso de barro vermelho. De que se ha de lembrar o poeta? — De o regar com vinho!

De começo, o mangerico arredondou-se e medrou a olhos vistos! Passados, porem, os primeiros dias de bebedeira, o pobresinho entrou de murchar, de estiolar-se e de enfraquecer, a tal ponto, que era de causar dó.

—E' isto!...—dizia João Penha aos seus amigos, fitando, atravez do monoculo, o mangericão encharcado de vinho.—Bebeu de mais, morreu!...

Foi d'este poeta distinctissimo, tão alegre na sua mocidade irrequieta, como infeliz na dolorosa velhice, que, em resposta ao meu pedido de cartas inéditas de Eça de Queiroz, e de informações sôbre a vida academica do brilhante romancista, recebi as tres cartas que seguem, tão interessantes, que para lastimar seria deixal-as para sempre desconhecidas do grande publico.

*

* *

Eis as cartas de João Penha, cuidadosa e fielmente transcriptas, com excepção das *Ex.as* e dos *Ex.mos*, que supprimi, como devia:

«Braga, casa de V. 21-VI-15.

« Sr. Dr. Antonio Cabral.

«Não respondi hontem mesmo a V. , porque queria ver se encontraria qualquer carta do Eça, que podesse aproveitar ao trabalho que V. traz entre mãos. O mesmo foi que procurar agulhas n'um palheiro, tal é a quantidade de cartas que, sem ordem, e sem quaesquer indicações, tenho em diversas caixas, gavetas e armarios. Demais, diversos collecionadores de manuscriptos, ahi têm feito buscas á sua vontade, e levado o que melhor lhes quadra, de modo que é provavel que já ahi não exista carta alguma do Eça.

«Só de duas me lembro, ambas interessantes, mas que já foram publicadas: uma na *Limiana* (1), pequena revista, de Vianna, e

(1) Do numero 5 da *Limiana*, de novembro de 1912, transcrevo a carta — tão elucidativa! — que Eça de Queiroz dirigiu a João Penha. Não tem data; mas, como o primeiro numero das *Farpas* appareceu em junho de 1871, esta carta deve ser pouco anterior a esta epoca. Eis a carta a que se refere o poeta, bem significativa das intenções revolucionarias e demolidoras de Eça de Queiroz:

«Meu caro João.

«Lê esse prospecto. Comprehendes logo o que é: jornal de lucta, jornal mordente, cruel, incisivo, cortante, e sobre tudo jornal revolucionario. São as *Guêpes*, de Karr, tratadas ao modo penin-

que envio a V. , e outra na *Chronica* (1), revista que durante dous ou tres annos foi publicada n'essa cidade, no numero especial que me foi dedicado. Hei-de ver se o descubro, e então o mandarei a V.

«Quanto á vida anecdotica do Eça, nada posso dizer, porque realmente de nenhum acto ou facto me lembro, por elle praticado, que seja digno de nota. Depois do episodio, que debaixo do titulo a *Orgia*, sahiu no meu livro

---

sular: mais fogo. mais vigor, mais violencia, e mais intenção. No estado em que se encontra o Paiz, os homens intelligentes que tem em si a consciencia da revolução — não devem instruil-o. nem doutrinal-o, nem discutir com elle — devem *farpeal-o*. As *Farpas*, são pois o *trait*, a pilheria, a ironia, o epigramma, o ferro em brasa, o chicote — postos ao serviço da revolução.

«Peço-te que annuncies na tua *Folha* o jornal. e que digas, sobre elle, algumas palavras, d'aquellas que sabes dizer com tanta graça e com uma forma tão nitida.

«Se ao mesmo tempo poderes arranjar alguma assignatura, se a encontrares na rua sem ter em que se empregue — não a deixes ir perder-se na *Revista Juridica* ou outra publicação assim, e aproveita-a para as *Farpas*, a não ser que prefiras ensinar-lhe o caminho da *Folha*.

«Adeus. O grande abraço d'irmãos d'armas.

«Teu sempre

Eça de Queiroz.

(1) A carta que segue. endereçada por Eça de Queiroz a João Penha, é transcripta da revista literaria, de Lisboa, *A Chronica*, cujos numeros 63 e 64, de abril de 1902, foram dedicados ao illustre poeta das *Rimas*. Tambem não tem data; mas, como Eça n'ella envia a João Penha «um largo abraço por todos estes dous annos

Por montes e valles, editado ahi, e que é de todo o ponto verdadeiro, Eça, que era um visionario, passou a dormir commigo. De manhã, vinha-nos á cama, n'um taboleiro, o nosso almoço, que devoravamos com o appetite da mocidade, aberta a janella, e alongada a vista, por sobre o placido Mondego, até aos chorões da Fonte de Ignez de Castro. Depois d'este episodio, Eça desapparecia, sem que eu jamais o tornasse a ver até á noite. A' noite, e sem

---

em que nos não vimos», e como Eça concluiu a sua formatura em 22 de junho de 1866, é de crer que escrevesse esta carta em seguida ao carnaval de 1868 ou de 1869, isto é, pouco mais ou menos, dois annos depois de ter sahido de Coimbra, durante os quaes não viu João Penha. A poesia á Lebouys, a que Eça de Queiroz se refere, é a que se lê nas *Rimas*, pag. 145. sob o titulo *A uma rabequista*.

«Meu caro João.

«Escrevo-te para Coimbra sem saber se tu realmente estás em Coimbra. No entanto como esse é o teu quartel-general, o teu nicho; como estamos apenas no *lendemain* do Carnaval, epoca dos fados esplendidos, é quasi certo que tu por ahi passeias o teu spleen. Disseram-me ha tempos que tu tinhas atravessado de leve as regiões theologicas, e depois tinhas tomado modestamente a larga estrada da patria Braga, *vasta via patria*, como dizia não sei que tribuno. Emfim, a minha carta vae e com ella um largo abraço por todos estes dous annos em que nos não vimos, e que eu passei a voltear sobre a corda bamba da politica e da litteratura, e tu, meu velho João, passaste, decerto, n'algum canto de tasca artistica, como o bom Hoffmann, a beber os esquecimentos e *os diabos azues*. Ah! meu velho, de todos nós, és tu o que tens juizo. Realizas o sonho, a visão, o azul, em plena vida burgueza e constitucional. Nem sequer dás ao mundo a importancia de te aborreceres n'elle. Creaste,

excepção de uma só, seguiam-se diversos episodios, entre os quaes os das ceias na tia Maria, que frequentavamos, não por falta de dinheiros, porque sempre os havia, mas porque era perita e unica na arte de fritar a sardinha, o savel e a eiró. Muitas vezes, porém, ceias monstruosas se realizavam, até altas horas, no Paço do Conde ou no Castella, e ahi, como acolá, o prato forçado, e de resistencia, era o d'uma discussão descabellada sobre todas as

---

para teu uso, um romantismo sensato, em que te aproveitas dos idealismos de Werter e companhia, sem o perigo de lhes cahires nos ridiculos. Eu fallo assim porque supponho que tu não tiveste a insensatez de abandonares a tua vida phantastica, toda alumiada de reflexos roxos. Teria sido um arrependimento insipido, inexplicavel e inutil. Li ha pouco uma poesia tua á Lebouys. Uma das quadras é admiravel: a do sangue azul. Notei que tu eras o unico em Portugal capaz de introduzir a nova escola franceza. Não a conheces de certo. No entanto é necessario que a conheças. Para isso manda comprar aqui, ou no Porto, o seguinte livro: *Parnasse contemporain, recueil de vers nouveaux*. E' uma collecção de todos os poetas de França, de 1856 para cá. É a geração mais moderna. A sua escola é a da fórma. São admiraveis. Vaes ter uma revelação. Os assumptos d'elles são a philosophia, a historia e as cousas tenebrosas. Estuda-os. Estuda-os muito. Tracta de trabalhar neste genero. É uma revolução em Portugal. Com essa predisposição que tens felicissima para a *poesia plastica*, podes dar um bello artista n'esse genero. Responde-me e eu depois escreverei n'este sentido, mais largamente e mais definitivamente. Com o que, sou do teu bello e artistico coração, o maior amigo.

José Maria d'Eça de Queiroz.

«Escreve-me para o Rocio, n.º 26 — 4.º andar.

materias relativas á arte, ou ás que constituem o saber humano. De ordinario, esses episodios tinham o seu remate em casas de raparigas de facil peso — mas nem Eça, nem qualquer de nós, jamais praticamos com ellas o acto, a que, pelo seu infortunio, eram destinadas, e era por isso talvez que nos adoravam. A isto me refiro, mais detidamente, no conto: a *Orgia*, a que acima me referi.

«Eça, ao contrario do que quasi toda a gente suppõe, era um visionario, romantico e sentimental, tendo um horror profundo por tudo quanto é prosaico, isto é, pela vida commum, e real, como ella é. Nos seus livros, onde elle se nos revela observador, mas intuitivo, era um: — fóra d'ali, era outro, era, como eu disse, um romantico, um degenerado talvez, como todos os homens de genio, segundo certos principios de antropologia moderna.

«Mas páro aqui, porque vejo que vou mettendo foice em seara alheia, isto é, no estudo que V. está fazendo ácerca d'aquella gloria das letras patrias.

«Com a mais alta consideração, me subscrevo,

«De V. att.° amigo e admirador

JOÃO PENHA.

«B. 26-VI-1915

« Sr. Dr. Antonio Cabral.

« V. , querendo, poderá ficar com o n.° da *Limiana*, que lhe enviei. Essa revista já acabou, não chegando a completar um anno de existencia.

« Ainda com referencia ao Eça, informarei que os seus escriptores predilectos eram Shakspeare, Edgar Poe, Quinet, e Hugo, isto no periodo em que elle fazia parte da troupe capitaneada por Antero de Quental. Depois passou para Balzac, Flaubert e Zola, cujos processos litterarios adoptou, sem que deixasse de ser o que sempre foi, um ultra-romantico, sentimental.

« Por que eu, uma vez, lhe chegasse ao nariz um ramo de violetas, que eu tinha colhido no cemiterio da Conchada, recuou como se fosse mordido por uma vibora, logo que eu o informei d'essa circumstancia, impallideceu, e quasi que ia desmaiando.

« Com vozes de que: *isso não se faz*, reprovou aquelle meu gesto, como agora se diz, seguindo-se uma terrivel discussão, em que elle quiz sustentar que n'aquellas violetas existiam atmos, particulas, dos corpos dos

defuntos, e sustentando eu que não, fundando-me em Lavoisier, que diz que o homem é um gaz solidificado, e que, portanto, morto, em gaz se perde nos seios do infinito, não podendo haver uma unica particula d'elle nas flores e nos animalculos que nascem nos cemiterios.

«Esta discussão foi seguindo furiosa, até que eu lhe puz termo, dizendo:

«— Sabes quem eu sou?

«— Não.

«— Sou o centro do infinito.

«— Tu?

«— Sim: olha: diz Kepler que o infinito é uma esphera, cujo centro está em toda a parte, e cuja circumpherencia não está em parte nenhuma. Se o centro está em toda a parte, está em mim: está no meu nariz: logo este adorno da minha figura é o centro do infinito. Parece-me, pois, que sou digno de respeito, e que a minha voz deve ser ouvida, como se emanasse do proprio creador do universo.

«— A tua voz, não: os teus espirros.

«E assim acabou este episodio, que, mais desenvolvido, talvez entrasse nas minhas projectadas *Memorias d'um estudante de Coimbra*, de publicar as quaes desisti, por ser longa a materia, e me achar actualmente sem enthu-

siasmos para cousa nenhuma. Apenas faço ainda alguns versinhos, para não perder a mão. Depois do meu ultimo: *Echos do passado*, cuja publicação o burro do editor nem ao menos se quiz dar ao trabalho de annunciar, jurei não fazer mais um unico verso. Esta jura foi o que me perdeu, porque não admittindo que ninguem me imponha leis, nem eu a mim proprio, já levo em mais de meio um quinto volume de versos.

« Para quê, e para quem?

« Para nada e para ninguem.

« Pedindo a V. mil desculpas pela reprehensivel inconveniencia de lhe ter tomado um tempo precioso, occupando-o da minha obscura pessoa, — subscrevo-me, com a mais alta consideração,

« De V. amigo m.to obrg.do e admirador,

JOÃO PENHA.

«B. 30-VI-15.

« Sr. Dr. Antonio Cabral,
meu respeitavel amigo

«Quem poderá dar a V. preciosas informações sobre o assumpto, que o occupa, é o Dr. Anselmo de Andrade, o qual fazia parte da troupe de Antero.

«A 1.ª das quatro iniciaes, a que V. se refere, *A*, talvez se refira a elle, isto é, ao Anselmo, se não ao proprio Anthero.

«A 2.ª ao Lobo de *Moura*, que morreu juiz em qualquer parte; a 3.ª a Alberto *Sampaio*, escriptor muito distincto, no genero de investigações historicas, fallecido ha uns dous ou tres annos, em Villa Nova de Famalicão.

«Quanto ao *P*, não imagino quem possa ser; talvez o Philemon, que morreu juiz não sei onde.

«O que posso affirmar é que o Theophilo Braga nunca fez parte d'essa troupe, nem de outra qualquer, vivendo sempre isolado, como Robespierre na Montanha.

«V. poderá, quando muito bem quizer, indicar-me quaesquer outras informações de que precise, sobre esse ou sobre qualquer outro assumpto.

«Com a mais alta consideração, me subscrevo

«De V. att.° amigo e admirador

JOÃO PENHA.

Ahi ficam as cartas que, relativamente a Eça de Queiroz, me endereçou o eximio poeta João Penha. Guardo-as orgulhosamente.

As iniciaes, a que a terceira carta se refere, são as que foram indicadas por Eça, no seu artigo *Uma carta (a Carlos Mayer)*, publicado nas *Prosas Barbaras*. São ellas: *A.*, *M.*, *S.*, *P.*, e *T.* Perguntava eu a João Penha se me poderia esclarecer sôbre as personalidades que essas iniciaes designavam, e lembrava, quanto ao *T.*, que poderia ser referente a Theophilo Braga.

João Penha deu-me a resposta constante da terceira carta que fica transcripta.

CAPITULO IV

PROSA DESCONHECIDA

O bello trecho de Eça de Queiroz, que os leitores vão apreciar, é quasi desconhecido. Poucos serão aquelles que tenham gozado a fortuna de o ter lido. Pena era deixal-o para sempre escondido e ignorado, tão lindo é. Foi publicado, ha quasi quarenta annos — em abril de 1885 —, nas paginas de um *numero unico*, intitulado *Beja-Créche*, que uma benemerita commissão fez imprimir em beneficio da *Créche* de Beja.

D'essa commissão, fazia parte o sr. Sousa Tavares, meu antigo collega na camara dos deputados, que me facultou aquelle *numero unico*, tornando-se assim credor do agradecimento que aqui lhe deixo.

Eis o que Eça de Queiroz escreveu, com a sua penna encantadora, sob o titulo:

FESTA DE CREANÇAS

« A mais engraçada festa de creanças de que me lembro foi em Inglaterra na casa de campo dos meus amigos Birds no paiz de Cornwall. Era uma mascarada reproduzindo em miniatura a Côrte de El-Rei Arthur e dos cavalleiros da Tavola-Redonda. E o que tornava interessante a resurreição d'esse mundo heroico e gentil, pupularisado por Tennyson, é que nós estavamos alli justamente na região de Cornwall, onde viviam, entre saraus e batalhas, Arthur, a sua Rainha Ginevra e os doze valentes da Tavola. A pouca distancia do parque dos Birds, numa collina coberta de carvalheiras, a tradição colloca os paços d'Arthur e a maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas era o velho Usk. Nas suas frescas margens erguera-se outr'ora o mosteiro, onde o irmão de Percival uma noite, da janella da sua cella, viu passar numa nuvem côr de rosa, entre aromas de junquilhos, o vaso de San Graal cheio do sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. E, das varandas da sala de jantar, podiam avistar em dias claros, lá ao longe na costa, e entre as rochas, as ruinas d'esse castello de Tentigal, que apparece em

todas as balladas do Rei Arthur, negro e triste juncto ao mar de Cornwall.

« A côrte começou a reunir-se cedo, á hora do lunch, no grande salão branco, sobre o jardim. Era o filho dos Birds quem esplendidamente recebia, vestido de Rei Arthur. O primeiro personagem da lenda que chegou, acompanhado pela sua governante, foi o feiticeiro Merlin, um adoravel bébé, gordo e embezerrado, com a corôa d'hera, uns cabellos louros e umas enormes barbas propheticas enchendo-lhe a bochecha côr de rosa. Depois seguidos das mamãs, vieram entrando todos os outros figurões da romantica chronica, cavalleiros de cinco annos armados e emplumados, mongesinhos nedios do convento de Clerincal, bispos quasi de mama com os seus baculos nos braços, bardos rabugentos, mesteiraes vestidos de seda e fadas mais lindas que as fadas. As tres rainhas mysticas do Valalá chegaram por ultimo, gravesinhas, todas tres pela mão, cobertas de véos negros, escoltadas por um grande lacaio empoado.

« Pouco a pouco o salão ficou tão animado como a velha Caerleon numa manhã de torneio. O pequeno Bird, de Rei Arthur, com o seu manto bordado d'ouro, os cabellos frisados sahindo em anneis de sob a corôa carregada

de pedras, passeava, majestoso, entre os seus irmãos d'armas. Uma senhora encantada quiz-lhe dar um beijo. Elle repelliu-a asperamente, como teria feito o casto Rei Arthur. Mais orgulhoso do que elle, só o bravo Lanceoloto do Lago, a quem tinham pintado um buço, e que revestido d'armas negras, com uma longa pluma escarlate ondeando-lhe desde o elmo até ás esporas d'ouro, não tirava a mão da espada. E o que parecia ensoberbece-lo mais era a sua facha de gase branca, passada sobre a couraça, e feita, em rigida obediencia á Epopêa, d'um véo da rainha Ginevra. E essa era a grande belleza do sarau, a rainha Ginevra, uma irlandezasinha com as duas tranças negras e os olhos verdes como os prados d'Erin. Séria e fria, involta na pesada capa de setim azul, conservava-se no meio d'um sophá, immovel com um sorriso, que lhe punha uma covinha no queixo, indifferente aos madrigaes, insensivel ás proezas dos cavalleiros, e sempre d'olhos baixos, ou por ella os bardos firam as harpas, ou por ella se batam os vassallos juncto ao mar de Cornwall.

« Um escudeiro annunciou o lunch, tocando uma busina de prata, tal qual como no Paerlaon. E pelo corredor aos pares toda a Côrte seguiu á sala de jantar o Rei Arthur, que levava pela

mão, com uma graça solemne, a linda rainha Ginevra. Depois, mas não sem alguma confusão, em que necessariamente as mamãs tiveram de ser energicas com os cavalleiros, ficou completa a Tavola Redonda ornada de baixellas e flores. E nada faltava do que mandam as poeticas chronicas. Ao fundo da mesa, na sua cadeira esculpida pelos Genios, lá se achava o velho feiticeiro Merlin, a quem a governante, para elle comer com limpeza a sua sopa, tirara as barbas propheticas. Não havia um javali assado sobre um prato d'ouro. Apenas um honesto roastbeef. Mas o Rei Arthur levantava o seu copo d'agua misturada d'uma gota de Bordeos, com a nobreza com que o outro, ha tantos centos d'annos e n'aquella mesma collina, erguia a taça de hydromel em dias de victoria. De resto a sala, com o seu tecto de carvalho lavrado, tinha o severo apparato d'outras eras e através da janella lá estavam, como nos versos da MORTE D'ARTHUR, as ruinas do Castello de Tentigal, negro e triste juncto ao mar de Cornwall.

« A Côrte mostrava tanto appetite como á volta d'uma batida aos lobos nos bosques, que avizinham o Usk. Até as fadas devoravam. Sir Galaad, esse que possuia a força de mil, porque o seu coração era virgem, já por duas

vezes reclamara pudding de batata, batendo furiosamente com o garfo sobre o seu murrião de prata, posto ao lado da mesa entre os crystaes. Fôra preciso, por causa da sua magnifica tunica de setim verde, atar um guardanapo ao pescoço do cavalleiro Boer, essa radiante flor de bravura christã. No meio de toda a alegria, o forte Percival, incommodado com a sua armadura, permanecia mono e corado, com o ar de estar pensando (como o outro Percival) em se recolher ao Mosteiro de Vik. Depois, de repente e inexplicavelmente, rolou abaixo da cadeira, entornando todo o molho nos joelhos do intrigante Malverne, o mais violento cavalleiro da Tavola.

« Malverne despropositou e arrepellou os cabellos d'ouro de Percival. A tia do heroe accudiu assustada, e então como o famoso Lancioloto do Lago se estava tornando turbulento, foi arrancado da Tavola Redonda ignominiosamente nos braços d'um escudeiro aos berros.

« Depois do lunch, a côrte de El-Rei Arthur voltou ao sarau a regosijar-se com danças. Sarau delicioso! Havia dois monges extraordinarios de bureis brancos, tão pequenos e tão tropegos que as senhoras tinham de os segurar pelos braços nas quadrilhas e que queriam constantemente dançar, mais joviaes que os

cavalleiros, promptos a atirar-se sempre aos bracinhos das camponezas toucadas de flores.

« O puro Sir Galaad, já sem broquel e sem murrião, galopava doidamente com uma ligeira fada, chegada n'essa manhã da Bretanha, das florestas de Braseliante. Um bardo com a corôa de folhas de carvalho enterrada até aos olhos chorava por ter perdido a sua harpa. Havia tambem um principe do Mar do Norte, um castellão do Erin e o bravo cavalleiro Boer, que se tinham refugiado a um canto, por detraz d'um sophá, onde, sentados no chão, continuavam na sua divertida merenda com bolos dando gritos, quando as senhoras queriam pôr cobro áquella gula tão impropria de paladinos christãos. No corredor o pae Bird teve de suster o abbade de Clerincal, que arregaçava as vestes sacerdotaes, e ia furioso sovar o intrigante cavalleiro Malverne. E não foi possivel realizar a parte mais picante da lenda, fazendo com que Lancioloto do Lago cortejasse Ginevra. O bravo Lancioloto (bem differente do outro) parecia de coração duro e sem gosto pelo sorrir das damas. Terminou mesmo por ter uma hedionda perrice, e cahiu nos joelhos da mamã, com duas grossas lagrimas nas pestanas e a sua bella penna escarlate cahida no chão, como numa tarde de derrota.

« Cedo os bébés começaram a estar cançados. Eu mesmo, no meio da festa, tive de levar ao collo o veneravel bispo Blackembourg com a sua mitra e com o seu rico baculo. Os seus doces olhinhos azues fechavam-se de somno. Deitei-o no sophá, juncto da mais pequenina das rainhas do Valalá, que já ali dormia sob o veu negro, com os cabellos d'ouro soltos e o lirio do Paraiso entre as mãosinhas cruzadas...

« E o santo Bispo candidamente adormeceu ao lado da mystica Rainha. »

EÇA DE QUEIROZ.

Encantadora — não é? — esta prosa doce e meiga, sahida da penna adoravel que escreveu *O suave milagre!*

Estou seguro de que o leitor, que a não conhecia, por certo me ficará agradecido, por eu a arrancar ao seu olvido lamentavel, reproduzindo-a aqui, nas paginas d'este livro, a que ella vem dar tanto valor e tanto brilho.

APPENDICE

APPENDICE

As cartas inéditas, que a seguir transcrevo, foram-me dirigidas por Antonio e José d'Azevedo Castello-Branco, sobrinhos de Camillo, por Antonio Candido, o orador admiravel, por Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), o romancista eximio, por João Penha, o poeta brilhante, pelo sr. Alberto Pimentel, o escriptor distincto.

Em todas ellas, ha notas interessantes, quer a respeito de Camillo, quer ácêrca de Eça de Queiroz. Por isso as trago á publicidade, e não porque me desvaneça — embora me seja agradavel — o que n'ellas se lê, tão amavel e tão lisongeiro, para a minha modesta e desenfeitada penna. Escolhi estas, entre muitas outras identicas e valiosas, que me foram dirigidas, e cuidadosamente guardo no meu archivo de escriptor, porque se me afiguraram as de mais importancia, por me virem de individua-

lidades notaveis, que de perto trataram Camillo e Eça de Queiroz.

São, pois, documentos de valor, que hão de ser lidos com agrado por todos os que se habituaram a admirar os dois mais notaveis romancistas portuguezes dos tempos modernos. São tambem trechos de prosa, em que a belleza do estylo se casa com a agudeza do conceito.

Fica assim enriquecido o meu livro, porque lhe dão lustre e relêvo as cartas com que lhe ponho doirado fecho.

Como nos sonetos, em que a chave deve ser d'oiro...

Seguem as preciosas cartas.

*

* *

«Timpeira, 18-10°-914

« amigo e antigo collega

«Recebi o seu livro (1), que já havia adquirido e lido com muito agrado, e intermitencias

(1) *Camillo de perfil.*

de tristeza causada pela recordação dos lances tragicos da vida do grande infeliz, que foi meu tio.

«Felicito-o pelo seu trabalho literario. O contexto e a forma são dignos de um elevado e justo apreço.

«Eu por cá vou vegetando com mais melancolia na alma, do que a que manifestam os arvoredos que o outono vae expoliando dos seus encantos estivaes. De vez em quando versejo para afugentar o tedio d'este viver aldeão.

«Por mera curiosidade, mando-lhe uma prova de versos que o *Brazil-Portugal* devia publicar, se não interrompesse a sua publicidade em consequencia da carestia do papel.

«Muito estimarei saber que haja gozado de saude e tranquilidade, e que me creia seu saudoso e muito affectuoso amigo e adm.or

A. d'Azevedo C. Branco.

(Eis os versos que, com esta carta, me foram enviados pelo insigne poeta, que foi Antonio d'Azevedo Castello-Branco. Não sei se chegaram a ser publicados.)

THRENOS

O mesmo ceu te cobre, ó terra amada,
O mesmo mar te banha,
E purpureia os cumes da montanha
A luz da madrugada.

Pelos valles fecundos e formosos
Os mesmos rios vão correndo ao mar,
Serenos, magestosos,
Em que nas bellas noites de luar
Lampejam os fulgores
Que os tornam semelhantes
A' via constellada
Que com leite da deusa dos amores
No ether foi traçada.

D'estas agoas partiram navegantes,
Intrépidos, ousados,
Em terra e mar no prelio denodados,
Atravez dos escolhos e procellas,
Por mares pavorosos navegando,
De dia e noite, foram contemplando
Prodigios, maravilhas,
No ceu, novas estrellas,
No mar, ignotas ilhas,
E em continentes novos,
Raças estranhas de ignorados povos.

As mães que os filhos no regaço emballam
Nas expressões de extremos de ternura
Dos labios seus exhalam,
Como essencia meliflua d'uma flôr,
As vozes com que fôra memorada
Pelas filhas lugentes do Mondego
Aquella «morte escura»
Da que victima foi d'infausto amor,
E tão barbaramente arrebatada
Ao seu «engano d'alma ledo e cego.»

Nos rusticos labores
Alegres camponesas,
E nos montes o rude pegureiro,
Na mesma lingua cantam os amores,
Saudades, ou tristezas,
Em que as cantava Bernardim Ribeiro,
Ao brando som da avena pastoral.

Ainda é esta a nossa terra amada,
Mas a Patria não é! Dilacerada
Por dissenções, a comunhão moral
Extincta jaz, e foram convertidos
Os laços fraternaes d'antigas eras
Em algemas dos pulsos dos vencidos.
Estuam, rebramindo, nas cidades,
Como lavas que fervem nas crateras,
Instinctos maus, crueis perversidades
Que as multidões ignaras tornam feras,
E mádidas de sangue as liberdades,
Por cruentos sectarios perseguidas,
A terra estranha vão pedir guaridas.

O pensamento, assombro de tyranos,
Da expressão liberrima privado,
Vê-se, como um escravo agrilhoado
Nas trevas dos ergastulos romanos.

Até nas mais reconditas aldeias,
De vida pastoril, virgiliana,
De paz não gosa a consciencia humana,
Pois perseguem rebanhos e pastores
As brutas alcateias
D'uns livres pensadores,
Que intentam expugnar d'assalto os ceus,
Julgando-se titans, os vis pigmeus.

Cantor das lusitanas odysseias,
Esta a Patria não é por ti amada!
Culto não tem os patrios monumentos,
Esses padrões da antiga heroicidade,
Aos astros nos teus cantos sublimada.
A esta geração envilecida
Não inspiram os minimos alentos
Para mostrar ao mundo a fronte erguida,
E longe não virá talvez o dia
Em que uma mais audaz demagogia,
Em preito á egualdade,
Derrube os monumentos levantados
A' gloria de varões assignalados
Por insigne valor e lealdade.

Na terra descansae, ó gerações,
Sobre a qual ainda vistes adejando
O triumphante bando
Das aguias da victoria.
Das heroicas, sagradas tradições,

Agora resta apenas a memoria
Que vagamente pelo mundo espalha
Um poema de marmore, a Batalha,
E a sublime epopeia de Camões.

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

«Na prisão dos Paulistas-6-11-914

«Meu caro Antonio Cabral.

«*Á quelque chose malheur est bon!* Ahi tem para que me serviu a longa insomnia d'esta noute: para que podesse ler de um folego o seu livro sobre o Camillo(1). E tal foi a impressão que não quero furtar-me ao dever de juntar um grão do meu encenso ao muito que merece lhe queimem as justiças litterarias da terra, se é que ellas não estão tão gafadas como as outras da republica. Seja porem como fôr, o meu dever de gratidão radicou-o o meu amigo tão fundamente que não posso nem quero deixar de lh'o patentear em nome da minguada parte que me poderá caber de vaidade legitima como sobrinho de um homem que tem n'este mundo a dupla aureola impo-

(1) *Camillo de perfil.*

nente do seu genio e da sua desgraça. Ora como se me afigura que ainda se não consumiu o credito de infelicidades familiares a que se referiu, em conversa com o sobrinho, minha tia-avó, irmã de Simão Botelho, deixe-me compensar as minhas desventuras pessoaes, com um pouco da gloria de ir na companhia e sob a protecção de um tamanho nome.

«Concordo comsigo em que está por fazer o livro de critica da obra do Camillo que na sua vastidão e no seu personalismo, não deixa de ser um precioso documento onde o futuro virá estudar a vida portugueza, tal como ella foi romantica, atabalhoada, e com todos os symptomas precursores d'isto em que ella resvalou depois de cincoenta annos de um liberalismo doutrinario praticado por umas bestas-feras sem generosidade, uns, e outros desalmados pregadores com ancias de esfomeados.

«N'uma das suas cartas a Innocencio o espirito de Camillo, alias avêsso ao sereno julgamento dos homens e factos constitutivos da Historia, tem lampejos de previsão que são como scentelhas de genio quando lhe escreve: «*Hoje, porem, presinto que morreremos a um tempo covardes e estupidos*».

«Está-se enxergando a acuidade da previsão.

Para que nada faltasse á deploravel cultura que, ha annos, vimos dando aos novos, os factos demonstram que o brio portuguez se esfarellou em valentias feitas sob a protecção da policia contra pessoas que, desarmadas para a lucta, só pedem que lhes deixem o magro patrimonio de irem vivendo como poderem agenciar o pão que outros lhe arrancaram...

«Mas vamos ao seu *bom* livro. E digo *bom*, não para qualificar a excellencia do estylo, feito na pratica do livro do Mestre e onde ha paginas de um colorido intenso e de uma proza rectilinea e terça como o seu caracter: digo *bom* porque em todo elle ha uma *patine* de bondosa piedade que enterneceria Camillo se, em vida, lhe fosse dado ouvir palavras semelhantes de justiça e de carinhosa affeição, n'um meio onde o mêdo costuma derrear todas as espinhas e a inveja acerar todos os odios.

«Como documento para o estudo que um dia hade fazer-se o seu livro, como os do Pimentel e os de outros que se teem empenhado em revellar, com a publicação de ineditos, as multiplicadas facetas d'aquelle espirito ao qual a tortura ministra crueis sarcasmos e assombrosas ironias que tornam as de Heine *innocentes boutades* — o seu livro será um precioso

auxiliar pelo que contem de não sabido e, mais ainda, pelo que revella do estremado amor com que os velhos amigos de Camillo relembravam as alegrias de uma amisade nunca perturbada por invejas nem desfeita por infidelidades.

«Porque, alem de tudo o mais, Camillo era, na vida e no trato commum de uma generosa bondade. A quantos não valleu com a sua influencia e prestigio! Ainda não ha muito tempo reli eu as cartas de rendida gratidão com que Trindade Coelho se lhe dirigia beijando-lhe as mãos pelo favor com que recebera o seu pedido de um emprego que Camillo obtivera não sei de que ministro. Aqui no funcionalismo de Lisboa ha um habil servidor do estado que, apesar do seu talento e honestidade, nada seria se Camillo o não houvesse arrancado á pobresa illetrada em que o lobrigaram os filhos, da mesma edade do rapazinho indigente e creio que já sem familia. E como estes quantos casos!

«Ahi tem porque eu me enterneci com a leitura do seu livro e me apressei a dizer-lhe a parte que tomo no aplauso com que elle merece e hade ser recebido pelo publico que ainda se interessa na memoria do escriptor que mais nos tem arrancado lagrimas sensiveis,

o que é um milagre maior que o de Moysés dado o silex de que parece formado o caracter ethnico de muitos dos seus leitores.

«No que todos vamos de conserva é na troça genial com que desancava o Callisto e mais o Conceição e Theophilo que, ao tempo, não tinha pagado os seus delictos no potro da presidencia em que se houve como dos autos consta...

«E com isto não o enfado mais. Sei por meu Filho que me tem guardado um exemplar, o que muito lhe agradêço. Não o declino. Mas a minha curiosidade foi indomavel. E por isso mesmo que ficou contente e satisfeita aqui lh'o venho communicar n'esta singela carta, tal como me sahiu, *pingada do bico*, como diria o Mestre — n'esta radiosa manhã de outomno, no Quartel dos Paulistas, um pouco depois do toque de corneta que convida a *Ordem* ao rancho da manhã. Pelo tropear apressado estou em crer que a *Ordem* está com fome...

«Adeus, meu amigo: uma vez mais, muito e muito obrigado. De mim não lhe fallo, pois que saberá por certas gazetas que as justiças teem *presumpções moraes* de grandes crimes que pesam sobre mim... O que lhe faltam são provas.

«Sancto Deus! Como se contenta com pouco a moral da justiça!...

«Crea-me sempre

«Seu devotado amigo e admirador

J. d'Azevedo Castello Branco.

«C. de V. , Avenida Fontes n.° 18 r/c
1 de Dezembro de 1914.

«Meu presado amigo.

«O livro que V. escreveu acerca de C. C. Branco, *Camillo de Perfil*, é uma sincera e calorosa e merecida homenagem a um grande escriptor, portuguez, que do mesmo passo foi um grande infeliz, pela rude molestia, que o torturou por tantos annos e que teve um epilogo tragico e doloroso. Esta sua homenagem, como a de tantos outros esclarecidos espiritos, que são bastantes ja os que tem falado do popularissimo romancista, é que lhe formam o

pedestal da estatua que elle merece (1). E creia que não ha outra maior, nem mais bella que se lhe possa levantar. Se elle fosse vivo e sobre um tal assumpto podesse ser consultado, e se se prestasse a responder acerca do que preferia, se um pouco de bronze sobre um pedestal de marmore ou granito, ou estas sentidas e valiosas provas de tanto carinho e admiração, estou que preferia o que V. e outros tem escripto acerca do seu grande nome. Estatuas tem-nas tido e tem-nas merecido muitos asnos, apreciações de espiritos cultos como o seu só raros as tem tido. Estatuas erguem-se nas praças com dinheiro, livros fazem-se com talento e admiração, como é a de V. , tão fervorosa e tão sentida, que dá consolação encontrar animos tão justiceiros. Já o disse Renan, que a morte aperfeiçoa o homem mais perfeito, ora Camillo, esta-nos sendo revellado por uma forma, que principia na sua immortalidade a ser um vulto de lenda.

«Fóra dos Geronimos, e sem estatua, que

---

(1) Estou em crer que ainda não é d'esta feita que o infeliz Camillo — desventurado em vida, e até depois da morte! — terá, em Lisboa, a estatua que merece. Desde que, erradamente, metteram no caso o elemento official, a nação, contrariada, retrahiu-se... Era de prever.

Pobre Camillo!...

serviria só para ser contemplada de qualquer basbaque ignorante, Camillo será sempre tido, como um dos mais eximios cultores da nossa lingua. Podem ser-lhe preferidos outros no ponto de vista d'arte ou de philosophia, pois isso depende do ponto de vista em que se colloquem os seus leitores; porem o que ninguem poderá contestar ao grande morto, é o sentimento poetico dos seus livros, a sua grande illustração humanista, e o ter encontrado na lingua portugueza a formula mais perfeita para modelar os seus pensamentos. Homens d'estes são rarissimos em todos os paizes.

«Agradeço-lhe do coração o volume com que a sua generosidade me brindou.

«De V. att.° v.^dor e ob.°

TEIXEIRA DE QUEIROZ.

«Meu distinctissimo amigo.

«Venho hoje agradecer-lhe o offerecimento que, em termos gentilissimos, me fez do seu interessante e admiravel livro: *Camillo de perfil.*

«E venho tarde, porque só ha dias soube ao certo a morada de V. Foi na casa do nosso saudosissimo José Luciano que recebi a informação que precisava e desejava.

«Já por egual motivo deixei de lhe dizer na occasião propria quanto me penhorou o offerecimento doutro encantador livro (1) que V. publicou ha dois annos: o livro em que com o mais adoravel sentimento, mixto de piedade e arte, reuniu os versos deliciosamente simples e suavemente inspirados da illustre Senhora, sua venerada Mãe, que tive a honra de saudar na sua casa de Agrellos, ha quarenta annos. Meço por bem longos estádios a vida passada! Mas dos successos antigos conservo ainda fiel memoria, principalm.° dos que me produziram maior impressão: e foi um desses a visita que fiz a sua casa, e a boa fortuna de conhecer então a nobilissima Senhora, cujos versos havia de ler mais tarde com prazer d'alma e sympathico interesse. E foi assim que os li. Teem um perfume de singeleza e candura, verdadeiramente encantador; rescendem todos a fragrancia da poesia natural, espontanea, como um coração da melhor lei a pode criar e sentir;

---

(1) *Vozes d'alma*, de D. Maria Candida Pereira de Vasconcellos.

derivam, como um veio d'agua purissima, por entre as alegrias e as dores duma vida sancta, perfeita.

«Foi neste genero de poesia que se educou a minha primeira mocidade. Depois veio a poesia subtil, brincada, mais engenhosa do que natural e sincera, passada da essencia á forma, e em que os recamos dum luxo verbal, e os mais requintados artificios, occultam tanta vez, e quasi sempre mal, uma inspiração postiça, contrafeita. Por isso eu, depois de ler os poetas modernos, nephelibatas, exagerad.ᵉ parnasianos, decadentes, satanicos, absolut.ᵉ livres (até do metro e do senso commum), loucos a maior parte das vezes — vou reler o meu velho Lamartine, certo de que na sua poesia, largo e limpido manancial, me dessedento e satisfaço...

«O seu livro ácerca de Camillo é das melhores contribuições, até agora publicadas, para o juizo definitivo que se está formando do grande homem e da sua grande obra. Applaudo-o, meu caro Antonio Cabral, e com ambas as mãos.

«Occupa-se V. neste livro mais do homem do que da sua obra. Fez muito bem. Os casos ineditos que conta, as revelações interessantissimas que faz, os rasgões de luz que abre

na biographia, ainda incerta e em m.tos lanços obscura, do romancista mais romantico que conta a litteratura latina, são de immenso valor. E não deixou de o apreciar no conjuncto dos seus extraordinarios merecimentos, e de render ao seu genio a homenagem critica devida, ao escrever o esplendido prefacio do seu livro.

«Ha, porem, neste prefacio uma affirmação de que peço licença p.ª divergir: é a de que, comparado a Balzac, as vantagens são para o nosso immortal Camillo (1). Não, meu illustre amigo. Balzac é inegualavel. Como criador de figuras humanas está acima de todos. Do proprio Shakspeare, a meu ver. No bloco da eterna verdade humana talhou as suas figuras com mais palpitante verdade e insuflou-lhes uma vida que não acaba. O semi-deus inglez foi mais poeta, mais sublime nas suas visões, e um constructor do ideal que não teve ainda similhante; mas Balzac povoou a sua comedia

(1) O trecho do prefacio do meu livro *Camillo de perfil*, a que se referia Antonio Candido, é o seguinte: «Tenho visto, vezes sem conta, comparar Camillo a Balzac, e eu mesmo, escrevendo ácêrca d'elle, essa comparação já fiz tambem. Será exacto o confronto? Pendo a crer que d'elle só tira vantagens o genial polygrapho portuguez, que, alem de romancista fecundissimo, foi dramaturgo, comediographo, poeta, historiador, jornalista, critico, polemista, e em tudo, e sempre, notabilissimo». Como se vê, eu não fiz uma affirmação peremptoria.

humana de innumeros seres duma intensidade de existencia que, no dizer de Taine, eguala e ás vezes excede a existencia real! Em duas cousas o confronto entre o gigante francez e o nosso Camillo é favoravel a este: no estylo e na ironia. Balzac não escrevia a sua lingua com a sciencia e o esmero com que o nosso escriptor manejava a sua, extraindo dos antigos filões o ouro mais luzente e puro, e levando a perfeição da palavra escripta até onde ella pode chegar.

«O summo, incomparavel mestre que elle foi! Tambem no dom das lagrimas e do riso, dom proprio, que communicava, escrevendo, aos outros, elle foi singular entre nós. De mim lhe digo que raros livros seus li que me não fizessem chorar e rir! E só com os livros doutro escriptor me succedeu a mesma cousa: com os livros de Dickens.

«Estas duas qualid.es eminentissimas de Camillo friza-as V. com grande exactidão e brilho.

«A sua linguagem encanta-me, mais que em tudo, na descripção da paizagem transmontana. Foi a que elle pintou melhor: principalm.e nos seus aspectos mais rudes e selvaticos, nos abruptos alcantis das serras, nos espigões dos altos pincaros em que os nevoeiros se recor-

tam, nas montanhas sulcadas de fundos barrocaes, nos nevões extensissimos vistos de noite, em todos os accidentes daquella natureza verdadeir.ª impressionadora em que reside a tremenda poesia do pavor e do mysterio. Reminiscencias do seu antigo viver entre as penedias do Mezio, e das travessuras pelo meu patrio Marão, esses accidentes fixaram-se-lhe de forma indelevel na imaginação portentosa: e reproduziu-os depois com uma perfeição de palavra inatingivel, desesperadora!

«Todo o seu livro, meu caro Antonio Cabral, é muito bem escripto. Pela ternura com que foi feito, e pelo esmerado estylo que emprega, é bem digno do genial artista a que se refere. A verdadeira critica hade ser justa e benevola. A sua não o esqueceu.

«Por ultimo, e pondo ponto neste algaraviar confuso e talvez impertinente, deixe-me abraçal-o affectuos.ª pela grande amabilidade com que se lembrou de mim, e dizer-lhe que sou

«De V.
m.to adm.or e sincero amigo

«18 de dez.
1914. ANTONIO CANDIDO.

«Meu illustre e distinctissimo amigo

«Devia ter-lhe escripto: não tanto para lhe dar a minha impressão pessoal acerca do seu bello livro sobre o Eça de Queiroz (essa impressão communiquei-lh'a quando nos encontramos em S.ta Catharina), como para lhe agradecer a amavel dedicatoria com que m'o offereceu, e as lisongeiras referencias que nelle me faz.

«O meu coração commove-se com a sympathia e consideração do Antonio Cabral, que tanto aprecio e admiro pelo seu talento, provado, engrandecido dia a dia, e estimo tanto por tudo que pode merecer e distinguir uma individualidade superior: um espirito m.to alto, um caracter m.to nobre.

«Repito-lhe o que de viva voz já lhe disse. O seu ultimo livro, em tam pura linguagem escripto, tam copioso de factos e noticias, tam justo em lanços capitaes de critica, tam interessante na sua parte anecdotica, tem seguro e certo um largo exito, presente e futuro; ha de ser relido, consultado e discutido. E é isto o que mais apraz a um auctor serio, preoccupado com o destino da sua obra.

«Felicito-o calorosamente. E ha nisto tambem o interesse da minha natural vaidade.

No seu livro viverá o meu nome: o nome e a memoria deste seu vizinho e amigo, que a mesma paizagem grandiosa educou, e a quem o mesmo horizonte de montanhas altas deu o habito feliz de olhar para cima, para o Ceo.

«Vou pôr o seu livro ao lado do *Camillo de perfil*. Muitas vezes os relerei; e sempre com grande prazer d'alma, em que entrará a minha sympathia e gratidão pelo seu auctor e meu amigo, tam primoroso e gentil sempre.

«Abraço-o, e sou, desde m.to e p.a sempre,

«Seu adm.or e collega,
«15 de junho 1916 vivam.e affeiçoado e grato

ANTONIO CANDIDO.

«Meu illustre e presadissimo amigo

«Antes de lhe dizer as palavras do meu agradecimento pela offerta d'um exemplar do seu interessantissimo livro sobre o *Camillo desconhecido*, que tam grande prazer me deu, e que vai ser conservado com carinho e cuidado na m.a modestissima bibliotheca — quero exprimir-lhe quanto senti a sua prisão absolu-

tamente injustificavel por causa da *inhabil, insensata* e *desastrada* revolução monarchica, e a alegria que me deu vel-o restituido á liberdade que nunca devia ter perdido.

«Estive quasi sempre de cama, recolhido em casa se me levantava, com successivos ataques de *grippe* ou de cousa que o parecia, a tremer de pavor e receio de doença mais maligna; aliás tel-o-ia ido ver ao Governo Civil e ao H. de S. José — vencendo a m.ª repugnancia a apparecer num e noutro logar.

«Informei-me por todas as pessoas que podiam dar-me noticias suas, e acompanhei-o em espirito, sempre com o maior interesse. Creia-me, meu querido amigo.

«O seu livro apresenta um Camillo desconhecido de quasi toda a gente, ainda a mais culta e versada na litteratura camilliana. Projecta verdadeira luz sobre muitas phases obscuras e complicadas da enredada biographia do desgraçado Camillo, que pagou por alto preço, em dores e agonias, o genio que Deus lhe concedeu liberalmente.

«O Antonio Cabral tem uma grande paixão pelo admiravel escriptor; e eu que o conheci e vivi perto delle algum tempo, e tantas vezes chorei e ri em paginas seguidas da sua obra immortal, tenho um sentimento egual ao seu:

e pela alta e perfeitissima lição, que elle me deu, de todas as graças e de todas as opulencias da nossa lingua, de que é, segura.ª, o maior artista e o inegualavel Mestre, e pelo quasi filial affecto que lhe tive — permitto-me a liberdade de lhe agradecer (não tenho, claram.ª, esse direito) tudo o que tem feito para que seja vista a toda a luz tam excelsa e querida memoria, com uma indagação paciente e trabalhosa, com a mais sagaz e penetrante critica, e uma ternura que me levaria a acoimar de fanatica a sua devoção, se a não sentisse merecidissima e de todo ponto justa.

«A dedicatoria gentil com que me mandou o seu livro presei-a e preso-a m.to porque é um novo testemunho da consideração com que me honra e ennobrece.

«Peço-lhe que apresente ao seu illustre irmão, e meu amigo, o snr. cons.º Alexandre Cabral os meus cump.tos, e ás Ex.mas Senhoras dessa casa as m.as rendidas homenagens.

«Abraço-o e sou

«Seu m.to admirador e am.º grato

«9-4.º-919. ANTONIO CANDIDO.

«Braga. Casa de V. 6-VI-16

« Senhor Conselheiro Antonio Cabral

«Se V. não tivesse tido a amabilidade de me offerecer um exemplar do seu *Eça de Queiroz*, eu com certeza o compraria. Vae ser para mim um livro de saudades, e de tristeza: de saudades, porque convivi e lidei com quasi todas as pessoas a que elle se refere, e de tristeza porque quasi todas ellas, a grande ceifeira as levou para o *au-de lá*, como lhe chama o Huysman.

«Não são muitos os que ainda restam. *Rari nantes*...

«No capitulo: *Eça de Queiroz em Coimbra*, que eu já lera no *Instituto*, ha uma pequena inexactidão. Eça de Queiroz nunca viveu em minha casa, isto é, na das Seixas: apenas nos ultimos dous ou tres mezes da sua estada em Coimbra, passou a dormir commigo, *duo in eodem lecto*, e era ahi que, de manhã, e sentados na cama, nos era levado o almoço (1).

---

(1) No que escrevi no capitulo *Eça de Queiroz em Coimbra*, do meu livro *Eça de Queiroz*, nenhuma inexactidão existe. Lê-se ali, em referencia á taberna das tias Camellas, que ella «deixou vincadas impressões indeleveis na memoria de Eça de Queiroz, que no ultimo anno da sua formatura lá ceava todas as noites em com-

Vinha n'um taboleiro, e consistia, invariavelmente, em óvos batidos, com queijo parmesão ralado, e uma pitada de pimenta, segundo a formula de Brillat de Savarin, e um pão (por cabeça) com manteiga ingleza, da melhor.

«E sentados assim na cama, viamos lá em baixo o Mondego a deslizar, e, de fronte, os chorões da Fonte dos Amores. Que saudade!

«Depois, Eça desapparecia, e só o tornavamos a ver ao pôr do sol, para as scenas nocturnas, que nunca findavam senão depois da meia noite, e que ás vezes se prolongavam até ao romper da aurora. Para nós, todos os dias eram vesperas de feriado.

«Mesmo aquelles que tinham de fazer acto, não deixavam, por isso, de comparecer ás horas do costume, e alguns d'elles, como por exemplo, o Marçal Pacheco, e o actual presidente da republica, eram dos premiados.

«Perdoe-me V. estas divagações. Lido o

---

panhia do illustre poeta João Penha, em cuja casa ia dormir, como este me assegurou em graciosa carta que possuo e cuidadosamente conservo.»

Como se prova pelo trecho que fica transcripto, eu não asseveiro, no meu livro, que Eça de Queiroz viveu em casa de João Penha — ou seja na das snr.as Seixas, na Couraça de Lisboa —, no ultimo anno da sua formatura: affirmo apenas que ia lá dormir todas as noites, o que é differente.

volume, darei conta das impressões que a sua leitura me deixou. (1)

«Agradecendo, subscrevo-me

«De V. admirador sincero

JOÃO PENHA.

«Lisboa 26-11-1914

«Sr. Dr. Antonio Cabral:

«Não quero deixar passar mais tempo sem reiterar a V. o meu agradecimento pela gen-

---

(1) Infelizmente, a doença, e, depois, a morte, de João Penha, não permittiram que elle me desse conta das suas impressões sôbre o meu livro *Eça de Queiroz*. Lamentavel perda, para mim, da alta critica de tão alto poeta!

Vem a proposito referir que as duas quadras de João Penha, que provocaram o seu duello, em verso, com Guerra Junqueiro — quadras a que alludo atraz, a paginas 260 — foram estas:

Iam caminho de Cintra.
Montados n'um só jumento,
Um vate e um dandy pelintra
Soltando canções ao vento.

Pára o burro; é como chumbo.
Diz-lhe o bardo: «ó gambias pôdres!»
Responde o triste: «succumbo
Sob o peso de taes ôdres.»

tilissima oferta do seu livro (1) e pelas benévolas referencias que nele me faz.

«V. produziu uma obra excelente, quanto o podem ser trabalhos de investigação, que ficam sempre sujeitos a adições e correcções futuras, até dos proprios autores.

«Mas eu especializarei aquelas boas e lindas paginas em que perpassa o sentimento regionalista, tão evidente nas minudencias e pormenores, e em que as informações do Pai de V. e de Manuel Negrão teem o valor de testemunhos irrecusaveis.

«Deixe-me dizer-lhe, quanto á personalidade da Maria da Fonte, que eu continuo a considerá-la um mito e assim foi tambem considerada no parlamento português em 1848, apenas dois anos depois da revolução.

«Quanto ao Mac-Donell lembrarei que ha uma cantiga popular, inteiramente conforme com as indicações de V.

«Os capitulos *Uma casa triste*, *Os duelos de Camilo* e *Um Amigo de Camilo* são optimos — são regionalistas e intimos...

«Quanto ao *Camilo orador* lembrei-me agora de que talvez algum jornal satírico do Porto, se então os havia (por exemplo *O Raio?*)

---

(1) *Camillo de perfil.*

fizesse referências ás reuniões eleitoraes e aos oradores.

«Muito teria eu ainda a dizer sobre o livro de V. , mas falta-me o tempo neste momento, bem a meu pezar. Fica o assunto de remissa para quando nos encontrarmos.

«Com a maior consideração e estima,

«De V.
muito obrigado e
sincero admirador

ALBERTO PIMENTEL

«Lisboa 13-6-1916

« Sr. Dr. Antonio Cabral,
«Meu prezado amigo:

«Após duas semanas de maiores sofrimentos de estómago, venho hoje novamente agradecer a amabilidade da sua visita e oferta e dizer-lhe a minha opinião, ainda que pouco autorizada, sôbre o livro de V. —*Eça de Queiroz*.

«Li-o vagarosamente e com algumas pausas

forçadas; mas esta mesma circunstancia me permitiu maior atenção e estudo.

«Gostei imenso. E só tenho a lamentar que a politica não deixasse V. cultivar desde mais tempo a literatura, cuja auspiciosa estreia já havia feito em Coimbra.

«O estadista, o politico fez boa figura, não ha dúvida, e os seus discursos tinham boleio literário.

«Mas o escritor, o escritor ei-lo aí, excelente, optimo, tanto no *Camilo* como no *Eça*.

«V. , como critico e biógrafo, possue uma qualidade rarissima, ou antes duas qualidades: a independência e a delicadeza.

«Sabe dizer tudo.

«Na investigação, funda e segura, não há escritor moderno que lhe deite a barra adeante.

«Os dois livros são igualmente bons e ha apenas uma unica diferença entre êles: é que V. admira e ama Camillo; e admira mas não ama, o Eça.

«Não será assim? (1)

---

(1) Engana-se, o illustre escriptor: não é assim. Eu admiro e amo Eça de Queiroz, como admiro e amo Camillo Castello-Branco, como admiro e amo o talento e o genio, em quem quer que se ma-

«Desculpe agora e sempre o

«De V.
admirador e amigo obg.mo

ALBERTO PIMENTEL.

---

nifestem. para o bem e para o bello. O que não sou é cego. para não ver os erros e os defeitos de Eça, como tambem tenho olhos para enxergar os erros e os defeitos de Camillo. Aponto-os. em um e em outro dos grandes escriptores. Este livro é prova d'esta minha affirmação, como o são varias passagens d'outros livros meus, que eu poderia indicar, se não temesse enfadar os leitores. No *Camillo desconhecido* e no *Eça de Queiroz*. ha paginas que demonstram o que deixo exposto.

Antonio Cabral

INDICE

Pag.

Prefacio 7

PRIMEIRA PARTE

CAMILLO

Capitulo I — Camillo. 23
» II — Uma injustiça de Camillo . . . 41
» III — Camillo batalhador 67
» IV — Cartas inéditas de Camillo. . . 93

SEGUNDA PARTE

EÇA DE QUEIROZ

Capitulo I — Eça de Queiroz. 183
» II — Os plagios de Eça de Queiroz . 211
» III — Eça de Queiroz e João Penha. . 253
» IV — Prosa desconhecida 275

Appendice. 285

ERRATAS

Confiando da intelligencia do leitor a emenda de alguns erros, apontam-se apenas os que seguem:

Paginas	Linhas	Onde se lê:	Leia-se:
43	5	Enterpe	Euterpe
65	9	contricto	contrito
72	11	se interprete	de interprete
93	12	communição	communicação
99	17	46 cartas	48 cartas
108	ultima	46 cartas	48 cartas
268	17	admlravel	admiravel

869.3
C34Z
869.3 C34Z C11
a39001 0082175346

COIMBRA EDITORA, L.DA

(ANTIGA CASA FRANÇA & ARMÉNIO)

Anselmo de Andrade — **Viagem em Espanha,** 1 vol.

Augusto Casimiro — **África Nostra,** 1 vol.

— **Portugal e o Mundo,** 1 vol.

António Molarinho — **Lira romântica,** com uma carta inédita de Antero de Quental, 1 vol.

Alexandre Cabral — **Cartas da Aldeia,** com um prefácio do conselheiro António Cabral, 1 vol.

Cunha e Costa — **Paisagens, Perfis e Polémicas,** 1 vol.

— **A Igreja Católica e Sidónio Pais,** 1 vol.

— **O Perfeito Advogado** (conferências), 1 vol.

D. Maria Madalena — **Poemas da Côr e do Silêncio,** 1 vol.

Eduardo de Noronha — **A Dança no estrangeiro e em Portugal,** 1 vol.

Fernando Emídio da Silva — **Fora de Portas,** 1 vol.

José Caldas — **D. Frei Bartolomeu dos Mártires,** 1 vol.

Joaquim Martins de Carvalho — **Os Assassinos da Beira,** 1 vol.

O Terror nas Beiras — Apontamentos da vida de *João Brandão* por êle escritos nas prisões do Limoeiro, em 1870, envolvendo a História da Beira desde 1834, 1 vol.

João Ameal — **Balões Venezianos,** 1 vol.

M. Gonçalves Cerejeira (Dr.) — **A Igreja e o Pensamento Contemporâneo,** 1 vol.

Mons. J. Augusto Ferreira — **Estudos Histórico-Litúrgicos.**

Mendes dos Remédios (Dr.) — **Conferência sôbre os autos de Gil Vicente,** 1 vol.

Nicolau da Fonseca — **Uma carta e algumas notas inéditas de Camilo Castelo Branco,** 1 vol.

Oliveira Salazar — **Centro Católico Português** (conferência).